

Maria Célia Lima-Hernandes

RELAÇÃO ENTRE MENTE & GRAMÁTICA

**Processos sociocognitivos de mudança:
Construções x-que no Português Brasileiro**



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RELAÇÃO ENTRE MENTE E GRAMÁTICA

*PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS DE MUDANÇA:
CONSTRUÇÕES X-QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*



Universidade de São Paulo

Reitor

Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Antonio Carlos Hernandes



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor

Paulo Martins

Vice-Diretora

Ana Paula Torres Megiani

DOI: 10.11606/9786587621760

Maria Célia Lima-Hernandes

RELAÇÃO ENTRE MENTE E GRAMÁTICA

*PROCESSOS SOCIOCÓGNITIVOS DE MUDANÇA:
CONSTRUÇÕES X-QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

 fflch
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2021

L732 Lima-Hernandes, Maria Célia.
A relação entre mente e gramática [recurso eletrônico] : processos sociocognitivos de mudança : construções x-que no português brasileiro / Maria Célia Lima-Hernandes. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2021.
5.965 Kb ; PDF

ISBN 978-65-87621-76-0
DOI 10.11606/ 9786587621760

1. Gramaticalização. 2. Português do Brasil. 3. Processos cognitivos. 4. Gramática. I. Título.

CDD 469.5



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada

Diagramação de *Walquir da Silva* MTb n. 28.841/SP

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP por ter apoiado, durante 1 ano a pesquisa de campo, sobre rotas de gramaticalização, entre 2006 e 2007.

Agradeço à USP pelo período de afastamento para pesquisa na Universidad de la República, no Uruguai, onde tive contato com teorias de mudança social.

Meus esforços e contribuições tiraram o tempo de atenção e amor que seriam dedicados à Carla, à Ingrid e ao Caio. Agradeço-lhes por compreenderem a importância do que realizo na Universidade de São Paulo.

Duas especialistas contribuíram com perguntas e questionamentos relevantes para que este material chegasse a uma versão final bastante melhorada: Maria Luiza Braga e Maria Helena de Moura Neves. Agradeço-lhes por isso.

Dedico este livro a

Carla e Ingrid

meu netinho, Caio Luiz, o novo ar de minha respiração, a nova oportunidade de refazer um percurso ontogênico e de recolher pistas do processo filogênico.

Maria Luiza Braga, ex-orientadora, exemplo de vida, amiga.
Membros do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição (LinC - USP)

Sumário

Apresentação	II
I. Fundamentação teórica	18
1. Gramaticalizar é um processo cognitivo-social	20
2. Refinando as discussões sobre gramaticalização	29
2.1 Gramaticalização: confusões entre unidirecionalidade e unilinearidade	30
2.2. Gramaticalização e os mecanismos de metáfora e metonímia.	52
II. Situando o problema e Desenhando o percurso para sua resolução	64
1. O Problema	64
2. O encaminhamento metodológico	74
III. Estruturas X-que no Português do Brasil	94
1. A evolução das Locuções Conjuntivas Adverbiais do latim ao Português	97
1.1 As locuções conjuntivas adverbiais	99
1.2 Motivações da mudança	119
a) hipótese do subjuntivo	119
b) hipótese do relativo	131
IV. Mecanismos sociocognitivos em atuação	148
a) ainda que	148
b) antes que	152
c) assim que	155
d) até que .	161
e) bem que/se bem que	166
f) como que	171
g) logo que	175
h) pois que	176
i) só que ...	181
j) tanto que	185
Conclusões	192
Bibliografia e documentação	198

FIGURAS e TABELAS:

Figuras:

Figura 1: Esquema de Interação Verbal de Dik (1997)	22
Figura 2: Continua de categorias cognitivas	31
Figura 3: Diferenças entre metonímia e metáfora (Bisang, 1998)	54
Figura 4: Estágios do processo de gramaticalização (Bybee, Perkins & Pagliuca, 1994)	60
Figura 5: Pronomes relativos no latim clássico	132
Figura 6: Pronomes relativos no latim vulgar	133

Tabelas:

Tabela 1 – conjunções de condição	105
Tabela 2 – Conjunções de causa	107
Tabela 3 – Conjunções de concessão	109
Tabela 4 – Conjunções de tempo	111
Tabela 5 – Conjunções de finalidade	112
Tabela 6 – Conjunções de conclusão	113
Tabela 7 – Conjunções de modo	113
Tabela 8 – Conjunções de comparação	114
Tabela 9 – Conjunções de restrição a um asserto	114
Tabela 10 – Conjunções de Exceção a uma hipótese	115
Tabela 11 – Conjunções de proporcionalidade	115
Tabela 12 – Resultados gerais de frequências	190

Gráficos:

Gráfico 1: Distribuição de usos	191
---------------------------------	-----

sabemos que los hábitos lingüísticos familiares tienen en todas las épocas una estructura íntima típica: los cambios que en ellos observamos a través del tiempo se basan sobre todo en la renovación afectiva de expresiones debilitadas fonética y funcionalmente mediante otras más fuertes, la agregación creciente de interjecciones secundarias a las primarias, etc. (p. xiii) (...) no es posible una manifestación lingüística con total ausencia del afecto, porque sin un interés personal, sin la necesidad de obrar de algún modo sobre los demás con nuestra manifestación, no pronunciaríamos ninguna frase. Llegaremos finalmente a conocer la lengua en el fluir vario de su cauce natural y no en las represas, embalses y esclusas de su evolución artificial literaria y libresca. (p.x) (Hoffmann, 1958:1)

Apresentação

(...) sólo el pensamiento histórico presa a este sistema su firmeza y claridad, así como el proceso de cristalización necesita de una fluidez circundante. De hecho, sólo dentro de la historia lingüística puede formarse un sistema de la gramática de dureza y transparencia cristalina. Una gramática que se mantenga ajena a conceptos históricos como comunidad lingüística, evolución lingüística, mezcla lingüística, etc., no puede ser ni pensada sistemáticamente ni hablada en la realidad. (Vossler, 1944[1923]:117).

A produção científica sobre gramaticalização foi se ampliando enormemente na segunda metade do século XX as contribuições nacionais alcançaram o cenário mundial, e descrições criteriosas brasileiras com dados empíricos contribuíram para o avanço de pesquisas europeias.

Esse cenário foi o esteio para a proposição de mais esta produção científica, que vem à lume engrossar o caldo de reflexões sobre os grandes avanços funcionalistas sobre gramaticalização. A ideia era propiciar uma organização da produção científica dispersa nos centros de pesquisas funcionalistas de São Paulo, de modo a cotejar as várias descobertas da segunda metade do século XX até o início do século XXI e revisitá-las num novo recorte linguístico em busca das categorias subjacentes (ou cognitivas) perdidas durante o processo de mudança. Depois, com as novas leituras e reflexões, o mais importante se tornou abrir um espaço de reflexão sobre rotas de gramaticalização e sobre os mecanismos motivadores.

A tarefa não foi simples porque lidar com processos complexos como são os cognitivos exigem um esforço à proporção dessa dificuldade. Ao longo deste livro, investigarei a atuação de forças sociocognitivas (memória¹, estatuto informacional) como favorecedoras do geren-

1 A memória é a capacidade de adquirir (aquisição), armazenar (consolidação) e recuperar (evocar) informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória biológica), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial).

ciamento da explicitação sintática de informações. Saber se é possível que um formato estrutural inovador, coincidente com um formato estrutural recorrente e antigo na língua, poderia, em ambiente sintático específico, provocar a recategorização gramatical do uso inovador, no caso as estruturas x-que de base adverbial, foi objetivo precípua da pesquisa que relato.

A implicação dessa descoberta para o que se sabia sobre gramaticalização produziu um impacto positivo, pois tornou-se possível reconhecer que há momentos em que o falante gramaticaliza intenções assim como haveria momentos em que o falante, atendendo às necessidades pragmático-discursivas, reorganizaria inconscientemente as estruturas gramaticais. O primeiro tipo de gramaticalização aludido seria aquele de base mais discursivo-pragmática (gerando articuladores discursivo-textuais, como marcadores textuais e conversacionais) e o segundo, aquele de base mais gramatical (gerando conjunções e articuladores sentenciais), menos perceptível, porque atuante em planos mais abstratos da língua. Infelizmente, desde aquele momento dessa descoberta pouco houve de mudança no ensino de gramática nas escolas básica e também superior. Essa foi a razão por que resolvi retomar o relato da pesquisa e divulgá-la, agora, num formato de livro digital.

Espero que esta empreitada tenha o potencial para provocar discussões imprescindíveis e importantes sobre a mudança de direção assumida na trajetória evolutiva de itens/estruturas do português e dos prejuízos categoriais que sofrem as codificações sintáticas. Essas discussões permitirão que professores e estudantes verifiquem que gramática não é algo fora do indivíduo, mas uma projeção de sua forma de calcular o que é mais ou menos produtivo e frequente na língua materna. Justamente por isso, à época, nomeei esses processos pouco visíveis de processamentos cognitivo-sociais.

Uma grande preocupação escolar com a mudança linguística normalmente relaciona-se com a aplicação das normas gramaticais. E estudantes, anos após anos, passam pelo processo de aprendizagem de usos “corretos” quase sempre sem refletir sobre os contextos de uso e sobre a razão das diferenças sociolinguísticas. A despeito de nos livros didáticos já se verificarem fortes influências tanto da Sociolinguística quanto da Linguística Histórica, especialmente no que tange à variação linguística, uma enorme lacuna se abre sobre a importância da estabilidade da língua.

Sabemos que, nas línguas, a mudança é esperada e normal, graças à estabilidade, que garante que a mudança não seja abrupta e que a intercompreensão continue ocorrendo. Os mecanismos ou planos cognitivos que dirigem a mudança são os mesmos que sugerem a impressão de estabilidade contínua. Sabemos, contudo, que a ruptura existe, e ela é o que dá movimento à língua. A mudança é lenta e gradual? Sim. A mudança é abrupta? Sim, também, mas, quando essa ruptura se manifesta, não nos damos conta dela, porque ocorre uma espécie de camuflagem junto a outros padrões recorrentes.

Muitas vezes, em seus resultados, sociolinguistas deparam-se com casos de não-mudança, as variações estáveis. Muitos desses casos são avaliados como presos a uma trajetória que vem do passado e se mantém como tal no momento presente, gerando conclusões de que essa estabilidade se projete também para o futuro. O mesmo se dá com as análises que projetam mudanças tal como alguns autores evidenciaram.

McMahon (1996), por exemplo, ao considerar os fenômenos de mudança linguística, apresentou um histórico do termo *grammaticalisation*². Seu ponto de partida para a explanação foi a definição de

2 A par dos rótulos classicamente associados ao processo de gramaticalização, outros termos mais recentemente foram utilizados para referência ora às fases do processo ora ao processo como um todo. São estes os termos: semantic bleaching/weakening, reanalysis, syntacticization, ‘univerbation, condensation, e reduction (Kurylowicz 1964, 1965; Benveniste 1968; Traugott 1982; Langacker 1977a:103; Givón 1984; Heine & Reh 1984; DeLancey 1985; Lehmann 1985; Heine,

Antoine Meillet (1965[1912])³, segundo o qual palavras de uma categoria lexical plena, tais como nomes, verbos e adjetivos, tornam-se categorias gramaticais – como são as preposições, conjunções, advérbios e auxiliares. É possível notar que a gradação ainda corria entre dois polos, distanciados e não ligados por categorias menos plenas ou mais gramaticais. Isso é inferido do agrupamento feito por Meillet, quando junta numa mesma lista de categorias plenas os substantivos, os verbos e os adjetivos. Depois de mais de duas décadas de retomada desse tema da gramaticalização nas pesquisas, podemos seguramente afirmar que nenhuma categoria é tão homogênea como postulou Meillet. Há verbos mais e também menos plenos, há adjetivos mais e também menos plenos.

Por conseguinte, gramaticalização não mais poderia ser traduzido unicamente como processo de mudança morfológica, mas, sim, como um processo de mudança global que afeta a outros subsistemas, tais como a fonologia, a semântica e, como instância de explicitação do encadeamento de itens e informações, a sintaxe com motivações de mecanismos cognitivo e social. Igualmente não pode ser tido como um fenômeno circunscrito a uma língua específica, posto que se revela altamente produtivo em todas as línguas naturais, exatamente porque não é um fenômeno que se dissocie da cognição humana.

A mudança e o mecanismo que a deflagra associa-se a essa movimentação às vezes tão tênue que mal permite a recategorização. De qualquer modo, já pode representar os passos incipientes de um processo de gramaticalização, especialmente se é percebida a movimentação de traços subjacentes. Combinar numa metodologia os vieses sincrônico e diacrônico favorece que hipóteses, intuições e resultados

Claudi & Hünemeyer 1991; Traugott & Heine 1991). Também há referências a um output mais abstrato em contraposição a um input mais concreto (Traugott 1980:46, 1990; Lehmann 1985; Harris & Campbell 1995:20).

3 Meillet (1965[1912]:131) define gramaticalização assim: “le passage d’un mot autonome au rôle d’élément grammatical”.

sincrônicos possam ser referendados. Nessa direção vão as palavras de Traugott & Heine (1991) quando defendem que gramaticalização abarca a concepção de processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação.

A respeito da perspectiva que lida com a codificação gramatical, a que este trabalho se liga mais diretamente, está sempre associada primariamente a uma abordagem sincrônica, que é complementada pela referendação diacrônica, seja ela por meio de um *corpus* bem organizado ou por outros recursos que favoreçam a captação de outras estratificações sincrônicas. Os trabalhos nessa perspectiva lidam com pequenos deslizamentos funcionais e captam a mudança ainda em curso, muitas vezes sem envolver qualquer mudança de classe de palavras.

Nessa tentativa de reduzir ao mínimo o quadro de definições e perspectivas que podem ser lidas de modo mais detalhado, em inglês, no trabalho de Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a) e, em português, tanto no trabalho de Lima-Hernandes (2005) quanto na coletânea de Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), concluo esta seção apontando para o objetivo mais geral deste trabalho: demonstrar o papel da metonímia e da reanálise (mecanismos sociocognitivos) na mudança linguística que tem se manifestado nas construções x-que do português do Brasil.

A construção x-que equivale a estruturações em que um primeiro elemento (nominal, verbal ou adverbial) se combina com outro elemento *que*, de estatuto categorial impreciso. Neste livro, restrinjo-me ao estudo daquela construção encabeçada por um advérbio e tento rastrear que processos favoreceriam sua recategorização como conjunção subordinativa.

É relevante esclarecer que este livro apresenta um recorte transversal em produções que tenho realizado na área da gramaticalização. Ela não é o retrato fiel e completo dos estudos que tenho desenvolvido, mas lida com o que de mais básico há em todas as discussões do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição, que coordeno desde 2006 na

Universidade de São Paulo: a correlação entre fatos linguísticos, fatos sociais e cognição. Isso quer dizer que o processamento cognitivo assume a função de arranjar de modo funcional toda a resposta que o indivíduo precisa dar às situações comunicativas, tudo isso antes mesmo de o indivíduo manifestar, por meio de material sintático, a informação.

Para dar conta dessa discussão, organizei este livro em três capítulos. No primeiro, organizo os aspectos teóricos que mais claramente sustentam as análises propostas; no capítulo II, apresento as considerações de caráter metodológico, como seleção de materiais, forma de análise e estratégias desenvolvidas para o estudo; e no capítulo III, organizo a análise das seguintes locuções conjuntivas adverbiais: *ainda que, antes que, assim que, até que, bem que, se bem que, como que, logo que, pois que, só que e tanto que*. Exploro duas hipóteses para sua evolução: hipótese do subjuntivo e hipótese do relativo.

A ideia de que fronteiras sintáticas podem ser rompidas em resposta a uma acomodação fônica já foi amplamente testada e ratificada em estudos anteriores. Agora volto-me para o objeto sintático e hipotetizo que efeito similar ocorra durante o processamento da sintaxe sob o comando de outros domínios integrados: o social (interação conversacional) e o cognitivo (estatuto informacional, memória, reanálise, analogia).

Assim como é comum o reconhecimento de que a fonética sintática pode alterar as fronteiras entre as palavras, às vezes alterando as propriedades e traços fônicos de consoantes finais ou iniciais de palavras (fenômeno articulatorio), também é possível a interferência da cognição na sintaxe da língua. Esse fenômeno se dá quando o falante, contando com o que seu interlocutor sabe, elimina segmentos informacionais, aproximando o que, em situação diversa, seria distante. Essa aproximação pode provocar a reanálise se for produtiva na língua, ou seja, com a rotinização a reanálise atuaria mais facilmente.

O efeito disso para a aquisição da língua por crianças é devastador, pois as crianças guiam-se, desde idades muito tenras, pela rela-

ção forma-função específica da língua materna (Tomasello & Bates, 2002:277) e, quando falamos em gramaticalização e estratificação (e demais princípios cunhados por Hopper, 1991), não estamos somente nos referindo à língua em si, mas a camadas sociais e suas relações cognitivas com a língua em uso. Essa é a proposta de moldura para a discussão que se abre neste volume.

I. Fundamentação teórica

“Em sí la “sincronía” es un momento dentro del flujo ininterrumpido de la “diacronía”, de la historia. El sistema de la lengua se altera en el curso de la historia y, al propio tiempo, conserva en todo momento su capacidad funcional.” (Lausberg, 1970[1963]: 26)

Neste capítulo, apresentarei as bases de algumas teorias e pressupostos teóricos com que tive contato nas formulações, análises e postulações de rotas que explicassem a relevância da metonímia como mecanismo sintático de mudança linguística. No decorrer das leituras, as reflexões acabaram tomando um rumo diverso do classicamente adotado, mas, em encontros especializados no tema, pude perceber que havia uma sintonia no que se refere às preocupações e natureza dos objetos observados.

Durante os estudos, percebi que, para a deflagração do mecanismo da metonímia, havia primitivamente a atuação de algum tipo de memória do indivíduo. Lendo materiais sobre o tema e refletindo sobre os modelos teóricos que já estava estudando pelo menos dez anos antes de realizar este estudo (teoria funcionalista, teoria da gramaticalização e teoria sociolinguística), notei que o problema estava na concepção de língua, para que todas as questões fizessem sentido e para que os encaminhamentos metodológicos se projetassem de modo adequado.

Definir língua é, assim, o ponto de partida para se entender o posicionamento de cada autor a respeito da mudança linguística e a implicação disso para os seus encaminhamentos metodológicos. Assim, se para Neves (2002) a língua é um **sistema semântico**¹ e, como tal, manifesta a produção de sentidos por meio de enunciados linguís-

1 Segundo Halliday (1985), esse fato não remete unicamente a significados de palavras. Inclui-se nessa designação a inter-relação de dois domínios: léxico e gramática.

ticos, para Castilho (2006) ela é um **sistema funcional de base pré-verbal**. A vasta produção desses autores às vezes aparece lado a lado na construção de argumentos teóricos de mesma fundamentação, no entanto seus postulados e análises não podem ser interpretados como equivalentes, mas, sim, como complementares.

A despeito das diferenças existentes entre perspectivas funcionalistas, é evidente a substancial massa que fermenta nesse grupo: o desvendamento do processo de compartilhamento de conhecimento e de informações. Níveis funcionais (ideacional, interacional e textual) correspondem, metodologicamente, a cada uma das formas de recortar, observar, controlar e constatar como esse compartilhamento se manifesta.

Língua é interação, língua é fato social, mas, antes de ser social e interativa, ela é uma forma de cognição que já se manifesta antes mesmo de serem proferidas as palavras; ela pode ter sua evolução acompanhada no processo de aquisição da linguagem pela criança desde a fase mais tenra até a vida adulta. Se a criança desenvolve, aos nove meses, a habilidade de replicar comportamentos é porque ela está amadurecendo em sua função de observadora de si e do mundo circundante. Para que replique um comportamento, ela precisará prestar atenção, e o controle da atenção vai, assim, sendo maturado. Se mais adiante conseguir formular uma holófrase², é porque soube selecionar termos importantes de uma situação interativa que se foi repetindo ao longo de seu crescimento ou de suas atividades cotidianas. Mais do que aprender a articular uma frase ou a usar o verbo, por exemplo, “dar”, a criança está aprendendo a conseguir coisas.

Em consonância com essa posição, as ideias contidas neste livro alinham-se aos fundamentos cognitivistas, que me permitem assumir a língua como uma forma de cognição. Desde que é adquirida, a língua reflete um exercício contínuo de aprimoramento de capacidades cognitivas. Por meio de uma palavra dita somada a conhecimentos de

2 Enunciado constituído de uma só palavra, que funciona como uma frase (Houaiss & Villar, 2001).

hábitos, podem-se compreender a informação global e os objetivos do interlocutor, por exemplo. Assim, a língua é um sistema organizador de objetivos e intentos comunicativos, via ‘empacotamento’ cognitivo. E a sintaxe, como sistema que *pari passu* operacionaliza a comunicação de informações, é a forma de codificação desses intentos numa esfera linguística. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a mais importante distinção que um falante faz, no plano cognitivo, é aquela entre *eventos e participantes*; e, no plano da língua, os pares distintores mais importantes são: (i) *tópico discursivo* (sobre o que se fala) e *foco discursivo* (o que se fala sobre algo)³; e (ii) *coisa e processo*⁴.

Alguns campos teóricos precisam ser aproximados para dar conta de uma concepção tão ampla de língua: a teoria da gramaticalização, que assume um diálogo bastante frutífero com a teoria funcionalista; e a teoria cognitivista, que permitirá reflexões sobre mecanismos perceptivos humanos. Esses campos aparecerão integrados nesta estuda porque seus efeitos são também integrados no sistema complexo e dinâmico da língua.

1. Gramaticalizar é um processo cognitivo-social

Muito do que se desenvolveu junto aos estudos funcionalistas tiveram como fonte informações revisitadas nas *Teses* do Círculo Linguístico de Praga (CLP). Um novo tempo permite, muitas vezes, que uma ideia ganhe em maturação e possa receber nova aplicação, muitas vezes muito mais eficiente do que se conseguia vislumbrar anos antes. Este livro inspira-se nessas descobertas das quais me faço eco ao assumir *língua* como um sistema funcional que atende a dois objetivos: comunicar e expressar. O CLP deixa-nos claramente a ideia de que a intenção do locutor fundamenta seu discurso. Num momento em que

3 Esses critérios são identificados por Hopper & Thompson (1984).

4 Esses critérios são identificados por Langacker (1987) quando trata das categorias de verbos e nomes.

a Linguística Cognitiva nem sonhava em nascer, podemos dizer que o CLP apresentava métodos e reflexões bem adiante de seu tempo.

Veremos que essa ideia é justamente a que une todas as correntes funcionalistas contemporâneas. *Função* equivale à variedade de emprego, ao modo de realização e aos efeitos comunicativos decorrentes⁵. Muitos funcionalistas têm investido no entendimento dos modos de realização, mas poucos têm tratado dos efeitos comunicativos.

O funcionalismo concebe a língua/linguagem como um instrumento de interação social, e os linguistas que adotam essa abordagem alimentam o interesse de investigação linguística para além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (cf. Cunha, Costa e Cezário, 2003).

Talmy Givón é um dos brilhantes linguistas que passaram por várias escolas, cruzando fundamentos e métodos e ganhando em maturação interdisciplinar. As ideias funcionalistas de Givón (1995) sobre a língua/linguagem apresentam algumas condições imprescindíveis a todo estudo funcionalista: (i) linguagem (e língua) é atividade socio-cultural; (ii) estruturas/construções estão a serviço de funções cognitivas e comunicativas; (iii) mudança e variação estão sempre presentes; (iv) o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; (v) as categorias não são discretas; (vi) a estrutura é maleável e não-rígida; e (vii) as gramáticas são continuamente emergentes⁶.

Em maior ou menor grau, todos os linguistas funcionalistas descentralizam a sintaxe. Alguns, inclusive, a deslocam para a periferia da produção, como pista necessária à descrição do processo, como o resultado que permite recuperar o processo pré-verbal. A descrição sintática combina-se, nessa abordagem, com a circunstância discursiva e com os contextos específicos de uso. Assim, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes.

5 Neves a define como papel da linguagem na vida dos seres humanos.

6 A esse respeito Hopper (1991) propõe cinco princípios que permitem apreender a dinâmica da gramática desde os estágios mais tenros de mudança.

atuação de memórias de longo e de curto termo. A memória de longo-termo remete à instância arraigada ao uso geral numa língua. Dela faz parte o conhecimento que o falante e o interlocutor possuem antes de iniciar um evento comunicativo específico. Junta-se a esse conhecimento o **gramatical** (conhecimento das regras e princípios que definem as estruturas gramaticais subjacentes à língua em que se pretende comunicar, e suas regras e princípios através dos quais estruturas podem ser expressas), mas somente conhecimentos de predicados e de gramática não seriam suficientes para o êxito da comunicação.

Há o mais ritualizado domínio de conhecimento, o pragmático (conhecimento das regras e princípios – máximas, convenções – que governam o uso adequado de expressões linguísticas numa interação verbal). Dizer, por exemplo, “prazer”, numa situação comunicativa remete a uma ritualização de apresentações em que o item lexical, em muitos casos, pouco contribui para a compreensão da situação vivenciada pelo falante.

Ainda integrando a memória de longo-termo, a esses conhecimentos é agregado o conhecimento não-linguístico: **a.** referencial (conhecimento sobre entidades – pessoas, coisas, lugares, etc.), **b.** episódico (conhecimento sobre estados-de-coisas: ações, processos, posição, estados de entidades) e **c.** geral (conhecimento sobre regras e princípios – leis e tendências que governam o mundo e mundos possíveis).

O conhecimento trazido à memória de curto-termo circula na própria situação comunicativa, aos interactantes de específica situação comunicativa, válidos exclusivamente para o evento ou situação comunicativa em curso (por exemplo, quem são as pessoas que compõem aquele evento, em que situação, quem é o centro dêitico da produção, quem são os referentes naquelas situações, etc.).

Alguns mecanismos têm se revelado produtivos, numa abordagem funcionalista, para a descrição de fenômenos linguísticos. Um deles é o princípio da marcação⁸, que prevê três critérios principais para a

8 O princípio da marcação ganhou evidência na linguística estrutural desenvolvida pela Escola de Praga.

distinção entre categorias marcadas e categorias não-marcadas, em um contraste gramatical binário⁹:

a) *complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;¹⁰

b) *distribuição de frequência*: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;

c) *complexidade cognitiva*: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Incluem-se fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento.

O contexto é relevante para identificar se um item é marcado ou não-marcado¹¹; também o fluxo de atenção e o estatuto informacional completam esse grupo de mecanismos relevantes para os sintaticistas funcionalistas. A propósito de contexto, Givón (2005) argumenta que, ampliando o foco, se pode dizer que temas pragmáticos são altamente correlacionados a aspectos cognitivos. Todos dependem de julgamentos contextuais. *Relevância e importância*, noções parcialmente sobrepostas, dependem da atividade cognitiva da abdução na situação de uso. O reconhecimento de *similaridade*, *analogia* e *metáfora* é sempre dependente de um processamento mental e requer a ativação de elementos

9 Devo lembrar que o que distingue hoje os linguistas funcionalistas é justamente o rompimento com o binarismo. A busca pela gradação entre dois polos é a ação mais visível de funcionalistas no que se refere às ações descritivas. Para uma discussão mais detalhada sobre a marcação, consultar Martelotta (2008).

10 Com base nesse argumento, podemos esperar que uma oração subordinada substantiva apositiva seja, além de mais complexa do que um aposto em configuração de termo simples, menos usual.

11 Segundo Oliveira Filho (1961:168), “o contexto [é] recurso capaz de sozinho e de maneira inteiramente imaterial tornar preciso, seja um fato lexicológico seja uma função gramatical. Não é possível que exista alguma língua na qual não se faça uso do contexto ou ambiência vocabular para um qualquer desses dois fins, ou para ambos simultaneamente.” (*sic*)

do contexto comunicativo. O próprio processo de *categorização* e de *classificação* requer o julgamento contextual além do reconhecimento de traços e peculiaridades em termos de semelhança e dissemelhança. *Inferência abdutiva* e *raciocínio analógico* têm em sua base experiências acumuladas que funcionam como evidências para todo o processamento mental. *Explicação* e *entendimento* são noções pragmáticas que produzem raciocínio abductivo e selecionam o fenômeno sob análise num contexto amplo. *Teleologia*, *objetivo* e *função* remetem a motivações adaptativas, determinadas pelo contexto. *Fundo/figura* (*saliência*, *frequência* e *marcação*) revelam aspectos de percepção mental intencionais ou não, mas sempre com alta vinculação ao contexto comunicativo. *Gradação*, *continuum* e *não-discretude* revelam que usuários da língua lançam mão das virtualidades dos itens e das construções para se comunicar, e a dependência contextual percebida é fundamentalmente uma ação cognitiva.

Todos esses aspectos considerados por Givón tanto pragmáticos (e sociais) como cognitivos auxiliam a compreender como o contexto age na situação comunicativa. Da mesma forma, são ferramentas eficientes para descrever os usos linguísticos. Esta é a exata relação entre gramaticalização, foco de meu interesse, cognição e pragmática: a pragmática volta-se ao estudo das relações existentes entre língua e contexto, gramaticalizadas ou encadeadas na estrutura da língua (Levinson, 1983), a cognição manifesta-se em operações dependentes da memória, da atenção e da interpretação de contextos específicos amplificados para a comunicação, revelados materialmente na frequência e produtividade de itens e funções em processo de gramaticalização.

Vale lembrar que as regularidades observadas no uso interativo da língua são apreendidas a partir da análise das condições discursivas em que se verifica o uso. Ferramenta útil para avaliar condições discursivas tem sido correlacionar frequência e produtividade por meio do controle das frequências *type* e *token*. Essas concepções têm impacto importante nos estudos funcionalistas, que estabelecem a distinção

entre categorias lexicais¹² e categorias gramaticais em termos de sua gradiência. Do mesmo modo, a distinção entre diacronia e sincronia assim deve ser compreendida. A correlação mais comumente adotada entre *variação/sincronia* e *mudançã/diacronia* também cai por terra nos estudos funcionalistas pós-CLP.

Assim é que, nos estudos em que se investigam processos de gramaticalização, há o reconhecimento de que, por exemplo, preposições (classe integrada ao conjunto das palavras gramaticais ou funcionais classicamente) não se traduzem num conjunto homogêneo quanto à sua função. Reconhecem-se preposições mais gramaticais (como *de*) e preposições mais lexicais (como *com*). Num recorte mais fino, reconhece-se que uma mesma preposição pode desenvolver funções mais gramaticais do que outras. É assim que um dos padrões funcionais da preposição *de* pode codificar posse (carro *da* Maria), enquanto outro pode simplesmente codificar seu papel gramatical (preciso *de* descanso)¹³.

Como forma de controle dessa gradiência, funcionalistas ‘gramaticalizadores’ lidam com a noção de frequência (*type and token*)¹⁴. O controle dessas frequências permite identificar a correlação com algum gênero textual específico, como demanda de situações comunicativas reais, ou mesmo indício de que novos deslizamentos funcionais se operaram num determinado nicho social.

A arbitrariedade do signo, nessa circunstância, deve ser repensada. Em face dos resultados observados para o *continuum* de grama-

12 Segundo Brinton e Traugott (2005:9), o léxico “é entendido como uma lista finita de formas historiadas e suas possibilidades de combinação”. O léxico de uma língua abarcaria, então, o conjunto das palavras lexicais e o das palavras gramaticais ou funcionais, para utilizar os termos mais correntes na Linguística.

13 Seguindo raciocínio similar, Ross (1972, *apud* Brinton e Traugott, 2005:16) mostra que itens lexicais podem ser analisados em termos de sua gradiência. Exemplifica com as diferenças de comportamento entre as palavras *casa* e *lar*. A primeira teria mais propriedades nominais do que a segunda.

14 Frequência *type* pode ser correlacionada com *produtividade*, que é tratada por Haspelmath (2002) como *regularidade*. Para esse controle, é fundamental a distinção entre funções contextuais. Frequência *token* remete à ocorrência da forma independentemente da função contextual.

ticalização, verifica-se que os falantes recorrem a palavras existentes e de uso frequente para atribuir novas funções¹⁵. E assim novos signos emergem. Para a compreensão e análise da palavra, funcionalistas apelam para o contexto de emprego, para a combinação de signos linguísticos e não-linguísticos (como gesto, força elocucionária, convicção etc.). Quanto mais ritualizado for um item/estrutura, mais abstratizado será com a incorporação de elementos pressupostos e/ou inferidos. Essa ritualização tem como correlato a alta frequência de uso.

Bybee (2003), ao explicar que a abstratização dessas expressões seria fruto da alta frequência de uso, inspirou-se nas ideias de Haiman (1994) sobre: a) **habituação** – que resultaria da repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural de sua força e frequência de seu significado original; b) **automatização** (de sequência ou unidades) – que teria como efeito o uso em bloco em determinado contexto; c) **redução da forma** – que ocorreria com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações; e d) **emancipação** – que provocaria a passagem de funções mais instrumentais para funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.

Até onde é possível enxergar, Haiman, ratificado por Bybee, defende que a frequência de uso e o esvaimento de uma prática cultural atuariam como gatilhos para a habituação, sucedida pela blocagem do uso (automatização) e posterior redução fônica. Todos esses fenômenos linguísticos culminariam com a emersão de uma função mais gramatical¹⁶. Metodologicamente, somente tomando como ponto de partida o sistema como um todo é que se pode explicar um item ou um fato linguístico numa relação dialética entre sincronia e diacronia, posto que o desaparecimento ou surgimento de uma função redundará no rearranjo do sistema (Lima-Hernandes, 2005).

15 A esse procedimento Werner e Kaplan (*apud* Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991a) chamaram de *princípio de exploração de velhas formas*, e a que Labov (1972), chamou de *princípio do uniformitarismo*.

16 Esses mesmos indícios podem se manifestar – e comumente o fazem – no processo de lexicalização.

A despeito de serem rompidos os limites entre muitas categorias clássicas, ainda são mantidas, por falta de outro encaminhamento, as análises baseadas em propriedades e especificidades de cada categoria para a descrição. Isso significa que verbos, por exemplo, são analisados quanto às categorias de aspecto, modo, tempo e pessoa, diversamente do que ocorre com os nomes. Talvez o encaminhamento mais adequado e unificado para as classes de palavras como um todo repouse em processos cognitivos atuantes e em ambiente linguístico.

A comparação entre línguas não-aparentadas é um marco nos estudos funcionalistas. Se a língua é uma forma de cognição, então podem-se recolher informações sobre os deslizamentos funcionais e sobre o processo de gramaticalização de intenções em quaisquer línguas. É certo que o dado cultural pode afetar, sobremaneira, as funções mais discursivas, e esse é um cuidado que se deve guardar nesse tipo de comparação. Então, a língua não pode ser tida como unicamente cognição. Se língua (e linguagem) fosse exclusivamente cognição, não teríamos muitas diferenças entre as gramáticas das línguas.

Existem espaços em que as línguas reagem de forma diferente, e esse espaço é justamente o sociocultural. É o caso de assumirmos, com Clark (2000:55)¹⁷, que língua (e linguagem) é uma forma de cognição, mas que língua é também processamento social porque ela serve para fazer coisas no plano individual e também ações conjuntas (social)¹⁸ que podem ser assumidas como hábito na sociedade (cultural).

17 “Em alguns campos, o uso da linguagem tem sido estudado como se fosse inteiramente um processo individual, como se ele coubesse totalmente dentro das ciências cognitivas – Psicologia Cognitiva, Linguística, Ciência da Computação, Filosofia. Em outros campos, ele tem sido estudado como se fosse um processo inteiramente social, como se ele estivesse inteiramente dentro das ciências sociais – Psicologia Social, Sociologia, Sociolinguística, Antropologia.” O autor afirma que o uso da linguagem pertence a ambos (Clark, 2000:56).

18 Clark, com esse espírito de associar cognição com aspectos sociais da linguagem, apresenta um desdobramento em seis proposições fundamentais que podem servir de pistas metodológicas ao trabalho linguístico: proposição 1 – A linguagem é fundamentalmente usada com propósitos sociais; Proposição 2 – O uso da linguagem é uma espécie de ação conjunta; Proposição 3 – O uso da linguagem sempre envolve o significado do falante e o entendimento do interlocutor destinatário; Proposição 4 – O cenário básico para o uso da linguagem é a conversa face a face;

Em suma, a correlação entre os desenvolvimentos do indivíduo usuário da língua e a evolução da língua tem oferecido grandes contribuições às teorias em geral, especialmente à funcionalista, pois, conhecendo melhor como o indivíduo codifica uma intenção, recolhem-se pistas de processamentos cognitivos¹⁹. Assim, os avanços mais significativos na teoria funcionalista e em seus métodos de análise advêm justamente do conhecimento reunido sobre como os indivíduos, dentre outras intenções, concordam, reagem, refutam, elidem informações ou sinalizam qual o foco construído para a atenção de seu interlocutor durante a fala.

2. REFINANDO AS DISCUSSÕES

De tudo o que se recolheu de trabalhos desenvolvidos sobre gramaticalização no português do Brasil²⁰, é irrefutável que a gramaticalização desenhe uma rota de mudança unidirecional de desenvolvimento. As discordâncias sobre a atuação desse princípio podem ser válidas a depender do tipo de categoria que se toma como foco de análise. Sobre essa questão tratarei a seguir, quando apresentarei argumentos para desfazer as confusões existentes entre linearidade e unidirecionalidade e entre a atuação dos mecanismos de metáfora e de metonímia.

A ideia de unidirecionalidade não é nova, mas numa perspectiva mais mental (ou filosófica, como queria Vossler), ela correlaciona o uso social ao processamento cognitivo da seguinte forma:

- a) “de la significación de una vez a la de muchas veces;”
- b) “de lo ocasional a lo general”

Proposição 5 – O uso da linguagem tem frequentemente mais do que uma camada de atividade;
Proposição 6 – O estudo do uso da linguagem é tanto ciência cognitiva quanto ciência social.

19 Agradeço aos comentários de Maria Helena de Moura Neves, que, sempre muito pertinente, permitiram que eu melhorasse o conteúdo dessa afirmação.

20 Essa observação pode ser estendida a estudos de línguas variadas no mundo. Aqui, refiro-me à recolha de dados exclusivamente feita para as análises neste estudo.

- c) “de lo coloreado a lo descolorido”
- d) “de lo concreto a lo abstracto”
- e) “de lo estricto a lo amplio”
- f) “de lo real a lo formal”

São ideias aparentemente novas e alinhadas com o que autores dizem mais recentemente sobre gramaticalização, mas se trata, na verdade, das intuições de Vossler (1944[1923]:105) sobre a direção em que se desenha uma mudança semântica que conduz à gramaticalização²¹. Torna-se prioritário, neste momento, portanto, discutir a relevância da unidireção para os postulados teóricos da gramaticalização.

2.1. Gramaticalização: confusões entre unidirecionalidade e unilinearidade

A maioria das teorias assente que existe uma direção a ser desvendada e que alguns objetos investigados podem assumir um comportamento unidirecional enquanto outros podem assumir o comportamento polidirecional. Indiferentemente do comportamento, sempre estará implicado algum tipo de derivação gênica (Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991a, b; Harris e Campbell, 1995; Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994; Hopper e Traugott, 1980).

Dos modelos com que tive contato, somente um parece rejeitar, em tese, a derivação, cuja concepção não é livre de ambiguidades no campo funcionalista, daí a divergência percebida. Trata-se da Teoria Multissistêmica (Castilho, 2006). Visitando as análises desenvolvidas pelos discípulos de Castilho, no entanto, é flagrante que algum tipo de derivação gênica, como a semântica por meio do traço etimológico ou mesmo a morfológica pela identidade formal, está implicada.

21 Vossler (1944[1923]:105) acrescenta que “Un cambio semántico es regular sólo en cuanto que corre en la misma dirección que aquel vaciar y aquel ampliar de sentido de una palabra que constituyen la esencia de la gramaticalización. (...) Pues tan pronto como una palabra sometida a cambios semánticos regulares, esto es, continuados y sumados, mínimos, incontrolados e irreflexivos, se ve tan vaciada de significación que ya no tiene un sentido propio y real, cae en la gramaticalización.”

Assumindo-se *processo* como a sucessão de estados intermediários na passagem entre dois estados de língua, em seu desenvolvimento reconhece-se a deflagração da mudança por meio de mecanismos cognitivos e de estágios linguísticos partindo de uma forma A que sofre mutação para B. Pode-se trabalhar, com a língua-processo, como argumenta Castilho (2006), olhando para os movimentos pré-verbais (cognitivos, portanto) ou para a língua-produto, tomando como alvo de análise a codificação sintática como pista para entender a língua-processo. Neste trabalho, assumo que é possível pela língua-produto alcançar a língua processo, ou seja, a codificação sintática (*output*) é pista do processamento mental prévio.

Quando estudiosos tomam por *continuum*-guia das mudanças gramaticais aquele em que se têm as categorias cognitivas dispostas da esquerda para a direita, conforme (I), revelam muito mais do que a abstratização de categorias gramaticais. Estão assumindo que a evolução do homem pode ser correlata a essa organização, e que, num movimento de deslizamento (perdas/ganhos imperceptíveis de traços), o analista pode reconhecer que as ações humanas vão se abstratizando (ou tornando-se mais complexas) à medida que os indivíduos amadurecem mental e fisicamente²². Observemos os seguintes *continua*:

Figura 2 – *Continua de categorias cognitivas*

(I) pessoa	>	objeto	>	processo	>	espaço	>	tempo	>	qualidade
(II) pessoa	>	objeto	>	atividade	>	espaço	>	tempo	>	qualidade
(III) partes do corpo	>	pessoa	>	objeto	>	espaço	>	tempo	>	qualidade ²³ ...
								atividade		processo
										evento
									instrumento	

22 Com isso pretende-se afirmar que os empregos mais abstratos são derivados de empregos mais concretos.

23 Cada categoria mais à direita incorpora naturalmente a categoria mais à esquerda. O refinamento de categorias, no entanto, permite análises mais pormenorizadas quanto à ação humana e a atuação de funções mais ou menos instrumentais.

O primeiro *continuum*, encontrado em Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a:157), é associado, respectivamente, às seguintes classes de palavra (nome humano, nome não-humano, verbo, advérbio e adjetivo) e a tipos de constituinte (SN, SV, SAdv e modificador). Esse *continuum* é reproduzido em grande parte da literatura sobre gramaticalização. O segundo é apresentado em Heine, Claudi & Hünemeyer (1991b: 48), que explicam a categoria “atividade” como referida a uma situação dinâmica que inclui atos, atividades, eventos e processos. O terceiro *continuum* decorre de resultados de pesquisas desenvolvidas no interior do Grupo de Pesquisa em que atuo. Ele foi gerado por conta de resultados de pesquisas com dados do português do Brasil. A diferença entre eles são muitas. Dos dois primeiros, neste texto, somente tratarei de sua inconsistência no que se refere à derivação de *objeto* > *processo* e de *objeto* > *atividade*.

O que se espera é que toda categoria mais à esquerda seja pressuposta nas categorias mais à direita porque a derivação está implicada. Como se poderia ter um *processo* sem se ter implicada a categoria *tempo*²⁴, responsável pela dinâmica no *espaço* físico? Estudos sobre as rotas de gramaticalização de verbos, dentre os quais cito Batista (2007) com o verbo *tirar*, têm ratificado essa inconsistência. Desse modo, concentro minha discussão no *continuum* apresentado em (3)²⁵.

Como argumenta Mithen (2002[1998]), não é difícil reconhecer a rota de evolução da espécie por meio da evolução dos indivíduos em suas atividades cotidianas. Na evolução do bebê, a consciência de suas partes (mãos, pés, braços, boca, etc.) é primitiva em relação à consciência do todo (indivíduo distinto de outros indivíduos; um ser descolado da figura da mãe, por exemplo). Somente após ter controle sobre essas

24 A categoria *tempo* aqui não deve ser confundida com o tempo gramatical. Refere-se ao tempo histórico: ontem, hoje e amanhã.

25 Para uma discussão mais aprofundada dessa questão e da relação entre desenvolvimento biológico humano e abstratização, consulte-se Lima-Hernandes (2010) e Martelotta (2010).

partes, terá condições de manipular objetos e dele será exigida maior maturidade para torná-los instrumentos (por exemplo, brincando e jogando coisas ao chão para outras pessoas pegarem). Com a maturidade de seus membros e de sua mente, terá condições de explorar espaços físicos distintos, mas a noção de tempo mais refinada demorará a emergir, assim como a concepção de eventos em processo. Avaliar tudo isso será uma atividade que demandará tempo maior ainda. Se o raciocínio desenvolvido estiver correto, poderei, então, ratificar a ideia de que *pela ontogenia é possível recuperar a filogenia*²⁶. Em outras palavras, tomar como alvo de análise o comportamento linguístico de indivíduos permitirá tanto recolher fragmentos da evolução linguística na espécie quanto projetar rotas de evolução linguística.

Esse percurso de evolução pode servir como subsídio para a compreensão das transformações estruturais da língua, posto que, quanto maior o compartilhamento de informações, menor o material linguístico necessário em sua codificação sintática. Se as categorias mais à direita incorporam as categorias mais à esquerda, então é esperado que a elisão de categorias segundo seu estatuto informacional [+conhecida] caminhará em sentido inverso no *continuum*: qualidade > evento > tempo > espaço > instrumento > objeto > pessoa > partes do corpo. Em outras palavras, o que já é conhecido e supostamente compartilhado em situação interativa é elidido da sequência sintática. Recuperamos, para esta ilustração, um dos exemplos mais citados nos textos sobre gramaticalização. Trata-se da mudança empreendida pelo verbo de movimento *ir*:

26 Essa ideia foi proposta originalmente por Haeckel, no século XIX, mas a base desse desenvolvimento está em Aristóteles e equivale a afirmar que “as fases do desenvolvimento mental na criança refletem as fases da evolução cognitiva dos nossos ancestrais” (Mithen, 2002[1996]:59).

- (1) Vou à padaria (para) comprar pão.
- (2) Vou ao cinema (para) assistir a um filme.
- (3) Vou à faculdade (para) estudar.
- (4) Vou ao açougue (para) comprar carne.

O que há de comum nesses exemplos? O emprego de um verbo de movimento seguido de um locativo e de um objetivo a ser cumprido (ou uma ação a ser realizada). Explicado de outra forma, temos uma ação (comprar pão, assistir a um filme, estudar, comprar carne), que só pode ser realizada ao final do cumprimento da ação expressa pelo primeiro evento, o de se deslocar no espaço físico.

Mais do que isso há duas situações, que se sobrepõem pragmaticamente, ligadas numa sequência pressuposta na linha do tempo. Primeiro, é preciso que o indivíduo se desloque para, depois, realizar a segunda ação expressa no segmento oracional. Esta representa, em relação ao locativo expresso no primeiro segmento, a ação esperada, o óbvio que deve acontecer (porque foi rotinizado na comunidade). Assim, espera-se que quem vá à padaria compre pão, que quem vá ao cinema assista a um filme, que quem vá à faculdade estude, que quem vá ao açougue compre carne, embora se possam fazer coisas inesperadas nesses lugares e, nesses casos, não há como pressupor ou inferir. Nesses usos inesperados, não sendo possível prever a ação (informação nova, ação não-rotinizada), então será necessária a explicitação obrigatória do segmento. Enfim, no caso focalizado de mudança linguística, as ações contidas no segundo segmento são altamente pressupostas. Está nesse desenvolvimento a evidência de que *processo* é mais abstrato que *lugar*.

Esse modelo permitiu compreender que o sintagma nominal locativo deixou de ser realizado; o resultado foi a aproximação do verbo de movimento de outro verbo que está em sua forma não-finita, permitindo que a sequência V1+V2 fosse interpretada como uma locução verbal, em que V1 é verbo auxiliar.

Por que, então, os falantes elidem o sintagma locativo e não o evento subsequente, se ambos são altamente correlacionados em seus

empregos? Por que não restou como mais frequente a seguinte sequência: *Vou à padaria*, suficiente para que o interlocutor dela inferisse a compra do pão? Por que, então, foi elidida a sequência locativa?

A elisão, ao que parece, não está altamente correlacionada somente com a informação já conhecida, compartilhada. Um mecanismo de prejuízos de categorias concretas e altamente inferíveis está a serviço da abstratização contínua de estruturas e de itens nas línguas. Assim, espaço físico (mais concreto) é descartado em favor da permanência de evento (mais abstrato).

Também se pode responder a essa questão a partir do processamento mental. Quando se elide uma informação muito recorrente do sequenciamento sintático é porque ela já teve um percurso histórico de uso tão frequente e rotinizado que já integra a lista das experiências a serem pressupostas e inferidas nos contextos de uso. Apaga-se da sintaxe porque já está suficientemente gravada na memória do indivíduo, já é possível incluí-la como informação típica do repertório pragmático do interlocutor também²⁷.

Todas as teorias ou postulados teóricos partem de alguns axiomas, que primitivamente determinam a direção do raciocínio. No bojo da teoria da gramaticalização – que não é sinônimo de mudança *lato sensu*, mas, sim, de um tipo bastante específico de mudança – o princípio da unidirecionalidade categorial é tomado como uma premissa para o reconhecimento do processo.

Podemos questionar, neste momento, a motivação para que um verbo pleno de movimento se torne um auxiliar no português, no entanto, essa é uma rota produtiva de mudança em línguas aparentadas e não-aparentadas ao português. Veja-se o caso do francês, descrito por Meillet (1965[1912]).

27 No passado, início da ciência linguística, por influência do pensamento clássico, a elipse era tida como um recurso estilístico: “La langue usuelle contient toutes sortes d’ellipses: on ne finit pas ses phrases, on supprime des termes de rapport, on se laisse aller par paresse à une sorte d’économie verbale. Mais la langue expressive recourt aussi à l’ellipse: dans les phrases nominales (descriptives ou exclamatives ou interrogatives)” (...) (Cousin, 1944:140).

Esse autor, nos estudos históricos sobre o francês, reconheceu essa fluidez e dinamicidade derivacional entre verbos plenos e verbos auxiliares. Mostrou, em seu trabalho, que o verbo *ir* passava por mudança categorial, tornando-se um marcador de tempo futuro no francês (*je vais parler*, por exemplo, em que o verbo *ir* tornava-se um auxiliar). A esse processo Meillet nomeou *gramaticalização*.

Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991b), retomando os estudos sobre gramaticalização com material de diversas línguas africanas, mostraram que a passagem de um verbo pleno a auxiliar é um fenômeno translinguístico. Ratificaram, em consequência, as ideias de Meillet.

A ordenação de categorias primitivas para derivadas pode ser efeito de axiomas que sustentam a teoria clássica. Se se tomar como certo e esperado que elementos submetidos ao processo de gramaticalização sofram mudanças que necessariamente os transformam *from a 'less grammatical' to a 'more grammatical' unit* (Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991a:4), então deve-se olhar primariamente para os dados e deles identificar funções diferentes.

Para apimentar um pouco as discussões, escalo o respeitável neogramático Herman Paul, que apresenta informações sobre a palavra *quase*, que passou a assumir funções aparentemente menos complexas.

parágrafo 119. Um atributo predicativo pode ter a mesma função que uma oração subordinada regida por uma conjunção. Em consequência disso, muitas conjunções podem anteceder também o simples adjetivo, o que leva a uma designação mais exata da situação. Assim sobretudo em inglês, *talents angel-bright, if wanting worth, are shining instruments* (Young); *nor ever did I love thee less, thought mourning o'er thy wickedness* (Shelley); *Mac Jan, while putting on his clothes, was shot through the head* (Macaulay) ⁽⁹⁾. Também em alemão podemos dizer: *ich tat es, obschon gezwungen* (fi-lo, embora obrigado), etc. Correspondentemente, em latim, colocam-se certas conjunções antes do ablativo absoluto, como *quamvis iniqua pace honeste tamen viverent* (Cícero) ⁽¹⁰⁾. **As conjunções *quasi* e *sive*, que a princípio só podem ter servido para reger orações, passam a acrescentar-se, duma maneira geral, a simples membros de oração.** (Paul, 1966[1920]: 182)

Argumenta Paul sobre a passagem de conjunções do latim a funções prepositivas. Afirma que essa rota de mudança também pode ser referendada em outras línguas não-aparentadas. Com isso, apresenta uma forte evidência de que alguns linguistas que lidam com gramaticalização estavam equivocados na afirmação de que conjunções constituíam itens mais gramaticalizados do que preposições. Para esses linguistas que assumem o *continuum* preposição > conjunção como correto e ideal, a unidireção de mudança rompe-se por não atender à direção preconizada. Muitos estudos posteriores (a título de ilustração cito Lima-Hernandes, 2005; Spaziani, 2007; Vicente, 2009) ratificaram o *continuum* inverso (conjunção > preposição) e ratificaram peremptoriamente a unidirecionalidade como princípio de gramaticalização.

Paul, contudo, já havia dado seu testemunho sobre a validade dessa direção pelo menos um século antes desse grande debate do final do século XX. Com essa ilustração de interferência de conhecimentos classicamente organizados e a lida com dados produzidos em situações reais (ou delas recolhidos para análise de funções), é pretensão afirmar que a cautela diante de afirmações não-evidenciadas ou de axiomas linguísticos deve ser uma prática científica a ser adotada.

Anos mais tarde, voltando-se para o estudo específico da categoria verbal, Heine (1993) mostrou que esse *continuum* poderia ter motivações diversas e se ampliaria da seguinte forma: verbo pleno > quase-auxiliar > auxiliar. Reconheceu que os verbos-suporte e os verbos seriais²⁸ seriam motivados por outras necessidades de ordem cognitiva.

Da maneira como exposto por esse autor no que se refere à evolução de verbos plenos a auxiliares, o processo traduz-se numa transformação paulatina de um elemento lexical em elemento gramatical, constituindo-se, assim, numa válvula de escoamento de itens lexicais do sistema linguístico, como defende Cabrera (1998:214):

28 Pal (2005), Rodrigues (2006) e Bernardo (2007) analisaram verbos seriais do português. Pal buscou motivações no contato linguístico; Rodrigues e Bernardo, motivações discursivo-pragmáticas.

é um processo sintatotélico²⁹; afeta itens lexicais (processo lexicogênico); é amparado pela hierarquia de abstratização metafórica; e alimenta a sintaxe e esvazia o léxico.

Isso equivaleria a dizer que o léxico escoo para a sintaxe; então os itens lexicais vão se compondo em funções codificadas via sintaxe, e passariam a desempenhar variadas funções.

Depois de mais de dez anos de pesquisas com dados, já é possível dizer que a afirmação de Cabrera precisa ser aditada: a gramaticalização afeta não somente itens lexicais (palavras e construções³⁰), mas também itens que estão em sua trajetória de gramaticalização, posto que é um processo contínuo de mudança. O léxico constitui-se, nesse processo, a fonte primária, não única de funções desenvolvidas. Uma vez, no entanto, deflagrado o processo, a direção de mudança será única.

A unidirecionalidade foi, por algum tempo, alvo de discussões e desconfianças quanto a seu estatuto de princípio determinante da gramaticalização nas línguas. O que deflagrou essa desconfiança foi a constatação dos seguintes fatos: (i) nem toda categoria permitia a apreensão da unidireção; (ii) a lexicalização também se mostrava unidirecional.

Muitos estudos ratificaram a unidirecionalidade utilizando categorias de diferente natureza. A título de ilustração, seleciono alguns representantes dessas diferenças aludidas. Hopper & Traugott (1980), por exemplo, tratam de deslizamentos entre as categorias verbais³¹ (classes de palavras); Hünemeyer (1985, *apud* Heine & Kuteva, 2002), ao estudar a palavra *ná* (dar) da língua *ewe*, mostra que o deslizamento explica-se por meio de categorias semânticas (morfema be-

29 Remete ao *locus* de observação. Somente pela codificação sintática, chega-se ao produto de uso linguístico.

30 A partir deste ponto, farei referência a palavras e construções toda vez que utilizar o rótulo item.

31 Hopper & Traugott (1993) tratam dos deslizamentos ocorridos de categorias maiores (nomes e verbos) para categorias mediais (adjetivos e advérbios) e desta para as categorias menores (conjunções, preposições, auxiliares etc).

nefactivo > morfema dativo³²); e Haspelmath (1997, *apud* Heine & Kuteva, 2002) explica o deslizamento da palavra chinesa *hou* (atrás), de localizador espacial a localizador temporal, por meio das categorias cognitivas (espaço > tempo).

Variados trabalhos estão de acordo com a direção única de desenvolvimento de funções pelos itens nas línguas, dentre os quais cito Bybee, Perkins & Pagliuca (1994), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a) e Traugott & Heine (1991). Essa unidirecionalidade já era percebida por Sapir em termos de tendência rotulada de “*deriva*”, que Câmara Jr. (1989:198) interpretava em termos de um deslizamento com a configuração fonética > gramática:

Há uma tendência, ou – na nomenclatura de Sapir – uma *deriva* neste sentido, que se articula com a *deriva* fonética para chegar a uma estruturação gramatical.

O debate foi um marco no fortalecimento dos estudos sobre gramaticalização. Alguns linguistas questionaram a unidirecionalidade de forma mais amena, buscando caminhos para repensar o princípio (Frajzyngier, 1996; Ziegeler, 2002; Evers-Vermeul, 2002) e, outros o fizeram de um modo mais radical, considerando-o uma tautologia (Campbell & Janda, 2001)³³.

O primeiro grupo de pesquisadores (Frajzyngier, Ziegeler e Evers-Vermeul) mostrou em seus trabalhos que alguns fatores podem provocar a ilusão de que a unidirecionalidade não se manifesta na análise. Frajzyngier e Evers-Vermeul, por exemplo, mostraram que marcadores temporais apresentam rotas de poligramaticalização. De um item-fonte surgem rotas diversas de desenvolvimento. Evers-Vermeul

32 Para Heine, Claudi e Hünemeyer, tal deslizamento pode ser explicado com base na dessemantização operada a partir do apagamento de um componente semântico na expressão básica “fazer algo para o benefício de”.

33 Campbell & Janda (2001), analisando essa questão, identificam dois pontos de partida para se focalizarem essas desavenças: 1. unidirecionalidade como uma hipótese passível de verificação empírica (como fazem Hopper & Traugott, 1993); e 2. unidirecionalidade como propriedade definicional do processo de gramaticalização (como fazem Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991a).

(2002) evidenciou que marcadores de relações temporais assumiram rotas distintas a partir de um item-fonte: desenvolveram-se marcadores contrastivos e marcadores causais. Com isso, demonstrou que uma rota de mudança pode ser unidirecional, mas não necessariamente unilinear. Ziegeler, por sua vez, alertou para o fato de que a própria tarefa de seleção de categorias para a análise pode já enviesar os resultados. Afirmou, ainda, que, em alguns estudos, a unidirecionalidade não seria evidenciada porque as categorias elencadas não eram as capazes de explicar o tipo de fenômeno estudado.

Alguns autores utilizaram o rótulo *continuum*³⁴ para tratar dos deslizamentos entre classes de palavras. Traugott (1988), por exemplo, observou que de um mesmo *continuum* apreende-se o desenvolvimento de advérbios ou de preposições em conectivos oracionais, de conectores concessivos a partir de temporais. Outros autores referem-se a *continuum* para representar os deslizamentos empreendidos por categorias semânticas, como a passagem de um valor temporal a causal (Traugott & König, 1991) ou de um valor volitivo a de futuridade (Hopper & Traugott, 1980) ou, ainda, de um valor modal a comparativo (Bisang, 1998).

Em muitos trabalhos, para explicar um deslizamento em linha, são incluídas variadas categorias em interação, como ocorre na trajetória parcial da palavra *tipo*, objeto de estudo de Lima-Hernandes (2005). Os exemplos postulados como mais antigos, os mais aceitos pela norma culta, associam a palavra *tipo* à categoria nome e, ao mes-

34 Nas palavras do linguista Sebastião Carlos Gonçalves, a quem agradeço, *cline* é um conceito caro à gramaticalização: “De um ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas através de uma série gradual de transições, que tendem a ser similares nas várias línguas.”. O autor quer dizer que, numa perspectiva histórica, *cline* é um caminho ao longo do qual as formas desenvolvem-se, um tipo de “declive linguístico escorregadio” que guia o desenvolvimento; mas, numa perspectiva sincrônica, deve ser compreendido como um *continuum*, um arranjo das formas ao longo de uma linha imaginária. Em um ponto está uma forma mais plena, considerada a forma lexical, e no lado oposto, está a forma reduzida e compactada, talvez “gramatical”. Para aprofundar a discussão sobre esse tema, indico o trabalho de Lima-Hernandes (2009) e, para conhecer as convergências tipológicas de mudança, consulte-se Heine & Kuteva (2002).

mo tempo, aos traços [+humano, +animado, +concreto], como em (5) a (7); e aos traços [-humano, -animado, -concreto], como em (8) e (9):

- (5) Esse **tipo** frequenta este bar assiduamente.
- (6) Que **tipinho** mais esquisito esse menino!
- (7) Ele é um **tipão**!
- (8) O **tipo** utilizado neste formulário é diferente.
- (9) Gosto desse **tipo** de perfume.
- (9a) Comprei pulseiras, colares e coisas desse **tipo**.

Claramente existem diferenças entre esses dois conjuntos de exemplos e também entre cada um dos exemplos de cada conjunto, mas nada que se compare aos usos mais abstratos, de caráter mais gramatical ou discursivo como em:

- (10) Viajei as férias todas, **tipo**... esqueci que trabalho existe.
- (11) Ricardo come **tipo** um elefante.
- (12) Nessas feirinhas se vende **tipo** o quê?

Alguns usos, como em (11), correspondem a categorias gramaticais, configurando uma trajetória nome > juntor; outros usos, como em (10) e (12), revelam *tipo* no desempenho de uma função na organização e hierarquia conversacional³⁵.

Em número mais recorrente estão os trabalhos que mobilizam categorias cognitivas num *continuum* para explicar os deslizamentos funcionais de itens. Talvez essa maior recorrência se deva à pertinência dessa postulação aos fenômenos, até o momento, estudados.

Heine, Claudi & Hünemeyer (1991b) apresentam a seguinte ordenação, já apresentada anteriormente, de categoriais conceptuais, por

35 Mais recentemente, Margerie (2007) também olhando para essa hierarquia conversacional, analisou o marcador pragmático *kind of* (inglês) em comparação com *un peu grave* (francês). Evidenciou, então, que há um processo de gramaticalização em curso que torna essas expressões marcadores pragmáticos de (des)compromisso e que o gatilho interativo dessa mudança é justamente a polidez (preservação da face). Haveria, contudo, situações em que uma ambiguidade interpretativa (ou explicaturas, nos termos de Moeschler, 2007) poderia surgir. A solução desse problema comunicativo, então, dependeria de se levar em conta dois fatores: um externo (contexto induzido) e um interno (posição de intensificadores).

meio do que se pode observar um processo de abstratização: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. A hierarquia e a unidirecionalidade implicam que as mudanças são operadas sempre da esquerda para a direita e, neste caso, de categorias cognitivas mais próximas fisicamente do indivíduo [+concretas] para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [-concretas].

No plano da fonologia, há evidências de que a unidirecionalidade possa ser apreendida em estágios mais avançados da gramaticalização de um item (Bybee, Perkins & Pagliuca, 1994). Muitos estudos apontam para a redução ou apagamento de segmentos fônicos dos itens em processo de gramaticalização. Muitas vezes, em seus estágios iniciais, a perda de material fônico manifesta-se pela dependência mais acentuada a outra forma presente na cadeia sintagmática, comportando-se como um clítico. É o que se vê, por exemplo, na gramaticalização do pronome ‘a gente’, em que o determinante fixa-se ao nome, bloqueando a substituição do primeiro por outros e mesmo a inclusão de outros elementos entre o determinante e o nome, fundindo-se de tal forma ao núcleo sintagmático que falantes com pouca familiaridade com o padrão culto da língua grafam-no como uma única palavra. Mudanças desse tipo não são privilégios do português.

No espanhol, o pronome pessoal *nos* passou a concorrer com um novo uso: *nosotros*. No início, *nosotros* só era usado com valor enfático para excluir pessoas que não integrassem o grupo mais amplo codificado por *nos* (com o emprego de *nos* todas as pessoas que estivessem, por exemplo, no mesmo espaço físico da referência poderiam ser incluídas como base referencial de uma ação)³⁶; depois, *nosotros* sofre um *bleaching* permitindo sua concorrência com *nos*, que perde força fônica e hoje só é usado como clítico, acompanhando verbos essencialmente ou eventualmente pronominais. Apesar de haver o aumento de sílabas

36 *Nosotros* generaliza-se e é incorporado a *nos*. Passa a tomar como referência todos os presentes.

na palavra, a perda fônica se traduz na perda da autonomia lexical de *otros*.

Tentar desvendar esse caminho de usos históricos auxilia na compreensão das necessidades comunicativas das pessoas num determinado momento e no entendimento de como se processam cognitivamente as relações sociais na língua. A esse respeito, acrescenta Sweetser (1990:9) que “(...) the historical order in which senses are added to polysemous words tells us something about the directional relationships between senses”³⁷.

Para Hopper & Traugott (1980:7), os processos cognitivos correlacionam-se à mudança segundo uma escala unidirecional e, nesse sentido, categorias cognitivas favoreceriam a explanação morfossintática como ferramenta aclaradora da rotina de movimentação estrutural da língua, ainda que não haja de fato uma fórmula milagrosa para a determinação dos graus de gramaticalização de todos os elementos em movimento na língua. Nessa direção também vão os argumentos de Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a:156), que investem na seguinte ordenação linear para observação dos fenômenos linguísticos:

- a) a categoria é mais gramaticalizada se for etimologicamente derivada;
- b) o espaço é menos gramaticalizado;
- c) a participação humana é menos gramaticalizada do que a participação inanimada;
- d) uma categoria que se refere a um conceito que tem potencialmente três dimensões físicas é mais gramaticalizada do que aquela que se refere a uma única dimensão;
- e) a referência real é menos gramaticalizada do que a referência textual;
- f) quanto menos inclusivo, menos gramaticalizado; quanto mais inclusivo, mais gramaticalizado;
- g) conceitos espaciais são mais básicos do que outros conceitos³⁸.

37 Tradução sugerida: (...) a ardem histórica em que os sentidos são adicionados às palavras polissêmicas conta-nos algo sobre as relações direcionais entre os sentidos (...)

38 Conceitos agentivos são menos básicos do que instrumento/dativo/possessivo, que por sua vez são menos básicos do que tempo.

Essas ordenações propostas são, ao mesmo tempo, pistas para o linguista que precisa tomar uma decisão sobre a organização de usos identificados e muito próximos na situação de uso. No caso deste trabalho, especificamente, estas pistas poderão ser úteis na decisão de organização das rotas de gramaticalização de estruturas x-que que culminem com o surgimento de uma locução conjuntiva adverbial no português.

Um outro encaminhamento plausível – e complementar – para a organização de rotas de gramaticalização é visitar trabalhos desenvolvidos por outros grupos de pesquisa – restritos neste estudo aos grupos paulistas – para dar conta de um maior número de casos e nichos sociais investigados. O exame desses trabalhos favorecerá interessantes descobertas, como, por exemplo, o imbricamento entre as várias categorias discutidas (gramaticais, semânticas e cognitivas). Justifica-se também esse encaminhamento pela possibilidade de dialogar com temas e encaminhamentos adotados por outros linguistas que possam ter privilegiado como alvo de observação ou a língua como produto ou a língua como processo.

Quando Traugott (1982:247), também preocupada em estabelecer características gerais de gramaticalização, focalizou aspectos vinculados ao sentido assumido pelas palavras numa situação de uso, seu objetivo era justamente averiguar “tipos de ligações semântico-pragmáticas que ocorrem no processo de gramaticalização” e estabelecer uma tipologia de tais mudanças. Para tanto, assumiu três componentes semântico-funcionais da língua: proposicional, textual e expressivo³⁹, forma similar de recorte, observação, controle e descrição de compartilhamento de informações e conhecimentos em sua dinamicidade. Traugott buscava, por assim dizer, um roteiro paralelo às atividades

39 O componente *proposicional* abrange os recursos básicos de uma língua usados em referência a alguma situação, incluindo o valor de verdade e falseamento. O componente *textual* reflete uma instância que lida com aspectos ligados ao desdobramento dos eventos de fala além dos elementos coesivos que constroem a coerência discursiva (conectivos, anáfora, catáfora). Por fim, o componente *expressivo* inclui elementos linguísticos que revelam atitudes pessoais com relação ao tópico ou a outros participantes (marcadores discursivos ou tomada de turno).

mentais, as pistas de um processamento prévio à conformação linguística (língua-processo), porém o faz investigando pistas em dados produzidos (língua-produto).

Na perspectiva funcionalista, portanto, a motivação para a gramaticalização seria proveniente de relações semânticas e sintáticas efetivadas nos eventos de fala, e a interação seria o lugar do início do processo. Essa motivação é presente em todos os trabalhos funcionalistas, e a ênfase a um dos níveis ou componentes fica subvencionada ao olhar do pesquisador. Retomarei essa ideia na seção que trato dos mecanismos metonímicos e metafóricos da mudança por gramaticalização.

Na proposta de Sweetser (1988), que discute o processo como uma projeção metafórica de um “domínio (que é fonte) para outro (que é meta), e no qual há, ainda, a aquisição de novo significado” (Neves, 1997:127), há também a ideia de que um *bleaching*⁴⁰ (não-perceptibilidade de alguns traços) ocorra no processo, tal como concebem Lehmann (1982) e Bybee & Pagliuca (1985).

Essa compreensão de que *bleaching* equivaleria a “perdas” foi questionada por alguns linguistas, que argumentaram sobre outros fatos ocorrentes, simultaneamente, durante o processo de mudança. Segundo eles, concomitantemente às perdas haveria ganhos e também manutenção de traços. Sweetser, então, justifica que à sua ideia subjaz o pressuposto de que a motivação é centrada na necessidade⁴¹ de novos sentidos, em decorrência do ‘abandono’ (e não perda, subtração ou desaparecimento) de outros sentidos. Depois disso, assenta-se a polêmica e passa a senso comum a ideia de que *bleaching* corresponde não

40 Hopper (1996:226) afirma que essa ideia fora introduzida no século XIX por Bopp (1816) e por Gabelentz (1891). Posteriormente foi reavivada por Givón (1979). No entanto, quem deu luz ao termo foi mesmo Sweetser.

41 Em alguns casos, essa necessidade representa uma identificação de grupo, como pode ter acontecido com a palavra *tipo* e expressões derivadas (*tipo assim*, por exemplo), rejeitadas por falantes mais velhos e com maior nível de escolarização.

somente às perdas, mas também a ganhos e a manutenções durante o processo⁴².

A busca do equilíbrio do sistema seria, em última instância, o que moveria a língua (busca pela anatrofia⁴³); mas uma forma contrária, a busca da interação adequada, vai deflagrando, dentre outros processos, o de gramaticalização. Nesse sentido, a força entrópica⁴⁴ do sistema seria, curiosamente, a mola necessária para a ativação do sistema anatópico. A explicação é clara: perdas são compensadas por ganhos⁴⁵, mas o que confere a sobrevivência do sistema é justamente a manutenção dos usos (gradualidade). Talvez seja prudente acrescentar, aqui, que podem existir casos em que a manutenção de dois itens formalmente similares, em determinados contextos, permitem confundi-los como um só⁴⁶. Nesse caso, teríamos algo mais complexo abarcado pelo eixo “perda – ganho – manutenção”, principalmente se lidos à luz da cognição humana.

Se a projeção metafórica é uma tarefa mental, esses ganhos e perdas de ‘sentidos’ ocorreriam previamente num plano cognitivo, mas não de modo automático como num procedimento de desativação de uma chave elétrica, por exemplo. Certamente, o processo é mais lento para garantir a estabilidade do sistema, razão pela qual a existência do que, na tradição, é considerado pernicioso, como a ambiguidade pragmática⁴⁷, garantiria a vitalidade do sistema.

42 “I have also suggested that there is a sense in which grammaticalization involves loss of meaning, and another sense in which it does not” (Sweetser, 1988:400). Note-se que também no uso do rótulo (*bleaching*), verifica-se a integração de dois conceitos antes dissociados: a informação explicitada e óbvia (*perda* como sinônimo de *desbotamento*) e a informação opaca (conhecimento compartilhado entre funcionalistas de que não há processo de mudança sem ganhos e manutenções).

43 Anatrofia equivale, aqui, ao revigoramento, estabilização, do sistema linguístico.

44 Entropia remete à perda da força vital.

45 Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991a:110) rotula esse modelo de investigação da gramaticalização como “loss-and-gain model”.

46 Por exemplo, o caso de *nos* e *nosotros* numa fase anterior de usos do espanhol.

47 A ambiguidade, nos manuais de redação, aparece vinculada a um aspecto ruim, negativo da “boa redação”. Considerado um vício de linguagem, deve ser evitado. Nos manuais de estilística,

A ambiguidade constitui-se, assim, um efeito de sentido provocado por deslizamentos funcionais, às vezes minúsculos e imperceptíveis – mas reais – e às vezes dramáticos para a comunicação. Manifesta-se como uma tendência universal das línguas, o que evidencia sua importância na investigação linguística. Contudo, também integra o conjunto de objetos investigativos mais escorregadios, ou melhor, menos claramente sinalizados e altamente fugidios em controle, visto que se manifestam em estruturas de sentido habitualizadas pelos falantes, que acabam economicamente despendendo menos esforços nesses contextos. Muitas vezes, só se reconhece uma ambiguidade, quando se está envolvido numa situação previsível, cujo resultado ou efeito revela-se imprevisível. Pode ser um recurso refinado ou estratégia sutil (no plano da língua e da consciência) e, ao mesmo tempo, pode ser um grande equívoco de efeito avassalador na situação interativa.

A ambiguidade pode decorrer tanto de formas homonímicas quanto de formas polissêmicas⁴⁸, e o contexto é fundamental (mas nem sempre decisivo) para sua solução, no entanto o conhecimento pragmático do interlocutor parece ser o atalho seguro para o sucesso comunicativo nesses casos. São as “dobras” do discurso, são as implicaturas conversacionais manifestando-se. Mas não são “as dobras” só intenções do falante; há, também, as dobras derivadas do interlocutor ao receber a informação. Essa questão é fundamental para a temática, razão pela qual a retomarei quando tratar do objeto linguístico sob investigação (vide Capítulo III).

Os processos de deslizamento funcional operam numa malha bastante complexa que envolve vários componentes linguísticos ao mesmo tempo e em interação. Então, quando expressamos uma

aparece associado a um recurso passível de utilização em textos literários. Na linguística, é o resultado de um estágio ainda nebuloso da mudança em processo. Às vezes, é o *elo perdido da cadeia de mudança*, metáfora empregada por Maria Luiza Braga em suas aulas.

48 Se formas idênticas com evolução histórica distinta podem ser empregadas uma pela outra, causando ou não a ambiguidade, tem-se a homonímia como fator desencadeador. Se acepções distintas derivadas da evolução histórica de um mesmo item, em determinado contexto, provocam leituras distintas, estamos diante de uma polissemia.

sentença em que os verbos “dever” e “poder” estão incluídos, estamos também codificando algo além da pura informação, como em “Você deve ir ao baile esta noite / Você pode ir ao baile esta noite”. Além da informação “alguém vai ao baile esta noite”, ainda está implicada a intenção do falante: o verbo num domínio mais abstrato é, no caso, o material linguístico adequado para gramaticalizar a intenção e a força de autoridade que o falante detém na cena comunicativa⁴⁹.

Hopper (1998), que concebe a estrutura linguística como móvel e instável, revelando usos em constante emergência, elabora cinco princípios por meio dos quais é possível verificar a gradualidade típica do processo de mudança por gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Esses princípios tanto são fundamentais para o reconhecimento (ou certificação) de que a gramaticalização está em processo, quanto são ferramentas eficientes para se descreverem rotas de gramaticalização. Neste estudo, funcionarão como ferramentas para a descrição da rota de gramaticalização de estruturas x-que, pois permitem testar sua pertinência no caminho hipotetizado inicialmente para a incorporação dessa estrutura ao conjunto já existente e formalmente similar no português.

A *estratificação*⁵⁰ (*layering*) revela a coexistência de formas com função idêntica, resultantes da emergência contínua de novas camadas ao lado das formas antigas. A *divergência* implica a permanência da unidade-fonte como forma autônoma, sujeita a qualquer mudança pertinente a sua classe. Com a *especialização*, ocorre o afinilamento de opções, o que singulariza uma forma para uma função gramatical. Por esse princípio, o uso de uma forma começa a ser obrigatório em determinados nichos sociais, onde o poder de escolha diminui ou desaparece. A *persistência* é revelada na manutenção de alguns traços semânticos da origem lexical, da forma menos gramaticalizada na nova

49 Ao que parece, a alteração de alguns aspectos, tais como a pessoa gramatical e a entonação, pode interferir no resultado interpretativo. Moeschler (2007) lida com esses equívocos em termos de explicaturas.

50 Também conhecida como *camadas*.

forma/função a despeito das alterações sofridas⁵¹. E a *decatégorização*, por sua vez, representa o momento do processo em que há a perda de marcas e peculiaridades sintáticas da forma-fonte, provocando “uma diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, e conseqüente aparecimento de formas híbridas” (Neves, 1997:125).

Quando Hopper organizou esses princípios, vinculou-os a uma gramática emergente. Estaria ele pensando em emergência social ou emergência cognitiva? Ao que parece, a base mental do processamento é muito forte, pois, se língua é cognição, como dizer que a gramaticalização dessa língua independeria de um processamento cognitivo? Onde estariam as palavras antes de se estratificarem? Qual seria o *locus* da divergência? Haveria um gatilho social para a especialização? Que aparato do indivíduo estaria apto a reconhecer a persistência de traços? As respostas encaminham-se para o plano cognitivo-social da língua.

Todo o fazer-se da língua é, por assim dizer, um processamento cognitivo-social. Quando conceitos ou conteúdos mais abstratos são expressos por meio de conteúdos mais concretos (Heine, Claudi e Hünne Meyer, 1991a, b), tem-se um efeito linguístico resultante de uma operação cognitiva. O processo de gramaticalização é, assim, um processo cognitivo, cujo reflexo é a dinâmica dos usos (social). Dessa movimentação fazem parte polissemias e ambigüidades, pistas seguras da trajetória de mudança linguística. Muitas vezes, sinalizam as várias camadas de usos de um mesmo item ou estrutura na língua, retratos de sua evolução.

Os deslizamentos funcionais identificados poderiam ser lidos, portanto, como ‘pegadas’ de uma movimentação que pragmaticamente, há muito tempo, se instalou, e lentamente vai se manifestando em outras instâncias da língua. Se assim for, a língua pode ser, em si, um elemento icônico por representar, produzir os traços e até se assemelhar ao que, previamente, foi processado – na mente.

51 Em se tratando de itens mais complexos, como as focalizadas neste estudo, pode ocorrer de se perder totalmente a noção de sua fase ancestral, dado que a reanálise forçará uma nova interpretação estrutural.

Tomando por base o raciocínio desenvolvido desde a apresentação deste livro em que assumo uma perspectiva funcionalista do uso da língua, é fundamental que se aproximem os conceitos de direcionalidade e iconicidade como pistas seguras de um processamento mental. É importante ressaltar que a articulação mente/sintaxe não se estabelece de modo direto nem unilinear, porque são não-unilineares os percursos desenhados pelo sangue disparado pelas sinapses na mente humana⁵².

O princípio da iconicidade permite identificar uma correlação natural entre forma e função: o uso linguístico reflete a rotinizações de experiências humanas. Esse princípio pode ser apreendido por meio de alguns critérios caros à sintaxe das línguas, como *quantidade de informação* (subprincípio da quantidade), *integração sintática* (subprincípio da integração) e *ordem sintática* (subprincípio da ordenação linear) conforme segue:

a) *quanto maior e mais complexa a informação, maior e mais complexa será a codificação sintática*. A título de ilustração, observe-se a sentença “As coisas vão bem”, em que há uma informação declarada. A essa informação pode-se agregar a sensação de incerteza sobre o fato ou a marcação da elaboração mental do indivíduo num processo de reflexão, como em “acho que as coisas vão bem” ou “talvez as coisas estejam indo bem”. A codificação sintática torna-se maior em extensão e também mais complexa, pois exige uma estrutura superordenada, no primeiro caso, e emprego de subjuntivo no segundo caso.

b) *quanto mais próximos cognitivamente forem os conteúdos, mais integrados em sua codificação sintática também o serão*. Observe-se o exemplo a seguir, extraído de Cunha, Costa e Cezário (2003:33), em que a informação codificadora do sujeito (dois bárbaros) está distanciada do verbo (ressuscitou). Essa distância física provoca a dissociação gramatical, razão pela qual o falante não efetiva a concordância de número. É um processo cognitivo atuando sobre a distribuição das informações na situação comunicativa (social).

(13) Há pouco tempo atrás, dois bárbaros assassinatos, o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos sequestradores, **ressuscitou** a polêmica da Pena de Morte (Corpus D&G/NATAL)

52 Assumo a distinção entre cérebro (parte física em repouso) e mente (dinâmica decorrente das sinapses entre neurônios no cérebro). A linguagem tem um espaço físico no cérebro, mas a dinâmica manifesta-se nas sinapses mentais, pré-verbais.

c) *quanto mais importante a informação, maior sua prioridade na organização sintática*, ou seja, o falante deixa marcada sua priorização de informações na sintaxe. No exemplo, extraído de Cunha, Costa e Cezário (2003:33), a seguir apresentado, nota-se a importância que o falante dá ao fato de o pai estar tomando banho. Compreende-se perfeitamente esse fato, pois o que ocorrerá na sequência da narrativa só pode ser compreendido como “inesperado” se ficar claro que tudo ocorreu enquanto a pessoa estava no chuveiro. As demais informações são organizadas de modo a respeitar uma iconicidade entre a ordem dos acontecimentos e a ordenação sintática das informações.

(14) ... o pai dele tava... tava tomando banho... o gato apareceu na...na janela lá do...do... banheiro... ele tava tomando banho na banheira...ele pulou dentro e rasgou o...o...o pai dele todinho num matou não...só fez arranhar né? ...depois ele pegou um cabo de vassoura... meteu no gato e o gato foi embora (*corpus* D&G, NATAL)

Depreende-se da atuação desses subprincípios ligados à iconicidade que os falantes (ou escreventes) codificam sintaticamente suas intenções discursivas. Essa habilidade, principalmente na fala, deriva de convenções comunicativas estabelecidas e compartilhadas ao longo da história da espécie humana. Mesmo o desenvolvimento de cada indivíduo (da concepção até a maturação de seu cérebro e mente) depende da atuação de outros elementos: um aparato físico especial (o cérebro em um arranjo estável de formação de funções mentais); de um arranjo particular de funções, específico de cada pessoa (as vivências individuais, gravadas na experiência biográfica de cada um); de um arranjo estável de âmbito superior (os valores da comunidade em que se vive); e uma convenção oculta que está depositada na história da espécie humana (“os milhares de anos permitem garantir que a representação interna de cada fato mental é quase-equivalente ao uso de uma expressão da linguagem que o comunica para os outros seres humanos”, afirma Del Nero, 1997:108).

De tudo o que até agora se discutiu, não é difícil chegar à ideia de que pelo menos duas podem ser as motivações para que o processo de deslizamento funcional se instaure: um interno ao indivíduo (intenção de expressividade) e outro externo ao indivíduo (interagir com o outro, sendo claro e objetivo – econômico, portanto). Para dar conta dessa possível inequação, o indivíduo lança mão de “formas velhas/funções

novas” ou, ainda, “informação conhecida/baixa codificação sintática”, e deixa-se guiar por leis de interação entre fatores de estratificação social que desenham as regras do comportamento social. Contudo, se a mente se manifesta também por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema linguístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua.

Alguns estudiosos poderiam rejeitar a motivação interna, contudo, tendo-se em vista que os indivíduos intervêm para inovar o sistema gramatical somente numa direção, ao que parece ele atende a leis do sistema. Em suma, a inovação atende a uma força antrópica por meio de fatores entrópicos. Dá-se nova vida à gramática da língua sacrificando-se usos antigos paulatinamente.

O espaço de discussão e análise que se abre aqui assenta-se na premissa da atuação de forças contrárias. Focalizo as movimentações linguísticas (e cognitivas) que serviram de gatilho discursivo-pragmático para que estruturas X-que fossem submetidas a um processo de gramaticalização, inovando as ferramentas gramaticais no português do Brasil, a partir de um modelo já há tempo produtivo, o das locuções conjuntivas adverbiais.

2.2. Gramaticalização e os mecanismos de metáfora e de metonímia

No início era só a gramática⁵³, suas regras e suas exceções. E ela regia todas as discussões sobre língua, na sala de aula ou fora dela. Depois, a ciência linguística veio adicionar componentes para os quais se deveria olhar com mais precisão: eram os componentes fonológico, sintático, morfológico e semântico. Todos guardados em gavetas próprias, que seriam abertas à medida que fossem exigidos ou necessários. Compartimentos sem diálogo era o que tínhamos.

Muitos foram os avanços em cada um desses compartimentos linguísticos, e hoje assistimos a um esforço considerável para demonstrar que gramática se opõe a discurso, mesmo num momento em que

53 Aqui, refiro-me ao compêndio gramatical.

os cientistas funcionalistas já reúnem resultados suficientes para demonstrar que o seio dos usos é o momento da interação, e os componentes gramaticais como um todo são afetados com maior ou menor intensidade em cada uma dessas situações interativas. Assim, a gramática se molda às necessidades discursivas.

A sintaxe é o espaço onde todos os registros são gravados. É o *locus* da organização do pensamento. Organiza o léxico e a gramática para gerar sentidos a partir de intenções e objetivos comunicativos. Crenças, desejos e intenções são trabalhados com um fundo de memória e de conhecimento sobre a memória do outro, sobre o que se imagina/acredita que o outro sabe (repertório pragmático).

Para Tomasello (2003[2000]: 124), lembrar de objetos, eventos e pessoas específicos, além de todos os outros aspectos da experiência pessoal é condição *sine qua non* da cognição. E a criança, desde muito cedo, aprende a se comunicar empregando processos cognitivos a seu favor. A metonímia é uma dessas ferramentas.

Retomando, quando a criança elabora holófrases, serve-se do contexto de uso para completar a informação ou serve-se do conhecimento pragmático do interlocutor para conseguir seus intentos (por exemplo, quando diz “mais” para dizer: “quero comer mais pedaços desse bolo”).

No processo de gramaticalização, pode-se dizer que conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um conceito menos concreto⁵⁴:

By means of this principle, concrete concepts are employed to understand, explain or describe less concrete phenomena. In this way, clearly delineated and/or clearly structured entities are recruited to conceptualize less clearly delineated or structured entities, non-physical experiences are understood in terms of physical experiences, time in terms of space, cause in terms of

54 Justamente por essa razão, Heine (1994) defende que, para se dar conta da gênese e desenvolvimento de categorias gramaticais, é necessário que se realize uma análise sobre a manipulação cognitiva e pragmática, razão por que a transferência conceptual e contextos que favorecem a reinterpretação devem ser observados.

time, or abstract relations in terms of kinetic processes or spatial relations, etc. (Heine, 1994:150)⁵⁵

Nesse processo, dois mecanismos apresentam-se envolvidos: transferência conceptual (metáfora⁵⁶), que aproxima domínios cognitivos diferentes; e motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia) (Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991a). A diferença entre eles pode ser expressa da seguinte maneira:

Diferenças entre metonímia e metáfora (Bisang, 1998: 16)

<u>Metonímia</u>	<u>Metáfora</u>
nível sintagmático	nível paradigmático
reanálise (abdução)	analogia
implicaturas conversacionais	implicaturas convencionais
opera através da interrelação sintática dos constituintes	opera através de domínios conceptuais

As inferências metonímicas⁵⁷ e metafóricas constituem processos complementares. A metonímia resulta da contiguidade sintática de

55 Tradução sugerida: Por meio deste princípio, os conceitos concretos são utilizados para compreender, explicar e descrever fenômenos menos concretos. Desta forma, entidades claramente delineadas e / ou bem estruturadas são recrutadas para conceituar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, as experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, o tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relações abstratas em termos de processos cinéticos ou relações espaciais, etc.

56 Muitos linguistas (Sweetser 1990; Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994; Heine & Reh, 1984; Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991a, dentre outros) argumentam que a mudança semântica, durante o processo de gramaticalização, é fortemente motivada por processos metafóricos. Bybee, Perkins e Pagliuca discordam quanto a considerar, entretanto, a metáfora como o mais importante processo responsável pela gramaticalização.

57 Inferência é mobilizada para captar intenções por meio dos cenários ilocucionários gravados na memória do falante. Segundo Mendonza e Baicchi (2007), somente a inferência metonímica permite a resposta satisfatória em casos, como: “Can you open the door?”, em que duas explicaturas se abrem ao interlocutor: 1. responder se pode ou não abrir a porta; 2. mover-se em direção à porta e abri-la. Somente o segundo é a resposta ideal para um ato de fala

significações codificadas, e essa proximidade favoreceria a associação entre as informações. A metáfora, por sua vez, permite a transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre os dois domínios conceituais, ou seja, da associação do processo cognitivo de metáfora com o mecanismo da analogia resulta a metáfora (Hopper e Traugott, 1980).

Traugott (1988) concorda com essa ideia de que metáfora e metonímia são processos totalmente inseparáveis. Muitas vezes, na análise de um fenômeno já gramaticalizado, é possível observar a atuação de ambos os mecanismos em trechos específicos da mudança. Enquanto a metáfora resolve um problema de representação, a metonímia é associada com a resolução de problemas de informatividade e relevância na comunicação. Por exemplo, quando o falante elide alguma informação já pressuposta e, nessa elisão, aproxima termos que não estariam naturalmente próximos, como em: não vou **mais** [ao cinema], você vai > não vou, **mas** você vai. O lugar torna-se pressuposto na categoria *mais à direita* (processo). O que ocorre é que duas informações, antes distanciadas sintaticamente, justapõem-se e geram um efeito inovador que culmina com o reanálise de um marcador de contraste entre as duas informações.

Nesse sentido, metáfora e metonímia ajudariam a explicar a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior em um item ou construção mais gramatical. Vale ressaltar, portanto, que a passagem de um item/construção de menos gramatical para mais gramatical somente é possível através de um estágio intermediário em que um processo conceptual atua, favorecido pela aproximação sintática:

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente,

indireto. Segundo os autores, ainda, são requisitos para a resposta esperada: (i) a relação de poder estabelecida entre os interlocutores; (ii) o grau de liberdade que o falante dá ao ouvinte para fazer a ação; (iii) grau de polidez (formalidade e intimidade); grau de prototipicidade em que essas ocorrências se manifestam e em que seus efeitos se produzem; grau do custo-benefício da ação implicada. (id., p. 102).

mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança ou mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático (Martelotta *et alii*, 1996: 54)

Apoiados em Taylor (1989: 122), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991a: 61) definem metonímia como “a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity”⁵⁸, e defendem que esse é um mecanismo que contribui para o processo de gramaticalização, podendo desencadear a reanálise estrutural, como no exemplo com o marcador contrastivo **mas**, anteriormente apresentado.

Essa constatação de que mecanismos cognitivos metafóricos são atuantes na movimentação do sistema gramatical não é novidade da linguística mais recente, embora nos estudos mais antigos o campo lexical fosse mais investigado nesse sentido. Para Cousin (1944), processos metafóricos eram recorrentes na língua latina como fatos herdados do indo-europeu, mas ainda como fatos inovadores do próprio latim⁵⁹. Esse autor exemplifica com casos de lexicalização, mas é certo que o mecanismo de metáfora também agia no campo gramatical, porém de forma silenciosa, pois os âmbitos mais gramaticais são menos perceptíveis em suas mudanças ou deslizamentos. Outra razão para não se verificarem exemplos de gramaticalização repousa justamente

58 Tradução proposta: uma figura de linguagem em que o nome de uma entidade é usado para se referir a uma outra entidade que é contígua de alguma forma para a entidade constituída.

59 “Reste le cas des transpositions lexicales, qui sont dues aux analogies de la métaphore, c’est-à-dire à la substitution d’une expression concrète à une autre ou à une expression abstraite, mais cette substitution a perdu dans la pratique – lorsqu’il s’agit de métaphores qui ne sont pas créées spécialement pour des fins esthétiques – son caractère figuré et n’a de valeur métaphorique ni pour l’auditeur ni pour le sujet parlant: c’est ce qui se passe pour une foule de mots homonymes: *acies* [sobre a vogal e, encontra-se um *makron*] s’applique au regard et à l’armée, *cuneus* à un coin et à une formation de bataille, *globus* à une boule et à un peloton, *robur* [sobre a vogal o, encontra-se um *makron*] à une chêne et à la force, *serra* à une scie et à une disposition de troupes, etc. De consciente qu’elle était à sa création, cette transposition est devenue inconsciente et la langue a traité le nouvel emploi comme un nouveau mot. Le nombre de ces transpositions est infini dans toutes les langues et il leur donne une possibilité d’expression quasi illimitée.” (Cousin, 1944: 59)

nos interesses primordiais da ciência linguística à época: valorizavam-se outros nichos de interesse, como o dos aspectos fônicos e lexicais.

Segundo a grande maioria dos pesquisadores, ao processo de gramaticalização subjazem processos metafóricos que envolvem inferências a partir de limites conceptuais⁶⁰. E as transferências conceptuais decorrentes desse processo poderão seguir um percurso de alteração unidirecional com base na hierarquia funcional.

A transferência de um sentido ‘literal’ para outro ‘figurado’ e de um domínio de conceptualização para outro promove o deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato. Essa movimentação normalmente é intermediada por uma ambiguidade semântica⁶¹ (Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991a) que representaria o ‘elo perdido’ da recategorização⁶².

Pode-se, ainda, tomar como subsídios as discussões de Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) acerca dos mecanismos motivadores da gramaticalização, quais sejam: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção. A *extensão metafórica* caracteriza-se por meio de duas propriedades: 1. mudança de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato; 2. preservação de algum traço da estrutura relacional original. A *inferência* remete diretamente à implicatura, pois, enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. Nesse processamento, muitas expressões codifica-

60 O argumento de Langacker (1987, *apud* Taylor, 1992[1989]) parece fundar essa ideia: “Uma entidade será assimilada a uma categoria se uma pessoa encontrar alguma razão plausível para correlacioná-la a um membro prototípico”.

61 A ambiguidade é contextual, mas pode ser provocada em contextos distintos. Uma mesma informação pode ser compreendida de duas maneiras no mesmo contexto, e, às vezes, duas informações distintas podem ser confundidas em uma só função ou sentido. No segundo caso, trata-se de formas ou estruturas historicamente diversas que, num contexto específico, são realizadas de forma similar.

62 Paul (1966[1920]) admitia que eventualmente uma associação poderia ser criada por um indivíduo e, depois, difundir-se, mas se referia, então, a criações neológicas. Não creio que haja grandes diferenças processuais em se tratando da gramaticalização, a não ser a opacidade dos itens gramaticais.

doras de categorias cognitivas são elididas por serem já conhecidas ou compartilhadas pelos interlocutores. Esse é um ponto de interesse que pode se converter em perguntas orientadoras das análises:

- a) que categorias tendem a ser elididas durante o processamento interativo?
- b) as informações que compõem o repertório cognitivo compartilhado pelos interlocutores seriam sempre associadas a categorias mais básicas?

A *generalização* representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso. Para esse mecanismo, a frequência de uso mostra-se bastante relevante. E novamente algumas questões precisam ser elaboradas aqui:

- c) que traços específicos de significado sofrem *bleaching* para a expansão de contextos de uso das estruturas x-que?
- d) seria possível uma generalização de um uso sem necessariamente implicar *bleaching* em se tratando de estruturas x-que?

A *harmonia* é um mecanismo restrito aos elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico. Por isso, é aplicável aos estágios mais avançados da gramaticalização. Pergunto, então:

- e) uma estrutura x-que inovadora passaria por um processo de harmonia?
- f) que propriedades são extraídas desse processo em se tratando de estruturas x-que?

Por fim, a *absorção* representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado. No caso do trabalho de Bybee, Perkins e Pagliuca, refere-se ao momento da criação de um gram zero⁶³. Raciocínio similar poderia ser aplicado às estruturas X-que se for possível responder afirmativamente às seguintes questões:

63 Seu interesse era a evolução de morfemas gramaticais de aspecto e modo verbais.

resolvida pela reanálise⁶⁴ e analogia que provocariam a paradigmaticização (e atuação do mecanismo metafórico) da nova forma⁶⁵. Portanto, a movimentação do processo de gramaticalização pode ser representada num *continuum* que tanto envolve a variação conceptual quanto a contextual (Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991a, b).

Givón (2005) propõe que a gramática de interação social recapitula a gramática da comunicação interpessoal. Ele lista sete paradoxos que permitiriam evidenciar a correlação entre essas duas gramáticas. São eles: paradoxo do Yin e Yang, paradoxo de singularidade e continuidade, paradoxo de enraizamento e leveza, paradoxo de velocidade e consciência, paradoxo de atenção e automatismo, paradoxo de atenção difusa e paradoxo de prática fora do contexto. Todos eles representam a dinâmica de usos linguísticos e suas forças entrópicas e antrópicas em um constante dinamismo.

Forças contrárias e aparentemente contraditórias agem conciliando o que é diverso por mecanismos historicamente recorrentes (*paradoxo Yin e Yang*). Enquanto as diferenças parecem atuar de modo a desintegrar o sistema sociolinguístico (em toda sua diversidade), o resultado é a coesão sistêmica. Portanto, forças impelem o falante a

64 Para Harris & Campbell (1995:52), a reanálise pode introduzir uma estrutura totalmente nova na língua, mas sempre cria irregularidades. Reanálise é, em suma, um mecanismo que muda a estrutura de superfície de um padrão sintático sem que qualquer mudança aparente tenha ocorrido. Pode-se, nesse sentido, controlar elementos, como: (i) constituintes, (ii) estrutura hierárquica, (iii) rótulos categoriais, (iv) relações gramaticais, e (v) coesão (id., p.61). Exemplo de reanálise também pode ser lido em Naro & Braga (2000), quando explicam a estrutura “Ela tem as cartas escritas”.

65 Para Vossler, a analogia e a mudança fonética são, respectivamente, mecanismo e contramecanismo assim como ocorre com gramaticalização e mudança semântica. Diz, ainda, que a incompreensão é o que provoca a atuação do segundo. Nesse sentido, o interlocutor, não compreendo o sentido codificado pelo emissor, produz novo resultado, por sua vez não coincidindo com o emitido: “Y lo mismo que la analogia y el cambio fonético, a mi parecer también la gramaticalización y el cambio semántico se correspondem como co-mecanismos y contramecanismos. Así como los gramáticos hallan la raíz del cambio fonético en un natural *desajuste entre el articular y el oír*, así también descubren la raíz del cambio semántico en un *desajuste, no menos natural, entre “pensar” y “comprender”* (Vossler, 1944[1923]:104).

g) a absorção que culmina com um gram zero é similar ao que ocorre com a estrutura x-que inovadora, depois de absorvida e integrada à nova categoria?

h) haveria contextos em que a estrutura x-que com menor grau de absorção impediria a harmonia categorial de uso?

Segundo os autores, esses mecanismos de mudança operam em diferentes estágios do processo de gramaticalização, como representado a seguir.

Estágios do processo de gramaticalização (Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994).

iniciais	mediais	finais
_____	metáfora _ _ _	
		inferência _____
		generalização _____
		_____ harmonia _____
		_____ absorção _____

Uma questão importante na análise das informações contidas na figura anterior é saber em que ponto desse *continuum* estaria a atuação metonímica. Dos estudos que membros do Grupo de Pesquisa em que atuou desenvolveram, sobre os quais vamos tratar mais adiante, ficaram evidências de que metonímia é um mecanismo típico de estágios iniciais de mudança gramatical. Diante do exposto, pode-se considerar gramaticalização como um processo dinâmico que reflete não somente o movimento contínuo em torno da estrutura (nas relações estabelecidas), mas ainda como uma atividade cognitiva com reflexos na própria estrutura (Heine, Claudi & Hünnemeyer, 1991a, b).

Nesse processamento que se inicia por motivações devidas aos falantes, sobreposições da combinação sentido/forma geram ambiguidades, polissemias que se traduziriam numa assimetria. Tal assimetria, por se constituir um problema comunicativo ao falante-ouvinte, será

ser expressivo e inovador enquanto forças contrárias impõem regras de intercompreensão (eu digo o que digo em função do que imagino que o outro já saiba sobre o tema, administrando a quantidade de material linguístico em função disso). Portanto, a clareza e a objetividade são limitadas por uma regra conversacional geral que prevê que não se deve dizer mais do que o necessário. A fórmula, no entanto, para que isso funcione, contraditoriamente, provém da intuição e da memória de quem produz esse material.

Para lidar com as inconvenientes dúvidas ou mesmo antecipações equivocadas, está à disposição do falante seu repertório pragmático, que atuará na busca do restabelecimento da interação e do equilíbrio, mediado pelo material linguístico (*paradoxo de singularidade e continuidade*). Regras de polidez entrarão em campo, portanto, provendo de um equilíbrio dinâmico o sistema como um todo. Mesmo que uma mudança se imponha, como força entrópica do sistema, em direção à estagnação de usos (continuidade), há uma força contrária, anatrópica, que viria em socorro de uma sobrevivência singular (muitas vezes marcada pela variação e estratificação de usos). Essas forças mobilizariam formas em uso para a criação, num novo contexto comunicativo, de novas funções. O que permite essa dinâmica em suas forças anatrópicas é justamente a mudança de perspectiva (tal como no sistema biológico, quando um símio deixou de ser quadrúpede; ereto, passa a olhar o mundo de outra perspectiva). O efeito é um rearranjo de todas as capacidades cognitivas, envolvendo contextos globais (eventos, participantes, cena comunicativa, tópico, foco, capacidades cognitivas e habilidades físicas).

Em função dessas habilidades e capacidades é que o falante visará a um ajuste mais fino entre memória e estatuto informacional, para gerar intenções em suas codificações sintáticas (*paradoxo de velocidade e consciência*). Não só o conhecimento gramatical sedimentado na memória de longo termo ficaria disponível à memória de curto termo, aplicada à cena comunicativa, aos participantes e às resoluções inferen-

ciais e textuais das relações fóricas e dêiticas. O grau de consciência em relação à língua e ao repertório pragmático dos interlocutores, contudo, é que permitirá imprimir maior velocidade comunicativa, apreendida em termos formais pela redução/ampliação de formas.

Entra nesse quesito, também, o princípio de iconicidade que prevê que forças sociocognitivas gerenciariam a quantidade, proximidade e automatizações implementadas pelos falantes. O alto ou baixo grau de consciência podem atuar em categorias, como atenção, foco e ordenação linear de informações para que necessidades comunicativas sejam atendidas (*paradoxo de atenção e automatismo*).

Da atuação dessas forças pode resultar uma estruturação ambígua (*paradoxo de atenção difusa*) e o que fará com que o equilíbrio se restabeleça é justamente o que falante assume como já automatizado e conhecido como mais produtivo e frequente na língua (*paradoxo de enraizamento e leveza*). Lançar mão do conhecido para resolver situações novas pode dirigir o falante a reanalisar numa função totalmente nova uma estrutura de aparência conhecida, o que facilitará a atuação da memória de longo termo a esse novo contexto de uso (*paradoxo de prática fora do contexto*). Em situações como essas, a língua muda, e forças anatópicas voltam a atuar em busca da vitalidade do sistema.

Na leitura que faço de gramática e de sua correlação com intenções discursivo-pragmáticas, creio que a proposta de Givón (2005) aproxima, de modo peculiar, todos os pontos aqui discutidos como embasamento teórico, talvez sintetizando-os por um prisma inovador, talvez criando uma liga ainda não ensaiada até este momento. Essa é a razão por que julgo relevante ter abordado de forma sintética cada um dos paradoxos propostos por Givón e os ter associado com os pontos destacados como fundamentais.

Portanto, o imbricamento entre forças cognitivas e aspectos sociais da interação estarão presentes durante todo o encaminhamento desta texto, que versará sobre a evolução de estruturas x-que de base adverbial no português do Brasil. Interessa identificar a atuação de

forças sociocognitivas que operam de modo a provocar arranjos sintáticos, às vezes inusitados, pela busca da clareza, objetividade e economia. Esses arranjos, suponho, podem entrar em choque com estruturas já existentes na língua e ser rejeitados pela comunidade linguística ou podem, como suponho ter ocorrido com as estruturas sob análise, ser alvo de confusão e posterior reanálise. Este é o meu interesse, que traz em seu bojo a implicação de uma questão teórica bastante complexa: no momento em que o falante acomoda sintaticamente as informações de modo totalmente inconsciente quanto ao efeito produzido (porque não havia esta intenção prevista), ele agiria sobre o mais duro núcleo da gramática? Hipotetizo que sim.

II. Situando o problema e Desenhando o percurso para sua resolução

The drama of linguistic change is enacted not in manuscripts nor inscriptions, but in the mouths and minds of men. (H.C. Wyld, 1972, *apud* Milroy 1993)

We have thus seen that the semantic analysis of ordinary language sentences, in order to incorporate observations and rules about illocutionary force, must include in its scope ways of dealing with the participants in the speech act itself (Charles Fillmore, 1972:18).

Repisar as pedras que serviram de pistas para esta proposição parece ser a melhor decisão neste momento em que devo delinear o problema que me impeliu a redigi-la e em que devo apontar os caminhos para resolver esse mesmo problema.

1. O PROBLEMA

Retomando pressupostos teóricos da gramaticalização de itens em comum com os pressupostos teóricos da sociocognição, tem-se um caminho seguro de reflexões as quais demarcarão o encaminhamento mais adequado para desenvolver uma análise suficiente das questões formuladas inicialmente, ou seja, o caminho necessário para se chegar a identificar rotas de gramaticalização no português do Brasil à luz de uma subjacente categorização cognitiva de estruturas X-que.

Ao recuperar as informações do capítulo sobre fundamentos teóricos, as categorias cognitivas constituem-se fontes de interesse para o desenho das rotas de mudança no português. O delineamento dessa rota invariavelmente passa por elisões de termos e sintagmas, num processo metonímico deflagrado pela alta frequência *tokens* (rotinização e memória) e de um modelo estrutural prévio (produtividade de

estrutura na língua). Essas elisões são bastante comuns em processos de gramaticalização diversos, razão pela qual posso apresentar algumas evidências de que o mecanismo metonímico é produtivo nas línguas em geral.

O fato linguístico mais citado pelos teóricos que estudam gramaticalização é justamente a evolução do verbo *ir*. Não é por acaso o mais citado caso de gramaticalização. Ele reflete, na verdade, o fenômeno típico de mudança que abrange mecanismos metonímicos e metafóricos durante o processo de mudança. Meillet (op.cit), quando cunhou o termo, já exemplificou o processo de gramaticalização com o surgimento de um verbo auxiliar de futuro no francês como resposta a algumas estratégias comunicativas. Olhando com atenção para outras línguas, notamos, contudo, que se trata de uma tendência mais geral de mudança:

15) Vou	ao açougue
mov.	locat.
I go	to 0
16) Comprar	Carne
atividade	objeto
to buy	meat

(to 0 = informação compartilhada)

Discuti, no capítulo anterior, a passagem de uma estrutura como a exemplificada em (15) para uma estrutura contendo o prejuízo categorial (elisão da categoria espaço, representada pelo sintagma locativo *ao açougue*). Note-se que esse segmento é mais básico cognitivamente do que o segmento seguinte “comprar carne”, que codifica uma atividade (pressupõe pessoa, objeto, espaço e ação). Em outras palavras, na categoria atividade estão implicados *objeto* e *pessoa* em um *lugar* habitual para o desenvolvimento daquela *atividade*, daí a desnecessidade cognitiva do sintagma “ao açougue”.

Essa mudança por metonímia atinge muitos fatos linguísticos. Observe-se o exemplo seguinte, que apresenta um uso inovador encaixando a segunda sentença.

- (17) A greve dura já quase dois meses. **Isso porque** os alunos estão irredutíveis
(exemplo de fala espontânea durante interação universitária)
- (18) A greve dura já quase dois meses. **Isso se explica porque** os alunos...

A sequência “isso porque” funciona como uma expressão anafórica sentencial seguida por uma oração causal. A palavra **isso** retoma a oração “A greve dura já quase dois meses” e traz em seu conteúdo semântico a causa para a longa duração da greve. Se o que se apresenta como segunda informação codificada é a causa da primeira, então o emprego do verbo *explicar*, ou outros equivalentes, torna-se desnecessário, porque o próprio conector traz essa ideia de explicação. Poderíamos nos perguntar o que se pode aprender a respeito do processamento da linguagem com esses exemplos? A resposta é clara: aprendemos que informações compartilhadas e inferíveis podem ser elididas da sequência sintagmática. O prejuízo categorial, no caso citado, fica efetivado pela elisão de um verbo, totalmente desnecessário na sequência comunicativa.

Ainda a título de ilustração, observem-se os exemplos seguintes, em que se tem o verbo *tirar* atuando numa função abstratizada. Enquanto o verbo *tirar* implica, em seu uso mais concreto, uma *pessoa* e pelo menos um *objeto*, além de obrigatoriamente o *processo* de uma ação (física) em curso, em seus empregos mais abstratos não há o envolvimento dos membros, mas da mente. É o se lê nos exemplos seguintes, em que está apresentado um processamento mental em curso¹:

1 Tradução: O drama da mudança linguística é representado não nos manuscritos nem nas inscrições, mas nas bocas e mentes dos homens.

(19) A empregada doméstica Doralice Muniz Barreto, de 44 anos, conta que teve de **tirar a blusa** para passar pela porta giratória da agência do Banco do Brasil no Centro de Jundiaí... (<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo>, consultado em 10.08.2010)

(20) Pra dizer a verdade, eu descobri que minha namorada é que sempre era extremamente tímida e eu também era um pouco, daí **youê tira que...** talvez ela pode até gostar de você sim, só que é lógico que ela não revela de forma a qual queria. As mulheres revelam seus sentimentos de forma diferente dos homens, até porque a maioria delas tem mais receio em se machucar, quando você provar para ela que é seguro estar com você, não ser um canalha de pior marca (um pouquiinho de nada é bom xD), que não apenas gosta dela, más de você também, ela vai começar a querer se abrir mais com você. (Forum internet: <http://webcache.googleusercontent.com>, consulta em 01.08.2010)²

(21) @bruno091000 Bruno !! Olha só meu amigo !!! Com base no que irei lhe dizer, **youê tira a conclusão que** você achar melhor.. Na Grécia antiga, a comédia só era aplicada fazendo piada da vida dos escravos (a classe operária da época), porque com os “aristocratas” se fazia a tragédia.. Comédia sempre foi usada para trazer auto-desprezo (pois não deixa de ser uma crítica), e fazer o espectador desprezar? aquilo que ele vê como engraçado, ou seja, ele mesmo.. (<http://www.youtube.com/watch?v=ATd-ZDKvYE8>, consulta em 01.08.2010)³

No exemplo (19), tem-se um verbo de atividade física (*tirar* implica a interação entre movimento físico e objeto), que, no exemplo (20), desempenha a função de atividade mental dada a atuação de um processo metonímico de incorporação do valor semântico do sintagma nominal *a conclusão*, como exemplificado em (21).

Tendo em vista que conceitos ou conteúdos mais concretos são expressos por meio de conteúdos mais concretos (Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991a, b) e tendo em vista, ainda, que, nessa movimentação, tem-se um processo de gramaticalização, também nessas evoluções gramaticais os princípios de mudança refletem-se de modo a dar movimento a itens/estruturas com baixo grau de restrição de uso pela

2 Tradução: Vimos, assim, que a análise semântica das sentenças da linguagem comum, a fim de incorporar observações e regras sobre a força ilocucionária, deve incluir em seu escopo maneiras de lidar com os participantes do ato de fala.

3 Como indicação de um trabalho com dados sincrônicos e de diacronia relativa ao século XX, consulte-se a proposta de análise de Adriana Batista (2007).

exigência de traços semânticos que lhes confirmam o estatuto de menos plenos.

O reflexo dessas contínuas movimentações pode ser evidenciado no reconhecimento da existência da polissemia, pista segura da trajetória de mudança linguística. Muitas vezes, sinaliza as várias camadas de usos de um mesmo item ou estrutura na língua, retratos da evolução da língua. É o que me interessa aqui. É o que comumente se mostra em estudos sobre o tema. Essas movimentações, contudo, podem ser estudadas à luz das perdas e prejuízos categoriais que serviriam de gatilho (discursivo-pragmático) para que a nova estrutura X-que se imponha. Note-se a presença de um contexto social (nas situações discursivo-pragmáticas) fazendo vingar as operações cognitivas, e isso é informação suficiente para atestar que a direcionalidade manifestada traduz-se numa tentativa de apreensão da iconicidade refletida.

Retomemos as ideias de Haiman, lidas por Bybee (2003) à luz dos processos de gramaticalização. Nesse processo de elisões e incorporações metonímicas, não se pode ignorar o fato de que, quanto mais ritualizado for um item/estrutura, mais gramaticalizado será. Então, se a *habituação* resulta da repetição e esgotamento de um item desgastando sua força, essa frequência de uso tornará esse item um candidato perfeito para iniciar seu processo de gramaticalização. Em outras palavras, todo processo entrópico acentuado produz o enfraquecimento de forças semânticas, fazendo com o item deixe de responder no mesmo nível a estímulos repetidos. Do mesmo modo, se a *automatização* (de sequências ou unidades) produz o impacto de unir o que antes fazia parte de fronteiras autônomas, seu efeito será o uso em bloco num determinado contexto.

A gramaticalização pode fundir informações contíguas pela repetição da co-ocorrência e atingir, de forma drástica, a autonomia do item. O efeito mais comumente observado nesses casos é que componentes da construção enfraquecem ou perdem associação com outros usos desse mesmo item. Esse processamento se explica cognitivamente

pela atuação da inferência: se um mesmo padrão de inferência ocorre frequentemente com uma construção em particular, essas inferências podem se tornar parte do sentido dessa construção. Ainda se pode afirmar que, se a *redução da forma* ocorre com o enfraquecimento, a reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações ocorrerá. Essa redução pode ser representada por mudanças fonológicas (redução e fusão) provocadas pela alta frequência e a correlação sistemática com o seu estatuto informacional (porções informativas velhas ou inferíveis), tal como demonstrado com a gramaticalização do verbo de movimento *ir* em verbo auxiliar de futuro. Ainda retomando Haiman, se a *emancipação* prevê que funções mais instrumentais passem a assumir funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico, num processo de gramaticalização, a autonomia de um item muito frequente também é afetada com vistas a um maior arraigamento à língua e à preservação de características morfosintáticas “obsoletas”.

Algumas estruturas X-que parecem ser resultantes da perda de categorias cognitivas na cadeia de codificação sintática. Alguns exemplos disso são as estruturas derivadas das construções volitivas (Quero que você vá embora⁴) e estruturas inovadoras de caráter adverbial (temos que⁵ ... e tudo porque...). Essas estruturas constituem-se cadeias sintáticas com valores ambíguos e são, algumas vezes, interpretadas como ‘erros’ por professores. Não é incomum que, no último parágrafo de uma redação dissertativa, o professor de português se depare com o operador argumentativo “com tudo” sinalizando que a conclusão do texto será

4 A depender do ambiente comunicativo, pode-se interpretar como a expressão de uma simples volição ou de uma ordem que deve ser cumprida.

5 A expressão temos que, provavelmente derivada da sequência temos a conclusão que (também encontrada como: temos, com base no exposto, que), tem sido empregada em contextos conclusivos. Também em redações vestibulares, tem sido comum encontrar o elemento coesivo com tudo em função conclusiva, derivado da expressão Com base em tudo isso que foi exposto acima.

apresentada. O professor assinala esse operador e o classifica como inadequado por considerá-lo um operador de contraste, um erro de uso, portanto.

Note-se que esse ‘erro’ diz muito mais sobre o processamento linguístico e cognitivo realizado por esse aluno do que nos diria se simplesmente o considerássemos um mero equívoco. O aluno inicia a conclusão de seu texto com um operador textual anafórico, que retoma todas as considerações feitas durante sua argumentação fazendo equivaler a “**com tudo isso** que eu apresentei anteriormente” ou, ainda, a “**com base em tudo isso** que apresentei anteriormente”; ele sinaliza que tem o conhecimento de gramática de texto: usar um operador na cabeça do último parágrafo de um texto dissertativo significa iniciar uma conclusão. Tendo essa informação compartilhada com seu interlocutor, poderá ser econômico na codificação sintática (princípio da iconicidade). Ainda, por último, guia seu raciocínio a ideia de que um operador conclusivo constitui-se de uma única unidade de palavra, tal como o uso prototípico “portanto”. Seu conhecimento e as confusões decorrentes desse conhecimento provocam o surgimento de um novo operador conclusivo, rejeitado pela normatividade por confundir-se com um operador contrastivo *contudo*. De qualquer modo, uma motivação discursivo-pragmática ampara o surgimento desse uso, que é deflagrado pelo mecanismo de metonímia num primeiro momento e que é reanalisado, metafóricamente, como um operador conclusivo.

O que esse aluno fez foi dar continuidade a um processo há muito tempo produtivo nas línguas em geral. No latim, deparamo-nos com um imperativo restrito à segunda pessoa (a vogal temática era a marcação dessa função), mas, depois, essa função foi aos poucos se expandindo para outras pessoas gramaticais. Observem-se os exemplos:

(23) lege!

(24) ama!

Neles, o imperativo não detém nem sufixo nem desinência, mas, assim como nos vocativos, a vogal temática é suficiente para codificar a intenção de ordenar⁶. O alvo dessa ordem era sempre a segunda pessoa do singular, independentemente de quantos fossem os interlocutores. Posteriormente, a forma injuntiva é empregada (fato comum no grego e no sânscrito) no latim (ex.: *legete*, *amate*) para se referir à segunda pessoa plural, que também admite, diferentemente da segunda pessoa do singular, uma partícula negativa. É a exigência comunicativa por diferenciação (elidir ambiguidades) que fez o imperativo se expandir para formas distintas nas demais pessoas. E os processos de mudança foram se sucedendo sempre com vistas a resolver problemas comunicativos.

No espanhol, o pronome pessoal *nos* passa, em determinado período a ser confundido com *nosotros*, que anteriormente somente sinalizava o uso enfático e discriminativo de exclusão de pessoas numa determinada ação. Depois, *nosotros* ocupa totalmente o lugar de *nos*, que desapareceu como pronome pessoal do caso reto. Perguntemo-nos sobre o motivo dessa movimentação: busca de clareza na comunicação diária (ainda para o espanhol, consulte-se Bertolotti, 2007, sobre o uso de *vuestro*). No alemão, a palavra *sehr* era adjetivo e significava ‘doloroso’, mas, com o uso e com as necessidades de comunicação, o falante inovou e, numa situação em que pretendia intensificar uma ação, empregou o adjetivo. Primeiro, foi empregado nessa situação específica e, depois, expandiu-se para a fala de outros usuários da língua, que o reanalisam como advérbio intensificador (cf. Vossler, (1944[1923]:105). Há exemplos diversos de mudanças orientadas pela mesma motivação no trabalho de Heine & Kuteva, 2002).

6 Segundo Climent (1945:552), essa explicação “corroborar a hipótesis de que los imperativos eran en un principio formas de indiscutible carácter nominal que con el tiempo adquirieron categoría verbal por obra del contexto.” Segundo ainda este autor, no espanhol, é comum encontrar esse valor imperativo em nomes (silêncio!, fogo!). Esses exemplos do espanhol têm paralelo exato no português.

A propósito de se tratar da conjunção adverbial e da presença da palavra *que*, bem como de sua reanálise em estruturas x-que, fiz uma incursão inicial pelo espanhol, língua com comportamento similar em muitos fenômenos linguísticos. Estudando a descrição gramatical elaborada por Gili y Gaya (1955:288), há a afirmação de que expressões, como *mientras que*, *entretanto que*, *en tanto que*, *siendo así que*, *por el motivo de que*, *luego que*, *así que*, *primeiro que*, *antes que*, *después que*, *desde que*, *hasta que* equivaleriam a advérbios seguidos da palavra *que*, que teria uma função “muy próxima a su valor relativo pronominal”. Dado que as considerações do autor integram um quadro mais antigo de uso do século XX e dado, ainda, que hoje existe uma gramática da Academia Real espanhola que normatiza os usos do espanhol em todos os espaços geográficos em que essa língua é oficial, perguntei-me se falantes teriam essa mesma noção de que duas orações se apresentavam nessas sequências.

Como forma de checar minhas intuições, consultei três falantes do espanhol de Montevideú, todos docentes de língua espanhola em cursos de níveis distintos, mas todos com formação linguística. A resposta foi sumária: trata-se de uma conjunção e não de duas unidades (advérbio + pronome relativo). Dois caminhos abriam-se à análise que fora empreendida: ou a descrição de Gili y Gaya era muito tradicional e pautada pelas unidades atomizadas (o que permitiria a análise individual dos termos)⁷ ou teria havido uma mudança de leitura desses itens, posteriormente a 1955.

Em conversa pessoal com a Profa. Dra. Virgínia Bertolotti, da Universidade de la República, do Uruguai, percebi que não se podia mais recuperar aquele uso mais antigo em duas unidades⁸, talvez jus-

7 Essa foi uma das explicações sugeridas por uma das docentes do espanhol.

8 A fim de dar consistência ao seu argumento, a Profa. Bertolotti citou os seguintes exemplos: *Mientras que Juan cantaba, María pintaba*; *Mientras que Juan trabaja mucho, María solo pinta*; *Mientras que llegues a tiempo, no tengo problema en que salgas hoy* (este é meio raro na região do Río da Prata).

tamente porque hoje não representa o atual padrão descritivo, que já incorpora muitas inovações gramaticais às prescrições. Ainda segundo a pesquisadora, na **Nueva Gramática de la lengua española** (2009), organizada pela Academia Espanhola, o tema é tratado de forma mais adequada aos usos que encontramos como aceitos pelos falantes hoje. Essa gramática esclarece que nem sempre é claro o limite entre esses advérbios e conjunções em várias construções que incluem o seu emprego. Reconhece que se trata de um uso polêmico não somente na classificação, mas ainda no próprio valor de relação.

A explicação oferecida para dirimir a dúvida e aclarar a compreensão adequada do fato repousa em que pronomes relativos/advérbios podem ter função sintática, diferentemente das conjunções. Um exemplo apresentado é o seguinte: *Llamó el director cuando tú trabajarbas en el informe que te había pedido*. O foco da discussão é o advérbio/conjunção *cuando* (quando), que, no exemplo, introduz uma oração subordinada temporal. Ainda segundo a gramática, as conjunções não podem desempenhar função de complementos circunstanciais. A discussão vai longe, analisando funções de locuções *x-que*. Por agora, isto interessa: há evidências fortíssimas sobre a produtividade do processo de evolução de conjunções derivadas de orações relativas no espanhol.

O contato com a dinâmica da língua espanhola e com falantes do espanhol da região do Rio da Prata permitiu que eu obtivesse a convicção de que esse fenômeno da reanálise por aproximação de contextos de uso é realmente comum nas línguas românicas.

Sendo classificar uma operação básica do espírito humano, as similaridades e diferenças percebidas é que permitiriam a categorização. Na lida com o léxico e com a gramática, ocorre o mesmo. A preocupação com a delimitação do que seja palavra (definição, extensão, recorte) tem se demonstrado em si um problema para uma taxionomia satisfatória. Isso ocorre porque não há uma relação biunívoca entre

classe e função. Essa visão distorcida redundava em erro com raízes históricas⁹. É o que temos visto com a palavra *que* antecedida por advérbios.

Sob a perspectiva da tradição, também nos deparamos com problemas de conceituação e classificação funcional das conjunções. O primeiro deles diz respeito à extensão dessa delimitação, qual seja, os limites da frase. Nesse sentido, a função sintática é vista dentro de contextos especificamente selecionados para mostrá-la exemplarmente. Neves (2002:121), por exemplo, aponta dois problemas relacionados a essa classificação tradicional: o primeiro refere-se ao fato de que, numa unidade maior (texto), as funções podem ser outras, o que pede uma investigação do comportamento dessas palavras em contextos variados; e o segundo refere-se à organização das gramáticas escolares, por meio das quais se apreende um falso caráter móvel e estável das estruturas linguísticas apresentadas e comentadas.

O encaminhamento dessas discussões já deixa ver o objetivo: aclarar o percurso assumido pela evolução dessa mudança de perspectiva sobre as estruturas *x-que* na gramática a partir de estudos linguísticos de modo a elaborar um sumário do que se estudou ou se descreveu sobre a gramaticalização dessas estruturas no estado de São Paulo, dando voz especificamente aos estudiosos que investiram teoricamente na gramaticalização numa abordagem funcionalista.

2. Encaminhamento Metodológico

Assumindo a premissa de que deslizamentos funcionais de itens mais ou menos lexicais permitem a apreensão de rotas de gramaticalização nas línguas, muitos linguistas, dentre os quais me situo (Lima-Hernandes 1998, 2000, 2000a, 2002a, 2002b, 2003, 2004, 2005, 2006; Casseb-Galvão, 1999; Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão,

9 Para uma discussão aprofundada sobre essa questão, é imprescindível a leitura de Neves (2002, pp.119-128).

2007; Lima-Hernandes & Casseb-Galvão, 2006; Lima-Hernandes, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2010; Votre, Martelotta e Cezário, 2004; Cezário, 2004; Martelotta, 2004; Neves e Braga, 1998; Braga, 1999, 2003; Braga e Paiva, 2003; Dias, 2001; Carvalho, 2004; Rodrigues, 2006; entre outros), têm empreendido pesquisas sobre fenômenos específicos que sofreram mudanças motivadas por gramaticalização na língua portuguesa.

Alguns centros de pesquisa funcionalistas sedimentaram-se no estado de São Paulo desde a retomada dos estudos sobre gramaticalização, em decorrência do doutoramento de pesquisadores nessa linha (Gonçalves, 2003; Lima-Hernandes, 2005; Longhin-Thomazi, 2004). Os focos de produção acentuada nessa área, em São Paulo, podem ser restritos aos seguintes institutos de pesquisas: IEL-Unicamp, as Unesp de São José do Rio Preto e de Araraquara, a USP e, mais recentemente, o Mackenzie. Todos, sem dúvida, buscam respostas para a atuação de domínios cognitivos da mudança linguística que afeta o núcleo duro da língua, a gramática, com maior ou menor formalização linguística. A produção desses institutos, no que se refere à gramaticalização de orações adverbiais e suas respectivas locuções conjuntivas, foi alvo de estudo na etapa que antecedeu a redação desta material. O que desse estudo remanescerá aqui é a identificação desses autores quanto aos padrões funcionais em uso e uma proposta de reestudo dos dados com vistas à identificação de rotas de mudança de estruturas x-que.

A leitura dessa produção permitiu-me identificar rotas de gramaticalização de itens que se tornaram conjunções adverbiais e também perceber que algo de comum havia entre os fatos descritos pelos autores. Notei que forças cognitivas associadas a fatores sociais da comunicação atuavam na constituição da gramática, mesmo em contextos imprevisíveis a despeito da derivação classicamente apontada. Em outras palavras, percebi que existiam contextos em que a manifestação da economia na codificação linguística produzia um efeito de gramaticalização. O início do processo, eu supus, seria provocado pela atuação da

memória de curto termo (em especial ao que se imagina que o outro saiba sobre o tema) e o resultado seria ambiguidade estrutural (duas estruturas similares, originadas de rotas históricas distintas passam a ser alvo de confusão, antes que um processo de reanálise permita juntar as duas estruturas num único tipo de construção).

É certo que nesse processo de mudança, no modo como foi hipotetizado há pouco, estão previstas perdas, ganhos e manutenções de traços. Logo, um modo de refazer esse percurso de mudança será justamente proceder à identificação dos prejuízos categoriais e informacionais, e ao reverso controlar as manutenções categoriais/informacionais. Os mecanismos de gramaticalização, o desenvolvimento do processo em si, devem ser o foco de interesse, muito mais do que a origem e o ponto de chegada de cada mudança. O que norteará o raciocínio sobre a mudança, além dos mecanismos, será a atuação do princípio-mor do processo: a unidirecionalidade que conduz uma estrutura x-que à recategorização em conjunção adverbial.

Em muitos dos momentos de mudança em curso, a ambiguidade aparece, mas nem sempre temos condições de reconhecer os caminhos que permitiram essa manifestação. Imagino que dois poderiam ser esses caminhos: a ambiguidade semântica e a ambiguidade estrutural. Se duas formas idênticas (palavra ou estruturação) assumem, em contextos distintos, acepções distintas, embora tivessem tido o mesmo percurso histórico, podemos estar diante de uma ambiguidade semântica, mas, se duas estruturas idênticas são interpretadas com mesma função, a despeito de terem tido percursos históricos totalmente diferentes, então certamente estamos diante de uma ambiguidade estrutural.

Nem sempre o contexto é suficiente para reconhecer a ambiguidade estrutural, pois há situações em que o falante elide segmentos informativos que supõe já conhecidos pelo interlocutor e, com esse movimento, rompe uma cadeia sintática previsível em favor de uma nova combinação ou aproximação de elementos na estrutura. Essas informações discursivas elididas do encadeamento sintático são mantidas

nas dobras do discurso e podem ser, em algumas situações, reavivadas mentalmente pelo interlocutor. Minha pergunta é: nos contextos em que essa sintonia de informações não ocorre, qual a solução encontrada pelo interlocutor? Das duas uma: ou pergunta ao falante ou reanalisa o contexto de uso para dele alcançar um sentido plausível que se adapte ao contexto corrente de uso.

Se adotar o primeiro encaminhamento, o falante responderá à questão resolvendo o problema comunicativo. Se, no entanto, adotar o segundo encaminhamento, a solução será dada por meio de uma interpretação inovadora. Para essa inovação, em contrapartida, são mobilizadas estratégias semânticas ou estruturais produtivas em situações comunicativas próximas conceptualmente, na análise e leitura do interlocutor.

Para investigar esse fenômeno da ambiguidade estrutural, hipótese que alimento para o desenvolvimento de locuções adverbiais no português, terei que levar em conta as seguintes perguntas-guia:

1. apreendendo a generalização de usos:

- a) que traços específicos de significado sofrem *bleaching* para que a estrutura x-que possa se tornar uso ambíguo estruturalmente?
- b) seria possível uma generalização de um uso sem necessariamente implicar *bleaching* em se tratando de estruturas x-que?

2. reconhecendo uma possível harmonização:

- a) uma estrutura x-que inovadora poderia passar por uma locução mais conservadora? ou, ao reverso,
- b) as locuções conservadoras teriam tido caminho similar ao das locuções inovadoras em seu desenvolvimento?

3. identificando a absorção:

- a) a absorção categorial é totalmente implementada pelas estruturas x-que que se gramaticalizam em locuções conjuntivas?
- b) haveria contextos em que a estrutura x-que com maior tempo de gramaticalização percorrido atuaria de modo a se distinguir dos demais itens inovadores?

Em cada um dos estágios do processo de gramaticalização em que elaborei questões (generalização, harmonia e absorção) estariam atuando os processos cognitivos da inferência e da metonímia. O mecanismo metonímico – e consequentemente a inferência – é um ponto-chave em minha argumentação para a hipótese de mudança gramatical da estrutura *x*-que de base adverbial, pois, enquanto a inferência é base para toda manifestação linguística interativa, a metonímia atuará no campo informativo a partir de codificações sintáticas produtivas e frequentes.

Os mecanismos metonímicos estariam presentes, assim, nos estágios iniciais de gramaticalização, quando o contexto precisaria de um gatilho sintático para que uma ambiguidade pragmática se fizesse presente e, num passo seguinte, a reanálise se impusesse. Esse procedimento hipotético reflete a importância do contexto ou ambiente sintático para que uma nova locução conjuntiva adverbial surja no português.

Essas engrenagens do processamento linguístico revelam que forças contrárias atuariam para que a movimentação gramatical se fizesse, pelo menos no caso das estruturas sob análise. Nesse sentido, forças cognitivas atuariam sobre situações conversacionais fazendo com que um processo de gramaticalização fosse deflagrado.

Não há implicada nessa hipótese a necessidade comunicativa por expressividade, não pelo menos no resultado ou efeito da mudança (o surgimento de uma locução adverbial). Está, no entanto, implicada a necessidade comunicativa de ser tão informativo quanto necessário, ou seja, não oferecer mais informações do que o necessário (máxima da quantidade) e ser relevante (máxima da relevância), sem incorrer em obscuridades, ambiguidades ou prolixidade (máxima do modo¹⁰) na situação comunicativa.

¹⁰ Essas regras conversacionais foram apresentadas segundo os rótulos de Grice.

Por conseguinte, a produtividade dessa estrutura na língua portuguesa sofreu, com a gramaticalização de locuções conjuntivas adverbiais (estruturas *x-que*), um impacto considerável que atingiu, certamente, a frequência *type* também. Acompanhar a produtividade dessa estrutura poderá ser, portanto, o caminho mais interessante para se confirmar a hipótese aventada. Resta, agora, pensar num encaminhamento metodológico em termos de amostras de trabalhos que possam oferecer seus resultados como base para uma nova organização em função dos objetivos apresentados. O tratamento da frequência *token* não será privilegiado neste trabalho, já que não contarei, atipicamente, com um *corpus* controlado século a século em extensão. Isso não se constituirá um problema, contudo, pois os trabalhos da base de consulta já procederam ao controle das frequências *type* e *token* à ocasião de cada investigação particularmente. Ademais, não está em questão saber qual locução é mais recorrente. O interesse concentra-se na busca de uma explicação plausível para o surgimento de locuções independentemente da frequência, que não é aqui analisada nos moldes tradicionais como critério de gramaticalização. O controle da frequência *type*, por sua vez, possibilitará que não seja perdida a real dimensão da paradigmática dos padrões funcionais identificados.

Como apresentei na discussão inicial, desde o final do século XX, a produção científica na área de Linguística Histórica, especialmente voltada para a investigação das rotas de gramaticalização, tem se mostrado abundante e, em grande parte, dispersa em veículos pouco acessíveis no território nacional.

Muitos fenômenos são identificados a partir de rotas diversas – e às vezes conflitantes –, o que tornou preocupação recente a direção das mudanças linguísticas. Em nome dessa busca, grandes debates tiveram lugar em congressos, artigos e simpósios nacionais e internacionais. Variados trabalhos de lá para cá foram desenvolvidos, fazendo com que

pesquisadores ampliassem seu conhecimento acerca dos movimentos, direções e motivações desse tipo de evolução linguística.

As investidas diacrônicas do final do século XIX e início do XX e as investidas sincrônicas fortemente empreendidas em meados do século XX permitiram que, neste início do século XXI, diálogos entre áreas de conhecimento, tais como a Sociolinguística, a Cognição e a Gramática gerassem interfaces que propiciaram inovadores e originais percursos de investigação e descobertas sobre o conhecimento que se tinha até então.

Ocorre que a produção acentuada ainda não foi eficientemente correlacionada, especialmente porque têm se revelado numerosa e dispersa. Um passo seguinte – e inadiável – deve ser dado: discutir os caminhos que orientam o processo de gramaticalização, os quais fogem ao âmbito puramente linguístico, e oferecer uma contribuição que desloque o *locus* da mudança para o campo discursivo-conversacional em que processos cognitivos agem tendo em vista o repertório pragmático dos envolvidos na situação comunicativa.

Dado que este texto é uma extensão do projeto de pesquisa que organizou o conhecimento paulista sobre gramaticalização, a base de consulta também ficará restrita metodologicamente a esse espaço geográfico. Enquanto aquele projeto permitiu a reflexão sobre os resultados dos grupos de pesquisa e um novo arranque para o grupo em que eu atuava com base em novas perguntas que precisavam ser feitas, este texto estabelece um recorte baseado na identificação de mecanismos de mudança e no exercício de recuperação de segmentos informativos elididos durante o processo de gramaticalização, com vistas a projeções de rotas de mudança, a exemplo do que fizeram Heine & Kuteva (2002). Daí a relevância deste trabalho. É imprescindível que se reúnam e se cotejem os processos subjacentes às mudanças já descritas e investigadas para, com base em dados reais do português, traçar novos objetivos que favoreçam o avanço da ciência linguística nesse campo de reflexão.

Não é demais justificar que este cotejo não será feito como uma tradicional revisão temática, mas como uma análise em busca da identificação de rotas de gramaticalização em trabalhos que não tiveram essas rotas como objetivo prioritário. Elas podem, todavia, ser desenhadas a partir das descrições que os pesquisadores necessariamente fazem dos padrões funcionais do item sob análise ou, de outra forma, analisando dados históricos e sincrônicos dos quais se possam resgatar esses percursos cognitivos de mudança. Nesse conjunto de pesquisas arroladas, estará também o conjunto de pesquisas que desenvolvi assim como aquelas em que atuei como orientadora, em níveis variados de treinamento científico de bolsistas. Em cada um desses trabalhos, isolei os padrões funcionais que refletiam a configuração formal de uma estrutura *x*-que de base adverbial (advérbio + que) e, num recuo à forma-fonte, identificarei a rota assumida pelo item e os efeitos percebidos dos deslizamentos funcionais implicados.

As tarefas envolvidas neste trabalho de pesquisa são, portanto, o levantamento de materiais bibliográficos, a reunião desse material para reestudo numa nova perspectiva de rotas, organização de *continua* de mudança e reanálise à luz das categorias cognitivas e gatilhos discursivo-pragmáticos que podem ter determinado perdas ou prejuízos sintáticos durante a gramaticalização da estrutura *X*-que.

Os problemas enfrentados no reestudo das teses e nos exercícios de apreensão de rotas de mudança propiciarão a estipulação de critérios que orientarão, posteriormente, a seleção de dados nas edições filológicas, nas transcrições de língua falada, bem como nas buscas virtuais. É oportuno apresentar esses critérios:

- a) considerar como alvo de análise conjunções exclusivamente mantidas em sua trajetória no português atual;
- b) considerar como ponto de partida estruturas *x*-que, em que *x* é um advérbio seguido da palavra *que*, esta independentemente de seu estatuto categorial; e
- c) estar atenta a conjunções consideradas inovadoras no português.

Portanto, não será alvo de considerações neste capítulo nenhuma estrutura x-que que tenha em sua base verbos em suas variadas formas nem sequências que não mais sejam consideradas locucionais, como *porque*.

Quando se distingue entre gramaticalização como *paradigma* e gramaticalização como *processo*, procura-se abarcar outro tipo de questão que não uma pura distinção de cunho teórico: busca-se também delinear um encaminhamento metodológico orientado pela abordagem teórica de partida.

Pode-se trabalhar com a gramaticalização como um *paradigma* e, nesse caso, o pesquisador perseguirá um esquema único de mudança, deixando-se guiar pelo comportamento de outros elementos que pertencem à mesma categoria geral (por exemplo, a de verbos auxiliares), visando a generalizações. Seu ponto de apoio para o julgamento é, invariavelmente, sua intuição de falante/usuário da língua. Ilustra bem esse raciocínio um estudo sobre uma categoria linguística qualquer cujo analista não perde de vista o que já se sabe sobre o percurso desenvolvido. Tome-se, como exemplo, a categoria verbal representada pelo item *haver*, um caso prototípico de mudança paradigmática no português. Ter um paradigma do que é gramaticalização em um percurso mais completo (tal como ocorre com o verbo *haver*) permitiria ao analista afirmar que o verbo *querer* não se gramaticalizou. Os argumentos são os seguintes: não perdeu material fônico e não se reduziu a morfema gramatical como nas rotas de mudança do verbo *haver*: **hei** amare > amar **hei** > amarei.

De outro modo, pode-se trabalhar com a gramaticalização como um *processo*. Nesse caso, o pesquisador guia-se pelo comportamento individualizado do item, pelas minúcias e propriedades que permitem o contraste entre elementos de mesma categoria (identifica, então, os padrões funcionais). Um exemplo de raciocínio nessa abordagem seria comparar o verbo *querer* pleno, que subcategoriza argumento interno (ex.: *Eu quero esta blusa*) com o verbo *querer* quase-auxiliar

(ex.: Eu *quero* falar com você) e deprender que algumas propriedades denotam graus distintos de gramaticalização. Pode-se refinar a análise e identificar tipos de codificação do argumento interno, como em: *Quero um sorvete, moço!* (o item subcategorizado é um sintagma nominal) / *Quero que você chegue cedo hoje à noite* (o item subcategorizado é uma oração). Nesse caso, lida-se com os efeitos discursivos de eventos comunicativos.

A opção por um dos caminhos teórico-metodológicos pode determinar toda a diferença de respostas a que se chega, justamente porque as perguntas remetem a caminhos e fatos também diferentes.

Nesta pesquisa, lido com a gramaticalização como processo nos momentos em que estudo, em movimentos sincrônicos, a atuação das necessidades comunicativas em face do repertório pragmático (elisão de segmentos, estatuto informacional e efeitos comunicativos) e, com a gramaticalização como paradigma, nos momentos em que busco identificar o efeito (inconsciente) da fórmula *necessidades comunicativas/repertório pragmático*, cuja implicação é o rearranjo do sistema gramatical.

Um encaminhamento necessário será recorrer a gramáticas e dicionários da língua latina e do português, posto que nesses espaços de consulta se encontram pistas para uma possível polissemia ou homonímia, além de informações preciosas sobre etimologia. Por exemplo, ao tratar da gramaticalização do verbo auxiliar de futuro *ir*, considerado inovador no português, devemos necessariamente fazer um recuo aos usos da língua latina. Poderá causar espanto saber que verbos supinos são referidos como formas que desapareceram no português (Peter, 1943; Grandgent, 1952; Maurer Jr. 1959; Williams, 1975). Num simples cotejo com a gramática do latim vulgar, já se verifica a inexistência da estrutura do latim clássico:

El supino desapareció del uso general, siendo reemplazado desde el siglo I por el infinitivo: *cum veneris ad bibere* (San Agustín,

Serm. 225, cap.4). Sin embargo, em rumano el supino se mantuvo.
(Grandgent, 1952:89)

Por que se manteria no romeno e não no espanhol ou no português? Na verdade, o autor pretende se referir, com exclusividade, à forma. A função do supino manteve-se em todas as línguas, mas com codificação sintática diversa. Uma questão remanesce e essa diz respeito à substituição do supino pelo infinitivo¹¹.

Recuemos ao português histórico e observemos os seguintes dados extraídos da *Demanda do Santo Graal*, edição cujo texto-fonte foi um manuscrito do século XV (exemplos 25 a 27), e de uma elocução formal registrada pela equipe do Projeto Nurc-SP na década de 70 (exemplo 28):

(25) Ela **foi** logo pêra el e salvou-o (Demanda, p. 37)

(26) E nom andaram mujito per ela, que chegarom aa casa do ermitam que soía a falar com Galaaz. E quando el viu Lançalot ir e a donzela, logo soube que **ia** para fazer Galaaz cavaleiro (Demanda, p. 38)

(27) foram ende mui ledos, ca muito fora a festa m-eor e mais pobre, de eles i nom seerem. E el-rei **foi** entam ouvir missa aa see (Demanda, p. 45)

(28) e não **vai** se verificar se aqueles altos ansiosos...ou os baixos ansiosos...**vão** realizar ... ah:: MAIS continhas...num determinado tempo padrão... certo? E:: por exemplo se:: ... os indivíduos **vão** realizar as continhas...numa seqüência determinada (NURC 377)

Em qualquer recorte temporário que se pretenda fazer, a sobrevivência das camadas de mudança será reconhecida. Em (25), há o verbo *ir* (deslocamento espacial) como verbo pleno seguido de um sintagma locativo; em (26), verifica-se ainda um deslocamento espacial seguido, contudo, de um propósito (o que denotaria *intenção*, que é

11 Verbos supinos representam a estrutura de que faz parte um verbo de movimento, como *ir*, *vir* (*cutibutum ire, oratum venire, speculatum mittere* – cf. Peter, 1943:224), dentre outros, seguido de um verbo-complemento. Havia, no latim, uma terminação específica (declinação) para o supino (*um*), que tinha como restrição o infinitivo. Exs.: *vou brincar, eo lusum; Vieram queixar-se das injustiças, venerunt questum injurias.*

sempre futura); em (27), está um verbo de movimento indicando um deslocamento em direção a um tempo futuro sobreposto ao propósito; em (28), no português culto do século XX, temos o verbo auxiliar de futuro.

Alguns desses usos já antigos da língua portuguesa continuam ausentes de menções e comentários nas gramáticas escolares, talvez somente por isso sejam rotulados inovadores. Numa simples consulta a Bechara (1999:231), constataremos a existência dos auxiliares acurativos, legitimamente aliados a verbos não-finitos, exigência e condição *sine qua non* dos ancestrais supinos latinos:

(...) os auxiliares acurativos se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para deteminar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

- a) início da ação: começar a escrever, pôr-se a escrever
- b) iminência de ação: estar para (por) escrever, pegar a (de) escrever
- c) continuidade da ação: continua escrevendo, continua a escrever, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma
- d) desenvolvimento gradual da ação: duração,: estar a escrever, **andar** escrevendo, **vir** escrevendo, **ir** escrevendo, etc.

Parece-me plausível afirmar que não somente o processo de auxiliarização do verbo *ir* já se deflagrara há muito tempo no português, mas, ainda, que o supino latino hoje sobrevive como verbo auxiliar de tempo futuro. Então também parece plausível afirmar que a codificação sintática de intenções, vontades e desejos dos falantes de há muito tempo ainda sobrevive na língua, mas, dado que ritualizados, não mais são percebidos como tal. O caráter mais convencional da gramática se sobreporia. Eis um argumento suficiente para que continuemos com o trabalho de descrição da gramaticalização como processo: ver o que os olhos não podem ver sem o estímulo necessário.

A aplicação das categorias cognitivas, portanto, pode se mostrar eficiente em alguns casos em que se tenha que reconhecer o quão básica é uma categoria analisada. Por isso, podem ser ferramentas importantes para a apreensão de mudanças operadas durante a gramaticalização das estruturas x-que, uma vez que se manifestam em exemplos, tais como:

(29) O xp está travando na hora que ele carrega para entrar na área de trabalho? (<http://forum.clubedohardware.com.br>, texto originalmente escrito).

(30) **G1** – Em depoimento, o sr. disse ter visto um homem. **Testemunha** – O homem saiu do lado do motorista, deu a volta por trás do carro. Na hora em que ele saiu, eu ouvi gritos. Antes de jogar a vara, aí quando olhei, ouvi dois gritos. Aí, ouvi o barulho da água. Vi só a lanterna acesa debaixo da água (site da Globo.com, site G1 notícias. Transcrição de texto originalmente falado).

Numa simples consulta ao *site* de busca *google* pela sequência “na hora que”, 147.000 ocorrências surgiram em gêneros diversos (desde num recado em *blog* até em textos mais formais). As ocorrências são em número maior se se efetivar a busca da sequência “na hora em que”, que apresenta 433.000 ocorrências. A ordem sintática oracional em ambos os casos é variada, mas o uso é claramente conjuntivo.

Há que se cuidar, nessas consultas, dos critérios selecionadores. No caso anterior, os números não foram alvo de restrição por critérios, o que favoreceu que o resultado trouxesse exemplos em línguas diversas, em *sites* de outros países, sem critério de organização também. Ocorre que o *google* permite que se restrinja a busca por alguns critérios, tendo em vista as necessidades do consulente. Aqui, adotei os seguintes critérios de seleção e ordenação dos dados:

- a) considerar somente páginas do Brasil;
- b) considerar informações relativas às últimas 24 horas do dia 28.08.2010;
- c) classificar os dados por relevância (e não por data, por exemplo).

O não refinamento dos dados por critérios pode atender a outros objetivos, que não determinar frequências. Foi o que fiz ao procurar entender as dúvidas sobre interpretação de falantes a respeito do que é uma estrutura *x-que* em cada língua. Rastreei, em toda a abrangência de uma busca descomprometida com números, o tema de meu interesse.

Num *forum* em que nativos do espanhol e do português debatem os usos adequados aos idiomas espanhol e português, um uruguaio (falante nativo do espanhol) revela sua dúvida sobre o uso da expressão “no momento em que” e pede ajuda aos brasileiros apresentando o problema da seguinte maneira

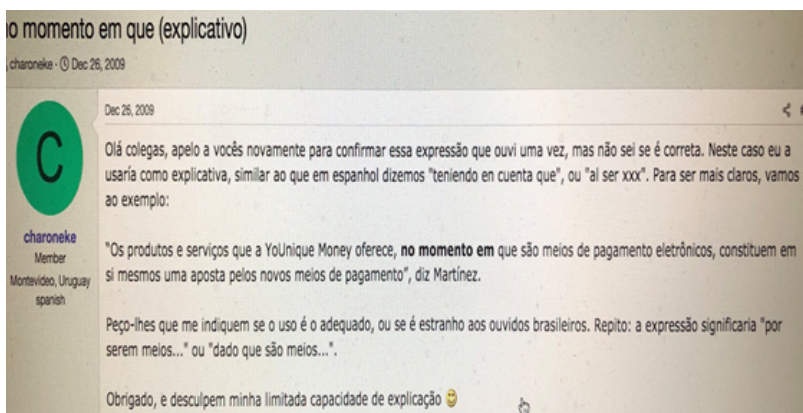


Figura 1: Forum de dúvidas. Disponível em: <https://forum.wordreference.com/threads/no-momento-em-que-explicativo.1647121/> Acesso em 26.05.2019.

A percepção dos participantes do *forum* foi bastante interessante por três razões: (i) nem todos se identificavam como brasileiros; (ii) todos sugeriram articuladores textuais; e (iii) alguns tinham a clara noção de que havia implicada uma estrutura relativa, de que participam uma expressão temporal e um pronome relativo. Ademais, as respostas desses participantes do *forum* permitem afirmar que algumas noções

são muito próximas cognitivamente (tempo e explicação) e estão implicadas. Leiam-se as respostas dadas pelos participantes:



carioca: “Os produtos e serviços que a YoUnique Money oferece, **no momento**, são meios de pagamento eletrônicos, **que** constituem em si mesmos uma aposta pelos novos meios de pagamento”.
carioca: Em vez de “no momento que” creio que seria melhor usar “pelo fato (por el hecho que) de serem meios de pagamento...”
português: Outra opção: “*na medida em que* são meios de pagamento eletrônicos».

(Fonte: <http://forum.wordreference.com>)

As buscas virtuais, por conseguinte, podem se tornar ferramentas científicas bastante interessantes. Acima de tudo, o que pretendo demonstrar com essas informações é que buscar dados ou informações na internet torna-se útil quando o trabalho de pesquisa é longo e solitário. Para o momento em que o linguista, tendo analisado e descrito o fato sob investigação, precise se certificar de que não está generalizando o que é, de fato, uso restrito na comunidade de fala, apesar de se mostrar generalizado em um *corpus* constituído para pesquisa¹², *sites* de busca são balizadores eficientes.

O produto do trabalho solitário pode, contudo, se tornar um grande equívoco, especialmente se não se contar com amostras sufi-

12 O trabalho de Hofmann (1958[1925]) oferece o mais consistente argumento para que o linguista se sirva do que de fato é considerado corrente numa sociedade. Ao estudar o latim familiar, recorreu a gêneros diversos, porque julgava que itens como os exclamativos, imperativos e interjeições seriam materiais preciosos para desvendar as manifestações involuntárias de alegria, de dor, e outros sentimentos dos falantes. Nem por isso o autor considerou a possibilidade de excluir textos literários, que poderiam conter pistas valiosas da fala familiar. Modalidades e gêneros diversificados podem ser encontrados na internet e, numa busca aleatória, pode-se reconhecer, com o auxílio da frequência *token*, “el lenguaje familiar vivo, terreno en que toda evolución lingüística se lleva a cabo.” (pp.2-3)

cientemente diversas e capazes de contemplar usos em nichos sociais também diversos. Nem sempre, infelizmente, se têm recursos para isso, razão pela qual eventualmente lançarei mão da checagem via *site* de busca, a fim de conhecer a grandeza numérica comparativa entre duas expressões que estejam em concorrência estrutural ou funcional, de modo que a diferença frequencial de *tokens* possa orientar uma interpretação mais justa dos fatos.

Saber se o falante emprega duas expressões que consideramos distintas (forma-fonte e forma-meta) como sinônimas é uma preocupação real nesta pesquisa, pois não é difícil que, integrada a uma nova estruturação, haja uma intenção adicional do falante gramaticalizada, tais como ser breve, não ser repetitivo, não dizer o que supõe que o outro já saiba, etc. Atendendo a essas necessidades discursivo-pragmáticas, o falante reorganizaria inconscientemente as estruturas gramaticais. Tanto seria possível apreender a gramaticalização de base mais discursivo-pragmática (gerando articuladores discursivo-textuais, marcadores textuais e conversacionais, como foi o caso das explicações dos participantes do *forum*, anteriormente apresentadas) quanto seria possível apreender a gramaticalização de base mais gramatical (gerando conjunções e articuladores sentenciais, como é o caso da explicação dada pelo primeiro carioca no *forum*, anteriormente comentado). Esta última dimensão é menos perceptível ao falante justamente porque é mais gramatical e mais abstratizada.

De forma esporádica, consultarei trabalhos sobre outras línguas, além de edições filológicas de vários estados da língua portuguesa e de transcrições de língua falada do século XX. Nem todas as edições tiveram seus dados formalmente inseridos neste texto, mas todas tiveram excertos analisados durante a fase preliminar desta elaboração.

A explicação para isso é justamente a facilitação do acesso propiciado por alguns autores que cederam as edições também no formato eletrônico. Citarei, neste espaço, todas as edições filológicas em que

rastreei dados para referendação histórica e/ou para checagem de hipóteses durante as reflexões e análises:

Documentos manuscritos da Faculdade de Direito da USP: 1827-1829. Editados por Mônica Pinto Cencic. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

Diario da Navegação do Rio Tieté, Rio grande Paraná, e Rio e Gatemy em que se dá rellação de todas as couzas mais notaveis destes Rios, seu curso, sua distancia de todos os mais Rios que se encontraõ, Ilhas perigos, edetudo o acontecido neste Diario pelo tempo de dous annos, e dous mezes Que principia em 10 de Março de 1769. Escrito pelo Sargento Mór Theotonio Joze Juzarte. *Testamento de D.Afonso II [1214].* Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. Textos Medievais Portugueses. Coimbra: Coimbra Ed., 1967 (pp.397-404). 9a edição.

Notícia de Torto [1212]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. Textos Medievais Portugueses. Coimbra: Coimbra Ed., 1967. (pp. 404-412).

Cantigas d'Escarnho e de Mal dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Edição crítica elaborada pelo prof. Manoel Rodrigues Lapa. Vigo: Editorial Galaxia, 1965.

Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria. Edição de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959, vol. I (pp. 21-38).

Afonso X - Foro Real. Publicada por José de Azevedo Ferreira. Vol. I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 (pp.125-143) *Corpus* Diacrônico Do Português. Vol. I - século XIII, organizado por Fernando Tarallo. Campinas, Unicamp, 1991.

Documentos cartoriais do acervo do Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho, de Taubaté. São inventários e testamentos de Domingos Gomes da Costa, de 1671, de Maria Moreira, de 1675 e de Bartolomeu Cunha Gago, de 1685. Há também um documento de “Carregação de João Cavaleiro feita ao Capitão Amador Bueno da Veiga, de 1700 - cartas oficiais ao governo do estado do Brasil e das capitânicas, In: Megale & Toledo Neto. Por minha letra e sinal.

Diários bispo do século XIX e cartas pessoais do século XX. Editados por José Roberto Mathias, Maria Célia Lima-Hernandes e Patrícia Carvalhinhos sob o título: *Corpus diacrônico para o Projeto História do Português da Cidade de São Paulo.* São Paulo: USP, 1996. (Material inédito)

Cartas dos séculos XVIII e XIX – Aldeamento de índios, Cartas paulistas da BNRJ, Correspondência passiva de Washington Luís. Editada por José da Silva Simões e Verena Kewitz. São Paulo: Humanitas, 2006.

Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores. Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Publicação organizada por Afranio Barbosa; Célia Lopes (orgs.). São Paulo: Humanitas/2004

A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999. Editada por Heitor Megale.

Documentos da época do ouro. Publicação organizada sob o título *Por minha letra e sinal*, por Heitor Megale & Sílvio de Almeida Toledo Neto. SP: Ateliê, 2006.

A Demanda do Santo Graal. (Edição de Joseph Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, com introdução de Ivo Castro). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 (pp. 69-78)

A Demanda do Santo Graal. Volume I. Editada e publicada por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

As transcrições de língua falada que utilizei para a busca de dados de fala espontânea, em que a elisão de informações pudesse ser recorrente, foram as seguintes:

Entrevistas: língua falada transcrita por integrantes do Projeto Variação Linguística na Estado da Paraíba. Coordenação: Dermeval da Hora. João Pessoa: Ideia.

Escutas telefônicas derivadas de investigações secretas do DEOPS-SP. Edição semidiplomática elaborada por Anna Karolina Miranda Oliveira. São Paulo: USP Inédito, 2008.

Corpus do Português culto falado em São Paulo (coleta no início do século XXI). Disponível no site: http://linc.fflch.usp.br/sites/linc.fflch.usp.br/files/inline-files/corpus_PHPP_ficalizado_o.pdf

Alguns cuidados também foram tomados com relação aos materiais e métodos empregados aqui. No que se refere ao dado histórico: (i) consultar a mais de uma descrição linguística para estabelecer o cotejo, para formar uma opinião mais acertada e compor um quadro

mais completo da situação de determinada língua num determinado período histórico; (ii) observar como o alvo da reflexão foi desenvolvido em outras línguas independentemente do tronco linguístico, tarefa que poderia ajudar a apreender uma possível universalidade de itens-fonte para a função-meta, sob investigação; e (iii) reunir edições filológicas fidedignas para referendação histórica dos dados. Essas são as razões por que, durante a elaboração desta pesquisa, articularei descrições linguísticas do latim, reconstruções do latim vulgar e descrições do português histórico para, assim, tecer comentários e críticas com base em desenvolvimentos sincrônicos a partir de situações interativas escritas e faladas do português do Brasil.

No que se refere à língua falada, um cuidado importante é selecionar transcrições que não tenham sido “limpas” de seus traços de oralidade, já que esses elementos é que podem apresentar mais riquezas de detalhes sobre inovações linguísticas. A fala, por compor um *cenário comunicativo mais básico*, guarda elementos de seu processamento, de sua fluidez e da dinâmica da codificação sintática, justamente porque é um *espaço de ações conjuntas*¹³.

Um último cuidado, mas não menos importante, é evitar generalizações imprecisas. As ferramentas de busca da *internet* (aqui utilizei o *Google*) favorecem que o linguista alcance usos privilegiados, que muitas vezes não são comuns a todos os gêneros discursivos ou nichos sociais, nem por isso restritos ou pouco frequentes. A consulta a dados recolhidos na *internet*, portanto, torna-se uma estratégia que permite avaliar a produtividade de algum uso considerado inovador e refletir sobre os nichos sociais em que são produzidos. Ao mesmo tempo em que o documento antigo aproxima-se das edições filológicas por sua descontextualização ou desambientalização, afasta-se delas pela variedade de ambientes de produção, ainda que virtuais. Nesse sentido, pode ser um índice a mais que se pode levar em conta na orientação da

13 No capítulo III, discutirei esses rótulos.

mudança linguística em curso. Por fim, depreenderei da análise feita a possível rota de gramaticalização assumida pelo item e a compararei com a rota desenhada por Heine & Kuteva (2002) em línguas diversas.

Esses procedimentos permitirão chegar à conclusão sobre que hipóteses aventadas são as que explicam melhor a evolução de estruturas *x-que* em direção à recategorização como conjunção subordinativa.

III. Estruturas X-que no Português do Brasil

A atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade. (Paiva & Duarte, 2003:13)

Quando a linguagem é separada do contexto social natural em que é usada e adquirida, qualquer forma de aprendizado torna-se um mistério que não se pode compreender senão se assumindo que a linguagem esteve aí presente o tempo todo, na forma de uma estrutura geneticamente pré-programada da mente humana. (Dik, 1989:6)

Neste capítulo, alguns conceitos importantes em que investi como base teórica (capítulo I) e em que invisto como caminho seguro para a análise (capítulo II) que empreenderei neste capítulo devem ser retomados. Alguns serão revisitados conforme forem sendo necessários na análise de dados. Outros, contudo, devem imediatamente se fazer presentes para que não se perca a motivação

Parto do consenso de que, sob a perspectiva histórica, poucas foram as conjunções herdadas do latim¹, mas, como essa explicação não repousa no fato de existirem poucas conjunções subordinativas no latim escrito² (raras são as informações sobre o latim oral), senão na não-manutenção dessas no português, encaminho as discussões para

1 Segundo Bueno (1967) mantiveram-se: e, ergo (arc.) (explicativa), comparativa: como, nem, ou, que, quando, se, vel (arc.). Para Nunes (1930) as subordinativas que se mantiveram foram: a condicional *si*, se; a causal: *quia*, ca (arc.); a final: *ne*, nem (arc.); a temporal: *quando*, quando (cando, arc. e pop.) e a comparativa *quam*, ca (arc. e ainda pop.).

2 “O latim, principalmente na sua língua escrita, desenvolveu ampla e complexamente a estruturação de orações subordinadas por meio de conjunções” (Câmara Jr., 1979:183)

a hipótese de que a expansão dessa categoria atenderia a necessidades comunicativas não somente de usar um item em uma nova função (como advérbios na função de conjunção, por exemplo)³, mas também a necessidades informativas em face do conhecimento que o falante considera ter do repertório discursivo-pragmático de seu interlocutor. E esse conhecimento considerado compartilhado, por sua vez, favoreceria a elisão de segmentos informacionais no segmento sintático produzido. Um efeito previsível é o estabelecimento de novas junções pela aproximação de elementos que normalmente estariam distantes. Surge, assim, um novo segmento informativo, que é reanalisado em nova paradigmática: na classe das conjunções. Nesse sentido, pode-se considerar a conjunção uma categoria metaestável⁴ e os mecanismos que explicam sua evolução derivam de atividades cognitivas que aproximam usos estruturalmente semelhantes e os inserem numa única categoria linguística.

Falantes, ao se comunicarem, projetam o conhecimento do interlocutor e, em face do que precisam dizer, lançam mão de estruturas às vezes inovadoras (mas de forma inconsciente quanto ao efeito disso para a gramática da língua).

Clark (2000[1996]) já disse que a conversa face a face é o cenário mais básico⁵ da comunicação por não requerer habilidades especiais.

3 Said Ali (1964:220) a esse respeito afirma que “Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porém, a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e serviram também pronomes do tipo relativo-interrogativo, ou temas pronominais acrescidos de novos elementos.”

4 Aproprio-me de conceito da área da Física para argumentar que a evolução das conjunções locucionais de base adverbial tem se implementado graças a forças externas. Uma categoria *metaestável* equivale a um elemento de um sistema físico que pode perder a estabilidade por meio de interferências externas ao próprio sistema.

5 Clark cita os fatores que compõem um cenário básico (*apud* Clark & Brennan, 1991): copresença, visibilidade, audibilidade, instantaneidade, evanescência (fluidez, dinâmica), ausência de registro, simultaneidade, autodeterminação, autoexpressão.

E, ainda que as habilidades de leitura e de escrita exijam anos de treinamento, nem sempre auxiliam a resolver determinados problemas comunicativos. É certo que Clark se referiu à situação de compreensão de uma modalidade específica. Se não se aprendeu a ler, provavelmente não se conseguirá acessar cognitivamente as informações dos textos escritos.

Ainda segundo Clark, todo o contato com a língua se dá em cenários específicos. A aquisição da linguagem pela criança se dá paulatinamente associada a cenários conversacionais também específicos.

Embora as situações de fala espontânea sejam consideradas cenários básicos, nem mesmo elas estão livres de problemas de entendimento, porque nem todos compartilham de uma base comum suficiente para uma interação eficiente. Dois falantes que travam interações frequentes e duradouras conseguem projetar situações de efeitos comunicativos, antecipar reações e ler expressões faciais e gestos de modo mais adequado às reais necessidades e intenções do interlocutor. É essa base comum que permitirá elidir segmentos informacionais e, ainda assim, preservar o êxito da comunicação. A esse fenômeno de, em determinados momentos, penetrarmos no espaço de compreensão, visão e perspectivas do outro, Clark rotulará de espaço de ações conjuntas. Trata-se de uma atividade sociocognitiva muito produtiva no dia-a-dia.

O mundo real, a despeito dessa produtividade, não é um espaço de ações conjuntas em sua totalidade. Ronda esse mundo as inferências inadequadas, as incompreensões, as vaguezas, as segundas intenções, as ambiguidades (muitas vezes, não pretendidas); e, para resolver tudo isso, há um exercício contínuo de reconstruções semânticas por parte do interlocutor.

Concorre por fora, nessa pista de corrida pela busca da intercompreensão, a cognição cultural, que reveste as cenas comunicativas de esquecimentos históricos (de usos aparentemente desmotivados, como a mudança sofrida pela expressão “risco de perder a vida” > risco de

morte) que podem refletir soluções comuns de agentes intencionais ao longo dos séculos passados. Ao mesmo tempo em que símbolos medeiam a intersubjetividade e a perspectivização da comunicação, ferramentas acrescidas às habilidades filogenéticas ainda podem ser repescadas em processos ontogenéticos, como: a construção de campos de atenção conjunta (como salvação ao telefone: alô!), o aprendizado cultural (exercício de atos intencionais), a cooperação nas situações interativo-conversacionais, a instrução como meio de facilitação da identificação de estados mentais de outros indivíduos e as estratégias de manipulação tendo em vista intenções do falante e de seus interlocutores (cf. Tomasello, 2003[2000]:210).

Este capítulo, como toda situação comunicativa, embute uma intenção: identificar, em dados reais, independentemente da época de produção, as motivações e pistas que culminem com a codificação estrutural ambígua. Espero poder evidenciar, a partir de dados analisados em trabalhos científicos desenvolvidos recentemente e em dados oriundos de trabalhos descritivos mais antigos (ou que não se alinhem com a perspectiva da gramaticalização funcional), explicaturas conversacionais que abram chão para a explicação da mudança baseada nos mecanismos sociocognitivos da metonímia e da metáfora.

1. A EVOLUÇÃO DAS LOCUÇÕES CONJUNTIVAS ADVERBIAIS DO LATIM AO PORTUGUÊS

A atuação de dois mecanismos (metonímia e metáfora) pode ser verificada na trajetória de deslizamentos operados durante a mudança linguística. Esses mecanismos auxiliam a apreender a gênese de algumas conjunções locucionais adverbiais com a configuração x-que. A metáfora revela uma transferência semântica entre elementos com significação muito estreita, a depender do modo de compreensão de quem fala e de quem ouve, portanto falantes e ouvintes (interlocutores) comunicam-se baseados na semelhança entre informação codifi-

cada e elemento não-codificado, vivo na memória do usuário da língua. A metonímia correlaciona-se com casos de reanálise, resultante de contiguidade sintática e transferência de traços ou de carga semântica entre esses elementos contíguos.

Durante o rastreamento do percurso evolutivo das estruturas x-que no português, tornou-se necessário isolar somente as locuções constituídas com a palavra *que*. Primeiramente, procedi à incursão em estudos históricos e gramáticas históricas (Nunes, 1930; Ribeiro, 1950; Dias, 1959; Said Ali, 1964; Quadros, 1966; Bueno, 1967; Coutinho, 1962; Câmara Jr., 1979; Mattos e Silva, 1989; Barreto, 1999 e 2002). Posteriormente, estabeleci um contraponto com a evolução no espanhol e, por último, abri um franco diálogo com trabalhos elaborados por linguistas que lidam com a gramaticalização. Essa estratégia foi planejada com vistas ao rastreamento de dados que pudessem servir de pistas de fases pretéritas da locução conjuntiva, ao mesmo tempo em que eu procedesse à checagem de estruturas com leituras ambíguas.

O recorte deu-se, como já afirmei, na configuração da estrutura x-que, sendo *x* equivalente ao elemento nominal, invariavelmente um advérbio seguido da palavra *que*, de estatuto previamente não-delimitado. Como recurso auxiliar, fiz incursões em edições filológicas de textos de variadas épocas, bem como em *locus* de consulta virtual (ferramenta de busca *google* da internet), onde recolhi dados sincrônicos. Este último recurso torna-se relevante para reconhecer a produtividade de estruturas, já que considero a hipótese de que uma alta frequência *token* estrutural (refiro à construção x-que) pode orientar a direção de mudança linguística, tendo em vista que a ambiguidade interpretativa vai exigir do interlocutor a reanálise. Hipotetizo que a reanálise seja, portanto, guiada pela memória de longo termo, que favorecerá a leitura ligada ao que mais produtivo se demonstrar no uso linguístico.

1.1 As locuções conjuntivas adverbiais

Para compensar a perda (Nunes, 1930) ou empobrecimento (Coutinho, 1962)⁶ da classe de conjunções na passagem do latim ao português, a língua vulgar recorreu principalmente a advérbios e preposições (Nunes, 1930; Coutinho, 1962) em nova função conjuncional⁷. Esse processo de renovação, contudo, não parece ser novo. Afirma Coutinho que o mesmo sucedera com o latim no passado.

Tendo em vista que poucas conjunções restaram do latim no português e, ainda, que o português apresenta um quadro complexo de conjunções, pergunto: que processos teriam dado origem a tantas novas conjunções no português? Os mecanismos que deflagraram o surgimento de conjunções apresentam-se tão complexos como o quadro de conjunções em uso, e talvez seja impróprio generalizar uma só explicação; parece-me, contudo, que algo de comum liga esses processos de mudança em direção à expansão e complexidade desse quadro, qual seja: necessidades comunicativas impulsionam deslizamentos sintático-semânticos de itens.

A explicação para a expansão de locuções conjuntivas adverbiais no português repousa no uso de uma classe aparentemente problemática desde o latim. Nas mudanças de que a palavra *que* foi a pivô – dentre as quais as mudanças cujo efeito no português é a expansão locucional –, a base ou gatilho é exatamente o mesmo: o processamento cognitivo (ou psicológico, como queriam os neogramáticos). Nunes (1930:268) afirma que um item funcionando como relativo e, ao mesmo tempo, como interrogativo [*qui* (masc.) e *quae* (fem.)] propiciou a confusão entre as formas, resultando em mudança no latim:

6 Mais recentemente, Tarallo (1994) apoia-se nesse autor, ecoando essa afirmação.

7 A lista completa, segundo Bueno (1967), é a seguinte: adjetivos, pronomes relativos e conjunções.

Em virtude de confusão que, nos séculos III e IV, veio a dar-se na língua vulgar, aquele *qui* suplantou o feminino *quae*, e assumindo a si a designação dos dois gêneros [*sic*], contribui para o desaparecimento do feminino, mas também, pela semelhança de forma, do nominativo plural e juntamente dos restantes casos dêste [*sic*] número; mais tarde êle [*sic*] próprio desapareceu também e, segundo parece, em época anterior à fixação da língua pela escrita (...)

Em período posterior, a confusão entre *quod* (pronome relativo neutro que se liga a verbos declarativos e sensitivos) e *quid* manifestou-se. Em situação de resposta, *quod* era demandado por uma pergunta encabeçada pelo item *quid* (Quid credis?), que tinha em sua seqüência esse mesmo tipo de verbo (vide estrutura da *pergunta-resposta 1*). Dado que o tipo de verbo na pergunta era o mesmo da resposta e, ainda, que as formas integravam um mesmo par de turno conversacional, então, ao se responder à questão, passou-se a ignorar a exigência de uma resposta encabeçada por *quod*. O resultado foi que a resposta também passou a ser encabeçada por *quid*⁸ (vide estrutura da *pergunta-resposta 2*):

Pergunta-resposta 1: Quid credis? Resposta: *quod*...

Pergunta-resposta 2: Quid credis? Resposta: *quid*...

8 Barreto (1944) a esse respeito afirma que “Em latim, nas proposições indefinidas, sejam interrogativas (directas ou indirectas), sejam relativas, não se admite o infinitivo elíptico, que se usa em português, mas sim o subjuntivo: a) Interrogação directa: Quid faciam? Que fazer, que posso fazer? – Quid facerem? (que fazer, que podia fazer?); b) Interrogação indirecta: Nescio quid faciam (não sei que fazer) – Nesciebam quid facerem (não sabia que fazer); c) Proposição relativa indefinida: Nihil habeo quod faciam (nada tenho que fazer) – Nihil habebam quod facerem (nada tinha que fazer). Bueno (1967), voltando-se para o latim vulgar, afirma que essas formas já tinham um uso mais simplificado: a) *qui* (equivalendo a *quis* e *quae*), invariável em número, com referente humano e não-humano; b) quem (equivalendo a *quam*), invariável e com referente humano; c) *quid* (equivalendo e substituindo *quod*); d) *qualis* (*qualem* > qual admitindo plural; e) *unde* (oriundo de *d’unde* > onde).

O resumo desse processo de mudança sofrido pela palavra *que* pode ser lido em Câmara Jr. (1979:112), segundo o qual o pronome relativo primário do português (*que*) foi fruto do nivelamento do nominativo *qui* (masc.), *quae* (fem.), *quod* (neutro) e dos acusativos (*quem, quam, quod*). Essa explicação ecoou nas obras que lidam com o tema e tornou-se lugar-comum para as explicações sobre expansão ou remodelação do quadro de conjunções subordinativas no português da seguinte forma: houve o “aparecimento da partícula *que* como conjunção subordinativa por excelência em homonímia com o pronome relativo *que*.” (id.ib.:184):

O advento da conjunção subordinativa *que* resultou primordialmente de um esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo (cf. parágrafo II, IV) e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo. Secundariamente, houve a convergência da evolução fonética do português da conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*. De tudo isso, resultou uma partícula multifuncional *que* para os mais variados padrões frasais.

É assim que o pronome *que* passa a integrar locuções conjuntivas subordinativas. Outros fenômenos fonéticos vão se impondo simultaneamente (aglutinação de locuções em formas simples, como ocorreu, por exemplo, com a causal *porque*). Efeito desses processos são os seguintes tipos de estruturas x-que:

- 1) Advérbio + que: ainda que (concessão), logo que, sempre que (tempo simultâneo), depois que, antes que (seguimento e precedência temporal), já que (causa) etc.
- 2) Preposição (*a* ou *de*) + nome + que: de sorte que, de modo que, a fim de que, ao passo que, à medida que etc.

Muitas são as conjunções que vão nascer dos usos cotidianos da língua portuguesa. Nunes (1930) reconhece que a expansão pode ter-se dado pelo desenvolvimento de novas funções (*mas, logo, ora, u, mentre,*

como, *per inde, porende, porém, segundo, conforme, quer, non embargante*) e também pela constituição de locuções com itens que funcionavam de forma diferente anteriormente (aglutinando-se ou não): *per hoc, pero* (arc. e seu composto *empero*, ao lado de *perol* e *emperol*), *embora, todavia, também, porque, quer, sequer, salvo se, por quanto, visto como, como quer que, quando quer que, com quanto, quanto quer que*, dentre outras. Anos mais tarde, também Bueno (1967) interessa-se pela questão e afirma que os recursos para a criação de conjunções foram variados e que não se poderia considerar somente a manutenção dos usos latinos⁹ como fato característico da passagem latim-português.

Coutinho (1962:270) havia já dito que fora produtiva a extensão de uma classe para funcionar em outra classe. Referia-se à palavra *que* (proveniente de *quid*), que em função causal origina-se de *quam* (comparativo) e de *qua* (derivado de *quia*, que já era causal no latim). Apresenta, ainda, a conjunção *em que* (concessiva), que seria um vestígio de *ende* (<ĩnde) em construções, como *Em que pêsse a fulano... (sic)*. Depreende-se dessas observações que, em sendo a mudança gradual, vestígios são susceptíveis de identificação em nichos sociais específicos e, por vezes, restritos. Essa constatação fortalece a decisão de se consultar a *internet* (ferramenta de busca *google*) como recurso de localização de dados, pois nesse espaço virtual é favorecido o contato com nichos comunicativos diversos.

A propósito dessa expansão de funções da palavra *que*, retomemos os argumentos de dois grandes historiadores da língua. Said Ali (1966) e Câmara Jr. (1976), cujas afirmações ecoaram em Tarallo (1994), em Ilari (1992) e na maioria dos linguistas contemporâneos. O argumento central desses autores é a polifuncionalidade¹⁰ da palavra *que*. Seria a

9 “Na dialeção para o português, podemos dizer, de maneira geral, que muito poucas conjunções latinas entraram em nossa língua. Valeu-se o idioma de outros recursos para constituir o conjunto das línguas” (Bueno, 1967:166)

10 A polifuncionalidade aqui referida não equivale ao mesmo sentido empregado por Sweetser (1990). Aqui polifuncionalidade é empregada pelos autores como equivalente a uma mesma

polifuncionalidade efeito ou causa? Ao que parece, só se pode ter a consciência de que várias funções são assumidas por um item quando se reconhece o fato ocorrido. Note-se: posteriormente às mudanças operadas, encontra-se a palavra *que* como uma partícula polifuncional, mas não há nesse fato a explicação do que deflagrou essa mudança.

Câmara Jr., em suas intuições sobre a “contaminação”¹¹ de usos ou, ainda, sobre “o aparecimento da partícula *que* como conjunção subordinativa por excelência em homonímia com o pronome relativo *que*”, prende-se prioritariamente aos mecanismos linguísticos e estruturais. Nesse momento, interessa-lhe, sobretudo, tratar do que possa ser o antecedente do relativo. A despeito disso, reveste sua descrição de intuições acerca das razões da mudança quando afirma haver uma confusão entre formas mediando o seguinte desenvolvimento em três fases:

- a) esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e coalescência de *quid* com a outra forma neutra do relativo *quod*;
- b) convergência da evolução fonética da partícula de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*.
- c) surgimento da partícula polifuncional *que* para variados padrões frasais.

Na base desse prévio afunilamento e depois ampliação de usos conjuncionais a partir da palavra *que* esteve em plena atuação um processamento cognitivo. Essa é a razão por que me sinto confortável para hipotetizar que seria possível recuperar dos usos (situações comuni-

forma que assume duas ou mais funções, sem que se possa reconhecer um liame entre elas. Para Sweetser, polifuncionalidade refere-se ao fato de que conjunções podem desempenhar funções distintas em três domínios diferentes: do conteúdo, epistêmico e conversacional. Também não equivale ao termo *multifuncionalidade* empregada por Braga (2003), que aproxima esse termo do que Hopper (1991) chama de *divergência*.

¹¹ Epiphânio Dias (1959:336) define contaminação sintática como “a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares.” Exemplifica com a fusão das seguintes duas construções: Parecem nunca brando pântem ter conhecido + Parece que nunca brando pântem conhecerem = Parecem nunca brando pântem conhecerão.

cativas) as causas para a confusão entre um pronome relativo e uma conjunção. Explico: as forças atuantes na interação, como a economia linguística e o estatuto informacional, compõem a fórmula primordial para atender às necessidades comunicativas. Se se supõe que o outro já saiba uma informação, evitar repeti-la num encadeamento posterior será de bom tom. Elidindo-a, aproximam-se unidades informacionais antes distantes no encadeamento sintático.

Said Ali (1966) reforça essa perspectiva quando diz considerar difícil que apenas a evolução fonética fosse responsável pela aproximação de dois itens (o pronome relativo e a conjunção integrante) em uma única forma, mas admite que uma espécie de “esquecimento” afetou os usos. É o que demonstra com a competição entre *quod*, *quia*, *quid*, formas tidas como concorrentes e depois não mais sendo distinguidas na linguagem “vulgar”. Mesmo que não se considere um problema o uso da palavra *que* nas orações relativas¹², a origem da confusão aludida está justamente nos tipos oracionais *relativos* em situação comunicativa.

Antes que seja iniciada a discussão das motivações para o surgimento de conjunções no português, é oportuno apresentar uma síntese daquelas conjunções já integrantes do português desde o período arcaico. Como base de dados, utilizei as informações contidas nos autores citados no início deste capítulo. Deles recolherei o rol de conjunções locucionais, propondo uma organização em blocos semânticos e formas correlacionadas. Os exemplos que seguem os quadros foram extraídos desses mesmos autores exclusivamente. Em alguns tipos de conjunções, embora os autores citem a existência da conjunção, não apresentam nenhum exemplo.

Os quadros que se seguem são uma tentativa de se desenhar um retrato das locuções conjuntivas do português histórico. Tenho consciência da limitação dessa tarefa, pois sei que os estudiosos trabalharam com documentos específicos também limitados pelo acesso a

12 Refiro-me exclusivamente ao encadeamento oracional.

esse tipo de material. Após cada quadro, incluo os exemplos com que os autores ilustraram esses valores. Não há nessa organização qualquer intenção de se projetar a linha de tempo evolutivo. As datas nos quadros refletem tão somente a data de publicação da obra dos autores consultados.¹³

A) CONDICIONAIS

	Nunes (1930)	Dias (1959)	Barreto (2002)
a não ser que	X		
contanto que /com tanto que	X	X	
(no) caso que/em tal caso que	X		X
sem que	X		
se é que		X	
uma vez que		X	
a tanto que		X	
em tal que		X	
com tal que		X	
posto que		X	

Tabela 1 – conjunções de condição

A locução conjuntiva “uma vez que” denota um uso bastante raro no *corpus* analisado.

Exemplos:

(31) E **caso que** estas palavras cõ as obras, de que outros podem dar testemunho, mostrem aver em mi a obidienca que digo, todavia não me acabo de satisfazer, por que mayor e muito mays contẽ em sy do que posso escrever (CM, CLXXI, l. 10-5, *apud* Barreto 2002)<?>

¹³ raro.

- (32) E **em tal caso** que a terça fica à duquesa, tome sse ã cousa junta e que Renda, assy como em Carnelhaã, se couber (CJ, CXIX, l. 77-8, *apud* Barreto 2002)
- (33) E o dito Senhore lha perdoou **com tanto que** fosse estar em nossa cidade de Cepta dous anos (Doc. de 1439, Doc. de Chancelaria Real, 99 *apud* Dias, 1959)
- (34) [...] Onde vós virdes desejo| que desejo deva sser | **posto que** seja sobejo | quer com pejo, quer sem pejo | sospiros podereys ter (João Gomes, Canc.Geral, 1, 38 *apud* Dias, 1959)
- (35) Não podiam ter os filhos em seu poder, **com tal que** fossem havidos de mulher romana (Arraiz, Dial., IV, cap. XI, *apud* Barreto, 174 *apud* Dias, 1959)
- (36) O christão pode viver em paz, guardando as mais crenças e as mais leis, **uma vez que** solva o tributo ao vencedor, e não attente contra a ordem publica affrontando acintosamente a religião dos dominadores (Gama Barros, Hist., 1, 40 *apud* Dias, 1959)
- (37) Acabai de conhecer quam mal entendido he o vosso escrupulo, e o vosso temor, **se he que** o tendes (Vieira, VII, 65)¹⁴ (*apud* Dias, 1959)

A conjunção prototípica condicional, segundo todos os autores consultados, desde o português antigo é *se*, mas, para as dubitativas, havia a possibilidade de se combinar *se é que*, que, segundo Dias (1959), provocaria ênfase nesse caráter de dúvida. Vislumbra-se a intenção de enfatizar que há uma dúvida codificada.

b) causais

	Nunes (1930)	Ribeiro (1950)	Dias (1959)	Barreto (2002)
pois que/poys que /puisque	X	X	X	X
pero que	X			
visto que	X	X	X	
Porque	X			
sendo que		X		
já que		X	X	
não que			X	
uma vez que			X	

¹⁴ Segundo Epiphânio Dias, a palavra SE podia funcionar como temporal, equivalendo a “todas as vezes que”: *Se deixava Moysés cahir os braços, logo os seus bião de vencida* (Mon.Lusitana, I, 46, Cl.I, *apud* Bluteau).

por isso que			X	
como quer que			X	
e foi que			X	
foi o caso que			X	

Tabela 2 – Conjunções de causa

Epiphânio Dias sinaliza que a ênfase à ideia de o enunciado da subordinante é devida à ideia da causal, mas ele não apresenta exemplo com *visto que*, apenas com *visto como*. Com relação à locução *já que*, esse autor argumenta que o conteúdo da subordinante deve ser sacrificado, tendo em vista o fato consolidado na causal. É sinônimo de *uma vez que*. Já, com relação à locução *por isso que* considera o autor que soa mais impreciso do que a locução *visto que*.

Exemplos:

(38) **Como quer que** neste tempo os mouros de Calicut tenhaõ trato em Quiloa (Castanh., I, 19, *apud* Dias, 1959)¹⁵

(39) Outro caso (...) aconteceu – **E foi que** (...) (Magalhães, Hist., 39v, *apud* Dias, 1959)¹⁶

(40) E **já que** de tão longe navegais, Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente, | Piloto aqui terais, por quem sejas | Guiados pelas ondas sabiamente (Lus., I, 55)

(41) Ora não sejamõ terrestres, **já que** Deos nos deu hua alma celestial (Vieira, I, 294)

(42) **Já que** pretendem sem merecimento, paguem os cusots da sua ambição (Vieira, II, 93)

(43) **Pois que** os homens são peyores tentadores que o Demonio, guardemo-nos dos homens (Vieira, I, 834)

(44) O que importa he (...) **que pois** temos o remedio tão prompto, tão poderoso e tão propicio, nos recorramos delle a tempo (Lus., II, 201)¹⁷

15 Esta expressão, segundo E. Dias, possui um sentido vago.

16 O exemplo é apresentado exatamente desta forma: com as informações intermediárias totalmente elididas (*apud* Dias)

17 O autor pretende tratar de *pois que*, mas apresenta o exemplo de *que pois*. Em nota, recupera a evolução de *que pois*, discutindo o emparelhamento de *pois que* e *já que*, mas o exemplo, novamente, é de *que pois*: “Faz isto tamanha magoa ver o parente, e o amigo sem lhe poder valer (...) *que pois* faz tanta magoa a quem o ouve, quanta mais fará a quem o vio e passou” (Hist. I, 20); Çesse vossa crueldade, | mude-se mynha ventura;| *que pois* tendes formosura,| tende tã bem piedade (Francisco da Silveira, Cancion. Geral, II, 174). Dias (1959:279) considera a combinação *que pois* antiquada e correspondente ao latim *quod quia, quod quoniam* (=pois, ora pois, porque). E esse uso evoluíra posteriormente como sinônimo de *pois* (pois que, já que), com

Um problema percebido a partir dos exemplos das causais é que nem todos os elementos anunciados como conjunção parecem de fato atuar nessa função. O tipo de documento consultado também pode favorecer que se encontre ou não um determinado tipo de conector. É o que noto com relação ao item *e foi que*, empregado em função discursivo-textual de tipo narrativo. Mais adiante, na seção sobre motivações, retomarei esse tipo de dado.

c) concessivas

	Nunes (1930)	Ribeiro (1950)	Dias (1959)	Bueno (1967)	Mattos e Silva (1989)	Barreto (2002)
ainda que	X	X	X		X	
mesmo que	X					
apesar de que	X	X				
posto que	X	X	X			
se bem que	X	X	X			
quanto quer que	X					
em que	X	X	X			
sem embargo (de) que		X	X			
mas que		X	X			
bem que		X	X			
nem que			X			
como quer que		X	X		X	
inda que			X			
dado que			X			
como que			X			

a ideia acessória de que o fato causaria estranheza ou descontentamento: Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes, *Que pois eu fui...* E nisto de mimosa | O rosto banha em lagrimas ardentes (Lus., II, 41).

dado caso que			X			
sobre que			X			
por que			X			
em como quer que			X			
pero que /peró que		X	X		X	X
não embargando que			X			
não embargante que			X			
em peró que emperol que empero que				X	X	X

Tabela 3 – Conjunções de concessão

Recolhemos algumas notas a respeito dessas locuções nos estudos desses autores: para Dias (1959) *ainda que* sinaliza tanto a situação real quanto a suposta, equivalendo semanticamente à locução posto que e em que; este último, no entanto, só pode ser empregado em contexto familiar da seguinte forma cristalizada: *em que pese a*; para Ribeiro (1950), *em que* é locução arcaica. Ainda em Dias (1959) encontramos o seguinte: *em embargo de que* é considerada locução de uso raro; *bem que* – assim como no uso da locução se bem que – é empregada quando a realidade do enunciado já é conhecida do falante (não há exemplos dessa locução); *nem que* é mais frequentemente presente na conversação com sentido de caso suposto; *dado que* é usado como referente à coisa que se deve admitir ou que se concebe; *embora que* é considerado uma incorreção; *mas que*, em estilo oratório, é equivalente a *embora*; *sobre que* é considerada expressão de uso raro, talvez mesmo em desuso; *pero que /peró que* – equivalentes a *embora* – usam-se em estilo oratório e é considerada arcaica. Para Ribeiro (1950), *pero que/peró* são obsoletas. Tal avaliação justifica-se, a meu ver, pela leitura de Barreto (2002): entre os séculos XIII e XV, eram usadas as locuções *peró que*, *emperol que* e *empero que*. Tal informação é referendada pelo estudo de Mattos e Silva (1989), feito com base nos Diálogos de S. Gregório, dos anos 1300.

Exemplos:

(45) E daquel dia adeante **ainda que** me queira calar de falar de Deus non posso. (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(46) Ca tal fui San Joane Babtista de que nunca leemos que meestre nen hũu ouvesse, **como quer que** muitos discipulos ensinasse. (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(47) Isto fazẽ os principes alheos de soberba, ca os inchados della, **ainda que** vejão seus erros,

ham-se por abbatidos em os emendar (H.P., I, 203, *apud* Dias, 1959)

(48) **em que** m'a mostrem de dia, não sey se a conhecerey (H.P., II, 101, *apud* Dias, 1959)

(49) Mana minha, soys muyto moça, não vos engane presunção de bom parecer, que **dado que** val muyto para obrigar vontades, formosura com vâa gloria dona mais do que aproveite (Aulegrafia, 2, 2, *apud* Dias, 1959)

(50) Assi como os botões de fogo dados pelo excellente cyrurgiam, **caso que** pareçam chagas, sam remedio contra as chagas. (H.P., I, 94v, *apud* Dias, 1959)

(51) As bôas cautelas, **caso que** ás vezes ganhem pouco, todavia asseguram muyto (H.P., I, 198, *apud* Dias, 1959).

(52) Emendar cada hum as suas fraquezas, **sobre que** he difficultoso, não he impossivel (Carta de Guia, 25, *apud* Dias, 1959)

(53) Assi interpretam muitos aquelle Psalmo, **sem embargo que** outros lhe dam outro sentido, e ambos podem ser verdadeyros (H.P. I, 37v, *apud* Dias, 1959)

(54) Diziam a mi lá deles | que quem casa por amores | não vos é nega Dolores; **emperol que** sabem eles? | Deos faz dos baixos miores. (Gil Vicente *apud* Bueno, 1967)

(55) **Empero que** algua molher faça algua cousa destas que só suso ditas, nõ perça seu deryto do herdãmẽto que lhy uijã da outra parte quer seus yrmaos quer doutros parentes ou de stranhos (FR, liv.III, l.42-4, *apud* Barreto, 2002)

(56) E **peró que** algumas vezes, em materias graves, deçessem as cousas jocósas e fízessem degressões, recitando ditos e opiniões gentias, nem por isso ôs envergonhou o juízo alheo (DVV, p.345, l. 05-8 *apud* Barreto, 2002)

(57) O marido da molher qual quer nõ possa uender nõ alhear arras que der a as molher, **pero que** ella outorgar (*apud* Barreto, 2002)

d) temporais:

	Nunes (1930)	Ribeiro (1950)	Quadros (1966)	Bueno (1967)	Mattos e Silva (1989)	Barreto (2002)
depois que	X	X		X	X	X
logo que	X	X			X	
todas as vezes que	X					
sempre que	X					
assim que	X	X				
tanto que en tanto que	X	X				X

desde que/des que		X		X		X
até que/ata que	X	X			X	
cada que	X		X		X	
sol que	X		X		X	
quando quer que	X					
mentre que	X					
antes que/ante que				X	X	
entanto que				X		
pois que/poys que / puisque				X		X
já que/ya que				X		X
primeiro que				X		X

Tabela 4 – Conjunções de tempo

Ainda segundo Barreto (2002), a conjunção *desque*, pouco frequente, foi considerada em desuso por Barreto (2002), que identificou a concorrência variacional entre *des que* e *desde que* do século XIII ao XV.

Exemplos:

(58) Vendo Tristam da Cunha a determinação deles, **tanto que** amanhaceo elle per hua parte e Afonso Dalboquer-q per outra juntamente foram demandar a terra... (As décadas da Ásia, séc. XVI *apud* Barreto 2002)

(59) **Ētanto que** o mandar treladar, o mandarei logo ao Regedor, e nõ podera muito tardar (Jaime, Duque de Bragança- séc. XVI, *apud* Barreto 2002).¹⁸

(60) **Tanto que** cheguei, veiu visitar-me (Ribeiro, 1950:469)

(61) E pois San Beento v̄eo ao moesteiro e os monges se foron pera as oraçon **pois que** disseron sas horas, como era de custume, vio San Beento que huu menino negro o tirava. (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(62) E acaeceu, **depois que** se o abade partiu do moesteiro, que hũa dona que morava em hũu moesteiro de virgẽes... (*apud* Mattos e Silva, 1989)

18 A partir do século XVII, *logo que* assumiu a função temporal, segundo Said Ali (1964:217).

- (63) Non ouve mestre de ser discípulo de nengũu **ante que** fosse mestre dos apóstolos. (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (64) E **sol que** esta palavra disse, começaram-se a desatar os cintazes das calças. (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (65) E el-rei **logo que** o viu começou a tremer e a aver guarda e disse logo a seu genro. (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (66) E **cada que** avia d'ir a algũũ logar tomava a mais displizel besta que ele podia achar. (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (67) Jouve assi com a cabeça pera fondo, **ata que** veo o hortelan. (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (68) **Pois que** Lançarot ouve feito, quanto a cavalleiro convinha, disse: Filho Gallaaz, ora sode cavallero. (DEM, cap. VII, l. 13-4) – temporal
- (69) **pois que** offyzio dos escreuas e public(ad)o e comunal pera todas, mandamos que a todos aquelles que demãdarẽ carta pera seus preytos... (FR. liv.I, l. 505-8, *apud* Barreto, 1999)
- (70) é cõ tudo isto, **desque** a Salvaterra ate bespora de pascoa, não passou mais que hu so dia que deixasse de Ter grãde trabalho em escrever cousas... (Cartas do Infante Luís, *apud* Barreto, 1999)
- (71) Ruy Lourẽço e **ya que** e alem de o elle por sy merecer, eu trabalharey de lhe mostrar em tudo que m' alembra quãto vos tora (CIL, XIX, l. 48-50) – até séc. XVI (*apud* Barreto, 2002)
- (72) **Já que** falo contra os estilos modernos, quero alegar por mi o estilo do mais antigo do prẽgador que houve no mundo. (SS, l.393-4) – séc. XVII *apud* Barreto, 2002)
- (73) E nam te pareça, **depois que** máis idade teveres pera julgar, ô que óra disse, que usei o modo dos médicos que preambulam couas **primeiro que** dem suas mézinhas aos enfermos pera lhe[s] ser doce e suave ô que, no seu gosto, é azedo e àspero (DVV, p. 433, l. 06-10) (*apud* Barreto, 2002)

e) final:

	Nunes (1930)	Ribeiro (1950)	Dias (1959)	Bueno (1967)	Mattos e Silva (1989)
afim de que/a fim de que		X	X		
para que		X			
pera que			X		X
Porque			X		
por tal que			X		

Tabela 5 – Conjunções de finalidade

Exemplos:

(74) huns hereges com vidaram a Santo Antonyo. E elle reçeb[e] o seu convite, **por tal que** os podesse tirara de seu error por enxemplos de Jesu Christo (Mil.de Sto.Antonio, 5-6, *apud* Dias, 1959)

f) conclusiva¹⁹:

	Dias (1959)
de maneira que	X
por maneira que	X
em maneira que	X
de modo que	X
de sorte que	X
assim que	X
em tanto que	X

Tabela 6 – Conjunções de conclusão

g) Modal:

	Dias (1959)	Barreto (2002)
assí como	X	
assi que	X	
en guisa que	X	
en tal que	X	
de modo que		X
de feição que		X

Tabela 7 – Conjunções de modo

(75) E para isto convem, primeiro que tudo, darsse conta ao Reitor da rrezão d'esta mudança, **de modo que** elle a receba e veja que não tira nada da obrigação... (CIL, XLVI, l. 28-31, *apud* Barreto 2002)

¹⁹ Dessas o autor não apresenta exemplos.

(76) E se sua alteza tem vōntade que eu Receba d' elle esta merce, seja esta Resposta **de feição que** me pareça a m? que quer sua alteza conclusão (XJ, LXXXIX, l. 71-3, *apud* Barreto, 2002)

(78) Hũa noite veo a min hũ mancebo mui fremoso, **assi como** a min semelhava (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(79) O honrado padre San Beento deu todalas cousas... **assi que** no seu celeiro non friou nem hũa cousa per que homen podesse viver. (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(80) Caeu con el e logo lhi quebrou a perna **en guisa que** o osso se partiu en duas partes (*apud* Mattos e Silva, 1989)

(81) ... pero quis dar a seu filho molher manilha **en tal que** pela oraçon que seu marido Isaaque avia de fazer fosse acabada a promissa que Nosso Senhor prometeera a seu padre. (*apud* Mattos e Silva, 1989)

h) comparativa

	Bueno (1967)
vel que	X

Tabela 8 – Conjunções de comparação

(82) mais rog'á Deus que desampar|a quen m'assi desamparou, | **vel que** podess'eu destorvar | a quem me sempre destorvou (Cantiga Pero da Ponte, n.289, do Cancioneiro d'Ajuda, *apud* Bueno, 1967:167-70)

i) Restritivas a um asserto

	Dias (1959)
senão que	X
salvo que	X
a menos que	X

Tabela 9 – Conjunções de restrição

(83) os pretendentes das Cortes em seus requerimentos são como os nossos Argonautas, e primeiros descobridores da Índia: **senão que** navegam a revez, e fazem a viagem ás aveças (Vieira, 11, 89, *apud* Dias, 1959)

(84) Bom amigo é o gato **senão que** arranha (Provérbio *apud* Dias, 1959)²⁰

(85) **Salvo que**²¹ Longinhos mereceu ser justificado e este nam (Diego Aff., 217, 218 *apud* Dias, 1959)

j) Exceção a uma hipótese:

	Dias (1959)
a menos que	X

Tabela 10 – Conjunções de Exceção a uma hipótese

k) proporcional:

	Barreto (2002)
por mais que	X

Tabela 11 – Conjunções de proporcionalidade

(86) Acho-me com muitas cartas de V.Exa. e com mil obrigações em cada uma delas para beijar a mão de V.Exa. outras tantas vezes, como nesta faço, sem que os termos de agradecimento, **por mais que** se multipliquem, possam igualar o número e muito menos a grandeza de tantas e tão excessivas mercês. (CVB, CCIII, l. 01-6, *apud* Barreto, 2002)

Barreto (1999) oferece uma outra organização dos dados, agora com base na constituição formal. Os dados que permitiram essa organização refletem usos do século XIII a XX, dos quais reconheceu oito grupos de conjunções, indicando as que já existiam no latim e as que passaram a existir somente em período posterior no português²². Aqui

20 Segundo E. Dias, corresponde essa locução ao latino *nisi quod*. Apresenta essa locução em outros exemplos, sem, contudo, explicitar a exata função à época: “E ainda, Nymphas minhas, não bastava| Que tamanhas miserias me cercassem,| **Senão que** aquelas que eu cantando andava| Tal premio de meus versos me tornassem” (Lus., VIII, 81) e “Pera que he mais **senam que** Christo nosso Redemptor... se apartava muytas vezes a lugares solitarios?” (H.P., I, 357)

21 O autor não inclui a oração anterior.

22 Algumas conjunções tomaram como item-fonte o advérbio não somente latino, mas também o português em momentos posteriores da diacronia (latim: mas, pois, scilicet, u; português:

farei um recorte voltado exclusivamente à explicitação das estruturas x-que, mas mantereí o critério de organização formal proposto pela autora:

- a) Da justaposição de preposições a pronomes ou uma forma verbal: *contanto que, em tal que, em tal caso que, em tanto que (tanto que, tanto assim que), entre que, porque*.
- b) Conjunção de base adverbial: *ainda que* (concessiva), *almeos que, ante (ante que, ante ca), assim que, dementre que (dementres que, mentre que), já que* (causal), *logo (logo que), macar que, mesmo que, primeiro que* (temporal²³), *tanto que* (temporal = logo que; condicional²⁴; temporal), *sol que; pero que, empero que* (concessivas em textos do século XIII ao XV. Nos textos do século XVI, já não aparecem nessa função); *como que* (causal, comparativa); *assi que* (consecutiva), *depois quel/depoys quel/despois que* (temporal); *antes que* (temporal).
- c) Conjunção de base preposicional: *apesar de que, até que, atee que, ata que* (temporal), *des que*²⁵ (desde que, desde quando), *fora que* (fora se)²⁶, *para quel/pera quel per que* (final), *a que, mais que* (concessiva) *por mais que, salvo que* (salvo se), *sem que*.

somente). Nos deslizamentos sintático-semânticos operados no português, a mobilização de formas preposicionais demonstrou-se importante (latim: segundo; português: conforme). Da justaposição de preposições a pronomes ou a uma forma verbal, temos os seguintes casos: com, conquanto, contudo; em, enquanto, entanto (no entanto); entre, entretanto; per/por, pero/porém, por isso, porquanto, portanto, por conseguinte. Da associação da conjunção como: assim como; Derivados de itens conjuncionais com elemento negativo: a não ser; Proveniente de SN: todavia; Proveniente de SP: embora. Além desses, há um conjunto diferenciado pela forma de conexão: a correlação. Nesse tipo de conectores, observam-se correlações formadas da combinação de palavras aos elementos *que/ca* (adversativas, comparativas, alternativas, consecutivas), *como* (comparativas, modais), intensificadores *mais/tanto*, negativos (não/non) além de repetições de itens (já...já, nem...nem, ou...ou, ora...ora, quando...quando, quer...quer, que...que).

23 empregada, segundo Barreto (2002:181), uma única vez, em João de Barros. Barreto ainda lembra que é hoje muito empregada em situação de fala coloquial: “Vou viajar primeiro que você”. Aqui duas leituras sobrepõem-se: a temporal e, em outro recorte sintático, a comparativa. São, assim, casos de ambiguidade.

24 Segundo Barreto, somente um uso foi identificado em texto do século XVII: “Também aqui soube que tinha mandado S.M. ao mesmo navio o padre bispo do Japão e o capitão do Pará; o bispo, para que me trouxesse, e o capitão com ordem que, tanto que eu lá não estivesse, partisse logo o navio.

25 *Des que*, segundo Barreto, aparece uma única vez nas Cartas do Infante Luís, mas nos demais documentos é substituído por *desde que*.

26 Ocorria no século XVI.

- d) Conjunção de base verbal: *dado que* (causal, concessiva), *posto que* (causal, concessiva), *suposto que*, *sendo que*.
- e) Conjunção de base nominal: *caso que*²⁷ (condicional), *mercee que*; *segundo que*²⁸, *de maneira que* (consecutiva, modal), *uma vez que* (causal); à medida que, ao tempo que (ao passo que), *de guisa que* (de feição que, de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que), *cada que*.
- f) itens conjuncionais com elemento negativo: *a não ser que*²⁹.

As do grupo “b” são as de interesse central aqui. É certo que todo e qualquer uso do passado deixa pistas de sua evolução na fala do povo e nos documentos necessários às comunicações de uma sociedade. Mais do que isso – e esta é a tese defendida aqui – todo processo ativo para a evolução de formas no passado continua a se manifestar ainda hoje nas situações comunicativas atuais. Mais do que atingir a semântica em si, o princípio do uniformitarismo (Labov, 1972) aplica-se, aqui, aos mecanismos mais abstratos, às engrenagens que conferem funcionalidade aos usos. Assim, olhando para as situações em que os falantes ou escreventes evitam explicitar ou repetir o que o interlocutor já sabe, recuperamos a trajetória de evolução histórica de pronomes relativos em conjunções adverbiais. O processo é um só: economia que provoca a elisão de segmentos informacionais e, como consequência, confusão entre usos (ambiguidade estrutural).

Se, em todos os segmentos que contêm advérbios estudados nesta pesquisa, há um item pronome relativo avizinando-se, é certo que algum mecanismo deve ter atuado para que este fosse depois reanalisado como conjunção. Nas discussões até aqui tecidas, indiquei dois caminhos que podem explicar essa mudança operada: (i) mudança de fronteira sintática; (ii) elisão de segmentos facilmente inferíveis ou compartilhados entre os interlocutores.

27 Aparece no século XVI, segundo Barreto (2002:182), com a função condicional.

28 No século XIII, apresenta-se seguida da partícula *que*. Depois, nas Cartas de D. João III, passa a figurar como *segundo* isoladamente.

29 desta não há exemplo apresentado.

Ambos os caminhos são atalhos para a gramaticalização de itens, muitas vezes atuando de forma combinada, tal como intuímos acerca da gramaticalização de estruturas x-que. Sabendo que gramaticalização é um processo universal nas línguas, não se pode perder de vista que processo similar se manifestará em outras línguas, como evidenciei com o espanhol de Montevideú, cujos falantes entrevistados foram categóricos em afirmar que a palavra *que* se tratava, nessas locuções (por exemplo: *mientras que, entretanto que, em tanto que, siendo así que, por el motivo de que, luego que, así que, primeiro que, antes que, después que, desde que, hasta que*), de uma conjunção e não de um pronome relativo. Ocorre que, nos meados do século XX, Gili y Gaya (1955:288) descrevia que advérbios seguidos de *que* (de função muito próxima a um pronome relativo) estavam em mudança no espanhol. Agregue-se a isso o fato de que falantes do português também demonstram dificuldade para reconhecer algumas estruturas x-que como conjunções, dada sua estrutura nominal típica de orações relativas (por exemplo: *todas as vezes que*).

É, pois, essencial que pensemos sobre o que dizem os gramáticos e estudiosos da gramática histórica a respeito do «empobrecimento» do quadro de conjunções na passagem do latim ao português e sua correlação com o surgimento de uma partícula polifuncional como ferramenta empregada para expandir as conjunções no português. Isso conduz à ideia de que a situação comunicativa pode gerar estruturas ambíguas, que, por sua vez, podem ser interpretadas muito mais pela aparência que assumem do que pela história que carregam.

O próximo passo será identificar, em dados produzidos em situações reais de comunicação, evidências de que estruturas x-que tenham sido alvo de forças motivadoras da mudança estrutural. Como recurso metodológico, lanço mão dos trabalhos de edição filológica previamente citados (vide capítulo II), dos quais recolherei evidências de que informações elididas no encadeamento sintático podem desencadear a

mudança da fronteira sintática, o que culminará com a recategorização de uma estrutura *x-que*.

1.2 MOTIVAÇÕES DA MUDANÇA

As motivações da mudança que prevê a passagem de uma estrutura *x-que* a conjunção perifrástica adverbial não são inéditas no desenvolvimento das línguas: ser claro e preciso enquanto se diz o que deve ser dito é objetivo da comunicação em qualquer parte do mundo. As forças atuantes nessas motivações também não são novidades no cotidiano comunicativo, e então o estatuto informacional (informação velha, nova, inferível) e sua relação com as memórias (de longo e de curto termo serão engrenagens dessa mudança.

Há três anos, enquanto refletia sobre esse processo de mudança, investi em algumas hipóteses, que serão retomadas nesta seção. São elas: a **hipótese do subjuntivo** (que explicaria por que algumas locuções conjuntivas correlacionam-se com esse modo verbal); e a **hipótese do relativo** (que explicaria por que algumas estruturas *x-que* compostas por pronomes relativos seriam levadas a uma recategorização como conjunção).

a) Hipótese do subjuntivo

O subjuntivo latino recebeu do indoeuropeu a capacidade de denotar o traço *irrealis* e também a volição. Nos empregos latinos, o subjuntivo passou a codificar além da volição, um fato potencial ou irreal e também a subordinação sintática:

- a) volitivo – exprime decisão, desejo realizável (presente ou perfeito); irrealizável e incerto (imperfeito e mais-que-perfeito).
- b) enunciativo potencial ou irreal – processo possível (presente ou perfeito) ou irreal (imperfeito ou mais-que-perfeito).

c) simples índice de subordinação – continua a expandir-se no latim durante sua história ainda após a época clássica.

É certo que essas funções estão correlacionadas historicamente no que se refere a sua gênese, por gramaticalização. No latim vulgar, como evidencia Maurer Jr. (1959), nem todos esses empregos se mantinham da mesma forma codificados ou mesmo em uso. Segundo ele, o volitivo seguiu os usos do latim literário, perdeu-se o enunciativo potencial e irreal (especialmente na oração independente) e desapareceu o índice de subordinação.

Peter (1943:229-30), por sua vez, apresenta um quadro mais amplo dos usos subjuntivos no latim³⁰:

- a) conjuntivo optativo: *Hoc di bene vertant* (os deuses permitam que isto saia bem!)
- b) conjuntivo exortativo ou suasório: *Amemus patriam!* (Amemos a pátria!)
- c) conjuntivo concessivo: *Sit fur, sit sacrilegus, at est bonus imperator.*
- d) conjuntivo potencial: exprimindo possibilidade, afirmação modesta, juízo subjetivo: *Hic quaerat quispiam* (aqui alguém poderá perguntar).
- e) conjuntivo dubitativo: *Quid faciam?* (que devo fazer? que farei?)
- f) conjuntivo hipotético (irreal): *Crederem, si ipse vidissem.*
- g) conjuntivo imperativo³¹: para o abrandamento da ordem e o auxílio dos verbos *dicas, velim*: “queira dizer-me”; ou *quaeso, tu, quaeso, crebro ad me scribe* (peço-te me escrevas com frequência). Para o realce do rigor de uma ordem, emprega-se *fac, cura* e modo no conjuntivo: *fac ut venias* (faça por vir, vem sem falta); *cura, ut valeas* (faça por ter saúde); *vide modo* (vê lá).

As diferenças percebidas entre as formas adotadas por Maurer Jr. e Peter para sistematizar os dados sobre subjuntivos permitem algumas reflexões:

(i) o latim descrito pelos autores não necessariamente é o mesmo. Embora ambos partam de dados extraídos de documentos para discutir língua e gramática, o resultado é diverso.

³⁰ Todos os exemplos são de Peter (1943).

³¹ Como o imperativo associa-se, já desde o latim, ao subjuntivo, Coutinho (1962:253) considera que o modo subjuntivo pelo imperativo seja um dos arcaísmos da língua.

Linguistas, atualmente, têm alertado para as diferenças de géneros discursivos (seleção de formas distintas de codificação sintática tendo em vista intenções comunicativas e finalidades discursivas);

(ii) os índices de oralidade impactam a codificação linguística. A depender do autor estudado ou do tipo de documento selecionado, pode-se identificar uma distância maior ou menor entre os traços das modalidades falada e escrita.

(iii) o recorte ou abordagem determina uma forma de organização distinta dos dados. A depender da intenção do autor, do recorte providenciado ou mesmo da abordagem teórica assumida, o resultado pode ser diferente porque os critérios também o são³².

Os gramáticos numa abordagem histórica chegam a defender como característica do latim vulgar a limitação do modo subjuntivo e, conseqüentemente, a expansão do indicativo. O que se referenda é que o indicativo expande-se para os seguintes casos:

- a) interrogação subjetiva de deliberação para a expressão de dúvida ou incerteza;
- b) oração com evento de realização potencial independente³³;
- c) interrogação indireta³⁴;
- d) oração dependente de um infinitivo ou de um subjuntivo;
- e) oração consecutiva quando o verbo regente é afirmativo;
- f) oração relativa de valor circunstancial³⁵;
- g) período hipotético potencial³⁶.

Para que uma mudança desse tipo fosse implementada, certamente outros elementos que não o modo subjuntivo passaram a desempenhar sua função nos enunciados, porque é improvável que uma função

32 Exemplos dessa diferença podem ser revistos na exposição que fiz sobre as conjunções do português antigo, na seção anterior. Os trabalhos de E.Dias e de Barreto revelam formas distintas de olhar para um mesmo tipo de dado.

33 Ilustra o caso: *Dicat quis me rem neglexisse* = dirá alguém que eu negligenciei o assunto. A despeito do indicativo, manteve-se a ideia de potencialidade do evento, graças ao futuro.

34 Segundo o autor, desde o tempo de Plauto, usa-se o indicativo. No português, só em caso de dúvida ou incerteza, usa-se o subjuntivo.

35 O subjuntivo no latim vulgar, segundo o autor, é mantido na oração final e na consecutiva dependente de uma interrogativa ou negativa.

36 Segundo o autor, confundiram-se o período hipotético e o irreal.

desapareça da língua assim. A intenção e o objetivo continuam a existir; outras formas de codificação, contudo, emergem nessas situações.

No português, séculos depois, o subjuntivo continua se apresentando como uma ferramenta gramatical produtiva, daí encontrá-lo

- a) nas orações independentes volitivas – Oxalá que ele chegue; (que) Responda ele já.
- b) nas subordinadas substantivas volitivas – Peço que escreva; Receio que se esqueça.
- c) nas orações finais – Torço para que estude.
- d) nas orações consecutivas dependentes de orações regentes interrogativas, negativas, volitivas e potenciais – Ele não é tão cuidadoso que se lembre de limpar os pés; Oxalá ele seja tão bom que releve esta falta.
- e) no período hipotético potencial-irreal (que se fundem)
- f) em algumas orações temporais e causais – Enquanto eu for à farmácia, olhe o café.

Ao que parece, com a mudança de concepção de uma língua sintética para uma língua analítica, alguns autores ignoram que categorias sintéticas sejam supridas por outras formas. Na verdade, ao invés de se admitir que funções desapareçam, deve-se, antes, identificar a atuação da *estratificação* (reconhecer que regras variáveis se abrem com esse aparente desaparecimento), da *divergência* (se o item ou função antes de ‘desaparecer’ não estava revelando traços e comportamentos estranhos ao esperado) e, ainda, da *de categorização* (verificar se esse aparente desaparecimento de uma classe de itens ou função não seria na verdade uma pista de que outros campos de atuação mais abstratos estariam em desenvolvimento). A observação não será, contudo, completa nem suficiente se não se analisar se algum tipo de afunilamento de opções estaria ocorrendo em algum nicho social (*especialização*). Por último, há a *persistência* sinalizando sua trajetória categorial. Isso quer dizer que, por mais que um item se altere, ele sempre manterá traços que o vinculam à sua classe de origem. Ainda uma última ação deve ser realizada: verificar se algum traço de funções anteriores pode ser reconhecido nessas movimentações operadas.

No que se refere aos exemplos apresentados para o português, noto que o subjuntivo preserva funções latinas por meio de seu traço *irrealis*, que também permite que funções inovadoras sejam implementadas. Assim, no plano discursivo-pragmático, codifica intenções, avaliações, volições, tal como ocorria no latim vulgar, descrito por Maurer Jr. Em muitos dos exemplos, há a sinalização ou de uma volição (decisão, desejo realizável, irrealizável ou incerto), ou de um fato possível (potencial ou irreal) ou de uma subordinação sintática. Não seriam essas as mesmas funções do latim, codificadas de modo um pouco diferente no português?

Nota-se, inclusive, que há, considerando o estágio atual de leitura desses dados, um reforço na sinalização das funções subjuntivas, como é o caso do exemplo (c), em que *para* e *que* sugerem uma redundância hoje desnecessária (atualmente, poderia ser dito apenas: Torço *que* estude). Portanto, funções subjuntivas continuam a se manifestar nas línguas, às vezes pelo próprio morfema de subjuntividade, provavelmente pela demanda imposta pela palavra *que*, um marcador de subjuntivo.

Reforça esse argumento Grandgent (1952:95-6), que encontrou um maior índice de usos de subjuntivo no latim vulgar (língua popular) do que nas línguas românicas³⁷. Segundo ele, em alguns escritores, foi possível verificar a substituição do subjuntivo pela sequência *verbo modal + infinitivo* (*debeant accipi = accipientur*)³⁸. Outras vezes, se regido por *facio*, acabava sendo substituído pelo infinitivo (*ecce Pater fecit Filium nasci de vergine*)³⁹. O inverso também poderia

37 Maurer Jr. (1959) a esse respeito diz que havia um emprego mais reduzido do subjuntivo, contudo suas funções clássicas (especialmente um modo da subordinação) são enormemente alteradas no vulgar. Ele não está estabelecendo relação com as línguas românicas, como faz Grandgent, mas com o latim clássico. Daí a aparente discordância entre os autores.

38 Baseia-se em H. Goelzer, *Étude lexicographique et grammaticale de la latinité de Saint Jérôme*, 1884.

39 Baseia-se em A. Regnier, *De la latinité des sermons de Saint Augustin*, 1886.

acontecer nos textos do latim tardio: uso de subjuntivo em contextos antes ocupados por indicativo. Processo similar ocorreu com o imperfeito do subjuntivo, que perdeu terreno para o mais-que-perfeito⁴⁰. Depois, acabou por ser abandonado. Com essas explicações, é possível verificar a gradualidade da mudança em curso no latim vulgar, e com ela reconhecemos a estratificação dos usos, a especialização e a decategorização dos usos inovadores. De forma complementar, pode-se verificar a persistência de traços dos usos latinos sobrevivendo nos usos do português, .

O subjuntivo que funcionava, no latim, como morfema⁴¹ de subordinação continuou, assim, a ser empregado nas línguas românicas, mas não com a velha forma. É por isso que se pode hipotetizar que a evolução de estruturas x-que em conjunções advém da interferência (alguns rotulam de confusão, outros de contaminação) de uma partícula *que* percebida nas vezes em que ela assume função de morfema indicativo de subjuntividade.

Dias (1959:197-202)⁴² ratifica o que diz Grandgent, ao listar funções subjuntivas no português:

40 Esse uso, segundo o autor, é frequente em *Bellum Africanum* (W.Meyer-Lübke, Die lateinische Sprache in den romanischen Ländern, em Grundriss, I, p. 451 e s.).

41 “Morfemas são tipicamente fixados em palavras de conteúdo, são gerais no sentido, fonologicamente reduzidos, e não transparentes etimologicamente” (Tomasello & Bates, 2002:273).

42 Os usos **imperativos e proibitivos**, por se servirem exclusivamente dos subjuntivos, não foram incluídos nessa discussão. São eles: *Estemos quedas, e ajamos boa esperança* (Fabul. tab. 57); *Não saybas mais do necessario, porque não fiques boto* (H.P., II, 235v., 236); *Animo, animo, meus filhos: não aja ninguem que desmaye* (Sousa, V.do Arc., I, 482); *Por Deus, que me ajudeis a salvar a minha pobre Hermengarda* (Herc. Eur.185); *Que se me permitta agora apontar alguns factos* (Id., Cas.Civ., 68). **Fórmulas de saudação**: *Natonio, tenhas prazer; lhe disse, gram brado dando; Comadre (voc.), venhaes embora* (Chiado, Regateiras, 98, v). **Assegurações**: *Eu não viva mais que uma hora, se isto não é verdade*; **Voto**: formulado a favor de alguém no caso de nos outorgar um pedido: *Amigo, se bem ajades, rogo-vos que mi digades* (Stevam Reymondo, Vat. 294); **Dúvida** (*talvez e quiçã*): *talvez foi ele o primeiro cantor que soube entoar...*

- a) **desejo** (optativo) e fórmulas conversacionais de carácter volitivo⁴³:
 (87) *Oxalá que eu me enganasse*⁴⁴
 (88) *Tomara que me respondesseis a esta evidência* (Vieira, I, 82)
- b) ideia de acontecer, quando a expressão subordinante é negativa ou não representa uma realidade (*a não ser que, no caso que, caso que, dado caso que*).
- c) concessividade (*ainda que, posto que, bem que, etc.*)⁴⁵
- d) orações causais (*como quer que*)⁴⁶
- e) orações proporcionais (*por mais x que*⁴⁷, *por muito x que, por x que*)
 (89) Acho-me com muitas cartas de V.Exa. e com il obrigações em cada uma delas para beijar a mão de V.Exa. outras tantas vezes, como nesta faço, sem que os termos de agradecimento, **por mais que** se multipliquem, possam igualar o número e muito menos a grandeza de tantas e tão excessivas mercês (*apud* Dias, 1959)

Note-se que os itens representam seqüências informativas embebidas do traço *irrealis*, que identifica eventos/ações não ocorridos, hipotéticos ou com possibilidade de ocorrer numa dada situação. Efeito similar manifesta-se no uso em orações subordinadas, a depender do tipo de conjunção empregada e do valor semântico pretendido⁴⁸. São intenções codificadas sintaticamente, são intenções gramaticalizadas na língua.

43 Outros usos que não se assemelham às estruturas x-que: *Queira Deos que...*; *Praza aos ceos...*; *O Diabo seja surdo...*; *Que lhe faça muito bom proveito*; *Oxalá nunca saibas quão intenso e atroz é o meu tormento* (Herc., Eur., 48); *Tomara-me eu já lá* (Garret, Fr. Luiz de Sousa, acto I); *Quem me dera morrer em algum soto sombrio* (Arraes, 7) - O **desejo enfático** era feito com a expressão *quem dera*; *quem fosse* tão ditoso *que visse este dia* (H.P., I, 476, 476v.); Se é esta uma nova illusão que Morpheu me envia, *possa eu não acordar jamais!* (Cast. Chave, 58) - Uso típico do português moderno; assim *tivera eu vivido!* (Garret, Viagens, 215) e *Nunca eu fora ver tal* (Herc., Monge, 2, 351) - Uso para se referir a algo que não se pode realizar.

44 A expressão de desejo reforçada por *oxalá* substituiu o latim *utinam* (oxalá que).

45 Também pode ser encontrado com a conjunção *conquanto*.

46 Também pode ser encontrado com a conjunção *como*.

47 Como locução, aparece no século XVII.

48 Também há, nos usos relativos, orações constituídas pelas palavras único, último, *primeiro*, e outros ordinais. Ex.: esta foy a **única vez, que** sabemos da Historia Sagrada, que Christo escrevesse de seo punho (Vieira, I, 785). A vírgula do exemplo pode ser uma evidência de uso não locucional da expressão única vez que.

Maurer Jr. (1959), lidando com estruturas do tipo x-que, explicita as perdas, ganhos e as manutenções de itens entre latim clássico e vulgar. Segundo ele desaparecem do latim vulgar as formas latinas expressas nas alíneas (a) e (b); são mantidas as formas das alíneas (c) e (d); e surgem as formas explicitadas nas alíneas (e) e (f):

- a) a conjunção copulativa *atque*⁴⁹, existente no latim, desaparece no latim vulgar (id, p.167)
- b) as conjunções concessivas *quamvis* e *quamquam* desaparecem (id., p.168)
- c) a conjunção integrante *quod* se mantém no Ocidente e, depois, passa a concorrer com *quia* e *quid*. Este último se confundiu com os outros dois. (p. 168)
- d) as conjunções temporais *antequam* e *postquam* mantêm-se também no latim vulgar, contudo, “o segundo elemento tende a dar lugar a *quid*, ou confunde-se com ele.” (id, p. 168)
- e) “É possível que desde o latim vulgar surjam locuções com *quod*. Como *causais* persistem *quod*, *quia*, e provavelmente locuções formadas com *quod*.” (id., p.168)

O autor prende-se, como sua análise deixa ver, às formas grafadas e não à função que desempenham quando afirma que desapareceram/surgiram/ mantiveram-se. Pode-se dizer que muitas das formas consideradas “desaparecidas” assumiram novas funções durante a evolução da língua latina. Também de forma similar, certamente ocorreu de uma forma antiga ter participado de regras variáveis não percebidas pelo autor, dado o número restrito de documentos disponíveis para o estudo do latim vulgar.

Outro argumento plausível seria aquele ligado ao peso social da normatividade linguística. Em línguas cuja normatividade seja muito forte e em comunidades linguísticas cujo ensino esteja bem estruturado para veicular essa norma, os falantes sentem maior dificuldade de perceber as inovações como gramaticais, sempre mais invisíveis do que as inovações léxicas (a esse respeito, leia-se a discussão de Lima-Hernandes, 2005).

49 Como na consecutiva registrada por Plauto: *Atque* edepol ita haec tigna umide iam putent: non videor mihi sarcire posse aedes meas (*apud* Maurer Jr., 1959, p. 228)

Em sua alínea (e), Maurer Jr. hipotetiza que o processo de criação de conjunções a partir de partículas *qu-* já fosse bem produtivo desde o latim. Não haveria como ser diferente, pois a língua apresenta tendências e processos produtivos de mudança que lhe conferem vitalidade (anatotopia) em um curso histórico peculiar, que lhe confere identidade interna (entre fases de evolução) e identidade gênica (entre línguas de mesmo tronco). Lembremo-nos de que a palavra *que* do português é homógrafa à do espanhol, do francês e do provençal e homófona a do italiano (*che*).

O quebra-cabeças está aí apresentado e, nas próprias peças, está também a provável resposta para a pergunta: posto que o índice de subordinação (assim como outros casos de subjuntivo) foi sendo codificado de outras formas no português, que tipo de estrutura passou a assumir essas funções? Provavelmente alguma partícula (como a palavra *que*) possa, por metonímia (motivação sintática), ser incorporada à função de índice de subordinação numa combinação sintática com o modo que mais se expandiu: o indicativo.

Um indício de que o processo de incorporação metonímica possa ter sido implementado é a atestada compensação de uso de advérbio de dúvida (*talvez* e *quizá*, no português; *quizá*, *acaso* e *talvez*, no espanhol) na oração potencial independente. Como resposta a esse processo vivenciado pela língua, forças entrópicas passam a atuar. Para a compensação do desaparecimento da noção do potencial, duas estratégias são empregadas alternativamente: ou se emprega o traço *irrealis*, por flexão, em seu lugar ou se emprega uma perífrase com os verbos modais (por exemplo, *habeo*, *possum*). Para a compensação do subjuntivo mais que perfeito, lança-se mão do imperfeito.

Se esse desenvolvimento for confirmado, então não poderei aceitar que seja um fato inédito desde o latim. Enquanto tentava entender como mecanismos cognitivos se manifestavam, senti a necessidade de recolher dados de língua latina para entender se o que ocorria poderia ser algo totalmente inédito desde o latim. Suspeitava que não, pois

havia verificado em vários momentos, e com objetos de pesquisa diversos, a ciclicidade dos processos. Então, hipotetizei que orações relativas latinas exigiriam subjuntivo. Consultando gramáticas, verifiquei que alguns usos latinos, de fato, tinham essa característica. Os contextos em que isso ocorria eram os que encerravam:

- a) algum tipo de restrição (*nonvenit, quod sciam, apud* Irmãos Maristas, 1961:256);
- b) o fim de uma ação (*misit mihi qui me moneret, id., p. 254*)
- c) a consequência de uma ação ou de um estado (*innocentia talis est quae omnibus placeat, id., p. 254*);
- d) a causa ou a prova de uma ação ou de um estado (*fuit mirifica vigilantia, qui suo toto consulatu somnum non vidērit, id., p. 255*); e
- e) uma oposição (*miserrīmo exercitu luxuriam objiciebant, cui sempre omnia defuissent, id. ib.*)

Essa descoberta teve papel fundamental na compreensão de que a reanálise desse tipo de oração já deveria estar em curso no latim tardio. Uma possível ambiguidade estrutural da sequência *pronomes relativo + subjuntivo* teria exigido do falante a tomada de decisão pelo que mais recorrentemente se empregava na língua. Os exemplos (90) a (97) puderam, então, ser compreendidos finalmente. Eles ilustravam essa descoberta, já que os pronomes relativos ali expressos ilustravam, segundo Maurer Jr. (1959), o emprego de conjunções integrantes⁵⁰:

- (90) Equidem scio iam filius **quod** amet meus intanc meretricem (Plauto, *Asinaria*, 52)
- (91) Tres cardeles occidi, et dixi **quia** mustella comedit (C. Trim, 46)
- (92) Sed subolfacio **quia** nobis epulum daturus est (45,4)
- (93) Scis enim, **quod** epulum dedi binos denarios (71,9)
- (94) Scimus ex dominico praecepto **quod** caro infirma sit (Tertuliano, *Ad martyres*, IV)

50 “No que respeita ao emprego do subjuntivo, as línguas românicas revelam, melhor do que os textos latinos (...), que este modo subsistiu apenas como modo da dúvida e da incerteza, com verbos ou locuções que significam *pensar, crer, duvidar, ser possível, ser provável, ser estranho*, e correspondentes nas demais línguas. Só em algumas, como no italiano e no rético, por exemplo, se tende a dar ao subjuntivo uma aplicação mais lata, se bem que ainda aí para realçar, cremos, o elemento da dúvida na afirmação.” (Maurer Jr., 1959:218)

(95) Dico vobis, **quod** omnis, qui irascitur fratri suo sine causa, reus erit iudicio (Iülicher, Mat. , 5,22)

(96) Novi **quod** pulchra sis (Vulgata, Gênesis, 12, 11)

(97) Veditque **quod** exsiccata esset superficies terrae (ib. , 8, 13)

Somem-se a isso os seguintes fatos:

- a) *quod* poderia, em alguns casos, ser ambíguo em sua função: numa sentença como “Multum ei detraxit quod alienae erat civitatis”, *quod* poderia significar *quanto a este fato de* ou *para provar que* (cf. Irmãos Maristas, 1961:253);
- b) o subjuntivo pode funcionar como índice de orações temporais que marcam anterioridade e limite de tempo nas línguas românicas⁵¹.

O resultado disso é o reconhecimento de que as estruturas x-que que se gramaticalizam em locuções conjuntivas no português representam o que há de mais produtivo para a geração de orações circunstanciais já desde o latim. Se no passado contávamos com uma estrutura relativa combinada a um modo subjuntivo, hoje continuamos explorando esse mesmo caminho (frequente e produtivo) para resolver problemas comunicativos. Mecanismos empregados no passado para marcar intenções específicas continuam sendo mobilizados ainda hoje na busca da comunicação eficiente.

No caso das orações relativas de valor circunstancial (consequência, causa, concessão, restrição, fim, condição possível ou irreal), o emprego do subjuntivo é estratégia básica já no latim clássico, mas no latim vulgar, por algum motivo, o subjuntivo é mantido apenas para finalidade, para consecução dependente de uma interrogativa ou negativa e para a restrição ou condição irreal. Já, no português, aparece em orações volitivas (independentes: *oxalá ele chegue*; ou complexas:

⁵¹ As línguas românicas empregam o subjuntivo nas orações temporais que marcam a anterioridade (*antes que*) ou término de um período de tempo (*até que*), o que lembra um emprego latino semelhante. Este uso é certamente herdado, pertencendo, portanto, ao latim vulgar, como atesta a concordância do rumeno com as outras línguas, embora não falem as exceções por toda parte, particularmente no rumeno. (Maurer Jr., 1959:226)

peço que escreva), finais (para que estude), consecutivas dependentes de orações interrogativas, negativas, volitivas e potenciais (ele não é tão cuidadoso que se lembre), além de ser usual no período hipotético potencial irreal e em algumas orações temporais e causais. Ao que parece, há, ao contrário do que argumentam os gramáticos, uma expansão do subjuntivo.

Uma dificuldade em lidar com o subjuntivo no latim é que se torna presente apenas com a manifestação de uma partícula específica, ainda que essa partícula não tenha sido expressa (pois os interlocutores são capazes de inferi-la). No português, não é diferente: podemos elidir a partícula *que*, sem alterar a estrutura de subjuntivo (Oxalá [que] queira vir, por exemplo). Recuperar uma partícula elidida, contudo, depende de uma memória de longo termo estruturada, o que normalmente se tem disponível para resolver questões de línguas em que se é proficiente. Os dados antigos, por conseguinte, são opacos e impedem que informações sejam recuperadas pelo linguista.

No português medieval, como nas demais línguas românicas, a elisão de *quod* ou *quia*, em circunstâncias concessivas, consecutivas e condicionais, tal como ocorre hoje no português (*peço me responda logo; não fosse seu atraso, tudo teria se resolvido; tivesse ele toda a riqueza concebível, não deveria fazer tal cousa*⁵²) é recorrente. É possível explicar a atuação da memória de longo-termo no latim com a exigência de um contexto de subjuntivo a serviço de oração causal. Se o falante romano elidir a partícula de causalidade, seu interlocutor deverá ser hábil para recuperar de sua memória que somente *quod* poderia ocupar um contexto sintático de subjuntividade. Entretanto, se o falante explicitar o modo indicativo, não mais *quod* poderá ser inferido, mas *quia*, que admite a causalidade com combinação no modo indicativo.

Peter (1943:246), sintetizando a correlação entre forma e modo, afirma que todas as orações relativas usam indicativo quando codifi-

52 Exemplos recolhidos em Maurer Jr. (1959).

cam uma exposição objetiva de um fato. Usam, contudo, subjuntivo para indicar: causa ou concessão; finalidade ou intenção; consequência; a presença das expressões de polaridade negativa (*sunt, non desunt, inveniuntur, repetiuntur, ex sistunt, exorti sunt qui, nemo est, nullus est, nihil est, non est, non habeo, quis est?, quotusquisque est?*) e atração de modo, quando constituem elemento completivo necessário a um juízo expresso por um infinito, acusativo com infinito ou conjuntivo; expressam também o juízo limitado, restrito pelas expressões *quod sciam* (que eu saiba), *quod intellegam, quod meminerim, quod salva fide pos-sim*, etc.

A **hipótese do subjuntivo** prevê, em suma, que todas as funções desenvolvidas no latim continuam atuando nas línguas românicas, porém com nova roupagem linguística. Em outras palavras, se no passado tínhamos o conjuntivo sinalizando volição (optativo, exortativo, imperativo), enunciação potencial ou irreal (possibilidade, dúvida, hipótese, concessividade, avaliação) e um morfema de subordinação, e se cada uma dessas funções está correlacionada pelo processo de gramaticalização, então ainda teremos dados da forma mais gramaticalizada sinalizando todas essas funções. O item *que*, marca de subjuntivo no português, pode ser empregado em contextos diversos que denunciem os desenvolvimentos pregressos da função subjuntiva no português.

b) Hipótese do relativo

De acordo com Coutinho (1962:305), o pronome relativo tinha, em latim, três formas: *qui* (masculino), *quae* (feminino) e *quod* (neutro)⁵³. A partir do século III, *qui* substitui *quae*⁵⁴. O mesmo se dá

53 Bourciez (1946, *apud* Coutinho 1962:305), tendo em vista a igualdade das formas singular e plural *qui*, afirma que essa se estendeu aos contextos em que ocorriam os acusativos plurais *quos* e *quas*. Processo similar ocorreu com a expansão de *quid* sobre *quod*, em textos da baixa latimidade. Já no final do Império, era clara a redução dos relativos para as seguintes formas: *qui, que(m), cui, quid* ou *quod*.

54 *bruti suae qui vixit* (C.I.L., III, 12377, *apud* Bourciez, 1946:95).

com *quem* em relação a *quam*⁵⁵. Sobrevive a toda essa reformulação de usos o pronome relativo clássico, segundo Maurer Jr. (1959), ainda que desprovido de formas plurais e da distinção entre feminino e masculino. Mesmo o neutro, que se manteve por mais tempo em uso, também acaba por desaparecer⁵⁶.

O quadro, a seguir, representa os usos dos pronomes relativos do latim clássico, portanto ainda são preenchidos todos os casos e números:

CASOS	SINGULAR			PLURAL		
Nominativo	qui	quae	quod	qui	quae	quae
Genitivo		cujus		quorum	quarum	quorum
Dativo		cui			quibus (quis ou quais)	
Acusativo	quem	quã	quod	quos	quas	quae
Ablativo	quo	qua	quo		quibus (quis ou quais)	

Figura 5: Pronomes relativos no latim – *apud* Peter, 1943:57.

A primeira coluna refere-se aos casos; no singular, tem-se uma primeira coluna referente à declinação de *qui* (qual), a segunda referente à declinação de *quae* (quem) e a terceira referente à declinação de *quod* (que). São usos complexos que serão perdidos na fala popular cotidiana.

No latim vulgar, o quadro é mais simplificado. Vejamos a distribuição desses usos em descrição elaborada por Grandgent (1952:242) a partir de dados recolhidos em inscrições cristinianas do séc. V. Nele é possível constatar que o pronome *quī* ocupa o lugar de *quīs* e do feminino *quae*. Também o genitivo foi simplificado drasticamente.

55 Faustina cum quem vixit (C.I.L., IX, 2880, *apud* Bourciez, 1946:95)

56 “é provável que o plural neutro, *quae*, se tenha mantido por mais tempo na língua vulgar, mas acabou também por perder-se.” (Maurer Jr. 1959:114).

	masculino	feminino	neutro		
singular	nom	qui	que	qui	cod, qued
	gen	cuju(s)	quejus(s)	cuju(s)	cuju(s)
	dat	cus	quei	cui	cui
	acus	que	qua	que	cod, qued
	abl	co?	qua	co?	co?
plural		qui	que	qui	que
		cos?	quas?	cos?	que

Figura 6: Pronomes relativos no latim vulgar

Na língua escrita, ainda perdura a complexidade contudo. Segundo Grandgent (1952:78), ao invés de se utilizarem construções com acusativos e infinitivos, escritores de um período mais tardio utilizavam com alta frequência as conjunções *quod*, *quia*, *quoniam*⁵⁷. Ao que parece, *quod*, em ampla expansão, assumia o lugar de uso de *ut*⁵⁸, sugerindo o significado de *que*⁵⁹. Posteriormente, *ut* foi abandonado. O mesmo ocorria com *quia*⁶⁰, que concorria com *quod* e muitas vezes ocupava seu lugar⁶¹.

Além desses pronomes, Peter diz que já eram encontrados no latim os usos pronominais em estrutura composicional para sinalizar seu valor relativo indeterminado: *quicumque*, *quaecumque*, *quodcumque* (os três codificando *qualquer que*), compostos a partir dos pronomes relativos anteriormente apresentados. Chama a atenção a presença da partícula *que* ao final de cada uma dessas palavras para gerar o efeito de indeterminação, agregado a outro pronome relativo preposto (*qui*, *quae*, *quod*). O mesmo se dá com *quisquis* (quem quer que) e *quidquid* (tudo o que) além do advérbio *quoquomodo* (de qualquer modo

57 baseia-se no trabalho de H. Rönsch, *Itala und Vulgata*, 1869, pp. 445-446.

58 baseia-se no trabalho de A. Audollent, *Defixionum Tabellae*, 1904, p. 549.

59 *Peregrinatio ad loca sancta*. (P.Geyer, 1898).

60 no latim tardio, contraía-se em *qui* ou *qua*.

61 baseia-se em A. Regnier, *De la latinité des sermons de Saint Augustin*, 1886.

que). A presença do relativo na formação de novas palavras com traço de imprecisão ou indeterminação, então, já era fato no latim.

Essa partícula, ao que parece de função altamente pragmática, também integrava o conjunto das conjunções coordenativas⁶²:

- a) copulativas: *atque, neque* (também, até) *quoque, ne...quidem* (nem sequer, nem mesmo), *neque aut...aut, neque...neque, neque...et* (por um lado, por outro lado não);
- b) adversativas: *neque vero, atqui, neque tamen* (contudo);
- c) conclusivas: *itaque*.

A presença de relativos ou da partícula *que*⁶³ na constituição de conjunções subordinativas era já comum no latim, como descreve Peter (1943:140-1):

- a) finais: *quominus* (que não), *quin* (para que não), *quo* (a fim de que);
- b) causais: *quia, quod, quoniam, quandoquidem, quando*⁶⁴;
- c) concessivas: *quamquam*⁶⁵, *quamvis*;
- d) temporais: *quoad* (até que), *simulatque* (logo que), *antequam/priusquam* (antes que), *postquam/posteaquam* (depois que);⁶⁶
- e) comparativas: *tamquam* (como, como se).

A conjunção *que* vai sendo incorporada a uma série de locuções que surgem. No português quinhentista, é encontrada como integrante, causal, final e concessiva, conforme mostram os dados colhidos por Barreto (2002:166-7), aqui retomados parcialmente:

62 Com relação às conjunções coordenativas, também é registrada por Barreto (2002:175) a adição da partícula *que* à moda de locuções adverbiais atuais.

63 Em muitas conjunções, há o emprego da partícula *si*, como em: *etsi, etiamsi, tametsi* (concessivas); *si, nisi* (condicionais).

64 Usam-se com verbos no indicativo; devem, contudo, combinar-se com conjuntivo quando reproduzem a opinião de outra pessoa.

65 As concessivas com *quamquam* levam o verbo para o indicativo.

66 Exceto *quoad*, todas as outras conjunções temporais devem ser empregadas com indicativo.

- a) **integrante:** E verdade é que podesse fallar, eu confio bem **que** nesta materia que me culpaes, me fiquasseis devendo dinheiro. (CJ 101, l.03-5)
- b) **causal:** ...e os conselhos de seus amigos acabarem, se poder ser, **que** nam se parta, pobrycãdo escandalo, que nam he seu servyço em tal tempo, aynda que seja sem Rezam. (CDJIII, XXII, L. 08-11)
- c) **final:** E daqui te dou licença **que** às possa alegar, quando te ocorrerem a prepósito da matéria. (DVV, p.415, l. 04-6)
- d) **concessiva:** **Que** eu tenha todos os descontentamentos do mundo das merces que neste caso me ffazees tenho muito contentamento, porque bem sey que aynda que m'as ffazees grandes todavia laa vão leys. (CT LXXXIX, l.01-4)

A elisão, tão comum na fala cotidiana e mesmo em algumas situações da modalidade escrita, manifesta-se desde o latim e pode se constituir um problema comunicativo a depender da memória de longo termo do interlocutor, como já argumentei anteriormente. Said Ali (1964) relata contextos em que, no latim, a elisão de termos favorece a mudança de fronteira sintática. É um relato que fortalece a **hipótese do relativo**:

Quod tinha seu antecedente demonstrativo (hoc, illud, id), com que à guisa de sumário se antecipava um enunciado, como em *hoc uno praestamus vel máxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus*. O antecedente podia, sem prejuízo do sentido, omitir-se, e sendo esta prática mais simples, tornou-se ela pouco a pouco em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciência da função pronominal de *quod*. O enunciado *non prigitia facio, quod non mea manu scribo* era a alteração semântica de outro que, reconstituído, equivaleria a “não faço por preguiça isto (=o seguinte), *que* não escrevo de próprio punho”. O esquecimento, fator essencialíssimo na evolução da linguagem, transformou, em tais construções, o valor primitivo de *quod* ora em conjunção causal, ora em partícula tão inexpressiva que já no latim da decadência veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo caráter não se definisse por meio de outra partícula. Herdeira de *quod* assim diferenciado é a conjunção portuguesa *que*, com a variante *ca* (qua) usada no falar antigo para exprimir o sentido causal. (p. 221)

Analisando as locuções compostas por advérbios e seguidas da palavra *que* (por exemplo: *a fim que* (a fim de que), *sem embargo que*,

contanto que, antes que, depois que), Said Ali afirma que houve a mudança de fronteira sintática motivando a mudança morfológica, pois o item advérbio teria se deslocado para a oração vizinha. Dessa forma, embora devesse modificar o verbo, afasta-se dele. Migra para outra oração e passa a atuar como conjunção. Evidência de que isso pode ocorrer é também ilustrada pela passagem de *ainda* a *ainda quando* e *ainda que* (cf. Said Ali, 1964:222), mas também pode ser lido no exemplo anteriormente apresentado por Barreto como ilustrativo de conjunção integrante (*E verdade é que podesse fallar, eu confio bem que nesta materia que me culpaes, me fiquasseis devendo dinheiro*), em que o item *bem* integra a primeira oração, mas poderia hoje perfeitamente ser relacionado à segunda oração, introduzindo-a⁶⁷. O que permite essa nova leitura é justamente a ambiguidade manifestada.

Logo, estruturas perifrásticas não são novidades do português. Elas já eram também usuais no latim, ainda que às vezes aparecessem formalmente num único bloco lexical⁶⁸.

A hipótese do pronome relativo, portanto, prevê que uma mudança de fronteira, seja por elisão de uma informação compartilhada ou por ambiguidade interpretativa, provoque a reanálise de uma estrutura x-que (advérbio + pronome relativo), que passa a ser interpretada como uma conjunção subordinativa.

Analisemos alguns contextos que sugerem o modo como essas mudanças podem ter se consumado no português:

67 Retomarei essa questão adiante, quando discutirei a rota de mudança assumida por **bem que** e **se bem que**.

68 As conjunções perifrásticas *per quod*, *pro quod*, *per quid* eram muito usadas. Maurer Jr. (1959:226) a esse respeito afirma o seguinte: “Das locuções, algumas seguem modelo latino, onde já se encontravam, e.g., *antequam*, *postquam*, *ex quo*. O latim vulgar devia apresentar outras locuções do mesmo tipo, donde vieram algumas das existentes na România.”

(98) [o coração] foi de hua novidade alvoroçado]. **E foi, que** estando já da costa perto, | Onde as praias e valles bem se vião | Num rio que ali sae ao mar aberto, | Bateis á vela entravão e saião. (Lus., V., 74, 75)

(99) **Não digo, que** castiguem severamente algumas petiçoens, **posto que** imitarião nisso a Salomão (H.P., II, 1066, *apud* E.Dias, 1959)

Ainda que o autor classifique a expressão **e foi que** como locução, ela aparece rompida pela colocação de uma vírgula, o que pode denunciar a consciência do autor em que uma pausa seria necessária naquele ponto do texto. Deve-se ter atenção a fatos desse tipo, pois muitos dos casos locucionais são resultantes justamente da quebra da fronteira sintática, o que favorece uma reanálise. Os contextos de reanálise são invariavelmente *locus* de dúvida e de ambiguidade, exigindo do falante-ouvinte uma decisão e reconstrução interpretativa.

Observe-se que, no início do exemplo (99), aparece “Não digo que” rompida por uma vírgula. Esse dado pode ter gerado *não...que*, que, por metonímia, pode ter incorporado o sentido concessivo da expressão com que se combinava. No exemplo apresentado, a expressão **não digo que** correlaciona-se mais propriamente com sua causa, que vem introduzida pela locução **posto que**, locução tipicamente concessiva na análise de Dias (1959:281). Numa leitura contemporânea, contudo, a leitura de causalidade é mais nítida.

O defensor do papel fundamental da elisão na classificação das locuções é Barreto (1944:250), que considera que sejam “frequentes, nos escritos clássicos, esses casos, em que se nota a elipse da preposição antes do relativo, quando a mesma ou outra de valor análogo precede o antecedente.” Cita os seguintes exemplos que permitiriam, segundo ele, compreender a reanálise de expressão circunstancial *x-que* para locução conjuntiva:

(100) Paulina vai ao caramanchão que está sobre o caminho, e dali fala a Fernando, às horas em que tu dormes a sesta. (Camilo, *Agulha em palheiro*, 1865, p. 129, 2ª ed., *apud* Barreto, 1944)

(101) Quantos hão-de chamar ditosa **a hora que** em ti entraram, ditoso o trabalho com que preservaram? (Pe. Bernardes, Sermões e práticas, 1733, p. 184 *apud* Barreto, 1944)

Para o autor, a elisão da preposição seria o gatilho dessa mudança. Ele considera o item QUE, originalmente, empregado como um pronome relativo, mas a elisão da preposição antecedente poderia ter gerado a impressão de que uma conjunção estaria em uso⁶⁹. Há exemplos bastante antigos de que essa elisão não é novidade da língua moderna. Barreto apresenta, dentre outros, excertos de Camões e de Pe. Vieira:

(102) **Neste tempo que** as âncoras levavam, | Na sombra escura os Mouros escondidos | Mansamente as amarras lhe cortavam, | por serem, dando à costa, destruídos. (Camões, Cant. II, est. 66 *apud* Barreto, 1944)

(103) **No tempo em que** o lobo e o cordeiro estavam em tréguas, desejava aquele que se oferecesse ocasião para as romper. (Floresta, vol. IV, pág. 430, ed. 1726 *apud* Barreto, 1944).

(104) **E um dia que** ambos se acharam na margem de um regato, indo beber, disse o lobo mui encolerizado, contra o cordeiro:... (id.ib *apud* Barreto, 1944)

(105) **Por qualquer lado que** o tomeis, sempre soa e diz o mesmo (Sermões. Pe. Antônio Vieira, vol. II, p. 87 *apud* Barreto, 1944)

Barreto afirma que são tantas as funções do pronome *que* que seria mais apropriado considerá-lo um pronome adverbial. Essa é a razão por que analisa o exemplo (105) da seguinte maneira:

É um pronome relativo: tem por antecedente “lado” e serve de complemento circunstancial de lugar por onde ao verbo “tomar”. Aquela frase está abreviada e, se não fosse a consagração o uso, poderíamos classificá-la de errada. Ela está por: “**Por qualquer lado** por que (= pelo qual, por onde) o tomeis...”. Analogamente se costuma dizer: “**no dia que vieres**” por “no dia em que vieres. (*apud* Barreto, 1944).

Analisemos os seguintes exemplos extraídos de E.Dias (1959) para ainda tratar da elisão de sequência informativa:

69 “Se a palavra que significa espaço determinado de tempo, como *hora, dia, mês, ano*, etc., é antecedente do relativo, este relativo pode ir sem preposição ou com *em*.” (Barreto, 1944:59)

- (106) Cada hũũ homem, **por pequeno que** seja, non desespere de poder agradecer, qualquer bem que doutrem ouver (v.Bemf., 284, *apud* E.Dias, 1959)
- (107) **Por mais que** braceje por saltar-se da miseria (Aulegr. I, 4, *apud* E.Dias, 1959)
- (107a) **Por mais vezes!fortelintensamente que** braceje...
- (108) deviamos acceytar qualquer pedido; e offerecer-nos muyto degrado a qualquer satisfação **por dura e difficultosa que** fosse (Vieira, I, 1037, *apud* E.Dias, 1959)
- (108a) ... **por mais dura e difficultosa que** fosse...
- (109) Tu me queres dar este pam **por tall que** nom ladre (Fabul., fab. 52 *apud* Dias, 1959)

É possível por meio desses exemplos postular a mudança de *por x que* > *porque*. É o que faz Dias (1959:283) ao afirmar que a rota de mudança partiu da construção primitiva composta por *preposição + substantivo + pronome relativo (que)*, na função de complemento direto, ou ainda de sujeito ou de predicativo (*Por muita diligencia que faça, não logrará o seu intento*). Desta, o autor afirma que se estendeu o uso da preposição na adjunção de adjetivos, tornando o pronome relativo um predicativo ou aposto (*Por sabio que sejam, não explicarão este phenomeno*). Por último, estendeu-se, por “imitação” aos advérbios (*Por muito prudentemente que proceda*).

Ao que parece os exemplos (106) a (109) ilustram essa rota, com um adendo: o advérbio viria por último nessa rota por ter atuado como modificador de um adjetivo preliminarmente, como na reconstrução que proponho em (107a) e (108a).

Esse raciocínio aplica-se a outros valores circunstanciais, como o de finalidade. Observe-se o exemplo (109) e sua projeção de mudança em (109a):

- (109) ...mandara guisar pera si que comesse... (*apud* Mattos e Silva, 1989)
- (109a) ...mandara guisar para que comesse.

Certamente houve ocorrências em grande número tanto de uma quanto de outra, até que uma reanálise tornasse possível que uma delas fosse lida em termos da outra. Esta é a dinâmica que se projeta quando se pensa em uma mudança linguística: formas passam a competir e,

aos poucos, uma vai se espraiando pela sociedade enquanto a outra vai ficando restrita a certos nichos sociais. Nem sempre, contudo, as mudanças se apresentam de forma tão previsível. Analisemos os seguintes exemplos:

(110) sse alguẽm trazer a nosso jujzo aquel cõ que ouue demãda depouys da sentẽça dos nossos jujzes e depouys gor uẽçudo e achado que a sentẽça que gaanhou he bõa qual deuja, **por esto**, por que constẽgeu o sseu auerssayro, como nõ deuja, sse o uẽçedor for caualeiro ou clerigo prelado da Igreja, o uẽçudo sseia peado en x marauedis d'ouro (...) (p.78: Ordenações de D.Afonso II, século XIII *apud* Quadros, 1966)

(111) O appostolico de Roma ouuiu dizer como prendera ssa madre e que a trazia comsigo pressa e mandou-lhe dizer pollo bispo de Coimbra que ssacasse ssa madre de prisson e **ssenom que** o escumũgaria. (...) (p.79: O Bispo Negro – séc. XV *apud* Quadros, 1966)

Percebe-se que há a subtração de uma informação muitas vezes já explicitada anteriormente (talvez por questão de economia). Esse procedimento de elisão da informação compartilhada acaba por aproximar termos que originalmente estariam distantes. O que resulta é uma sequência comum que pode ter sido reanalisada como locução conjuntiva. Observem-se os mesmos trechos com os segmentos informativos, antes elididos, agora explicitados entre colchetes:

(110a) sse alguẽm trazer a nosso jujzo aquel cõ que ouue demãda depouys da sentẽça dos nossos jujzes e depouys gor uẽçudo e achado que a sentẽça que gaanhou he bõa qual deuja, **por esto**, [*por que constẽgeu o sseu auerssayro, como nõ deuja,*] sse o uẽçedor for caualeiro ou clerigo prelado da Igreja, o uẽçudo sseia peado en x marauedis d'ouro (...) (p.78: Ordenações de D.Afonso II, século XIII *apud* Quadros, 1966) (catáfora)

(111a) O appostolico de Roma ouuiu dizer como prendera ssa madre e que a trazia comsigo pressa e mandou-lhe dizer pollo bispo de Coimbra que ssacasse ssa madre de prisson e **ssenom** [*sacasse ssa madre de prisson*] **que** o escumũgaria. (...) (p.79: O Bispo Negro – séc. XV *apud* Quadros, 1966) (anáfora)

Torna-se relevante mencionar que, no português antigo, a locução *senão que* introduzia uma restrição a um asserto, tal como visto no exemplo (111) e, mais claramente, nos exemplos (112) e (113). Note-se

que, nesse valor mais abstrato, a locução *senão que* desempenha duas funções em planos diferentes: no plano gramatical, codifica a ligação e hierarquia sintática entre as orações; e também desempenha função relevante no plano discursivo-pragmático (uma intenção está embutida nesse uso).

(112) Os pretendentes das Cortes em seus requerimentos são como os nossos Argonautas, e primeiros descobridores da Índia: **senão que** navegam ao revez, e fazem a viagem ás aveças (Vieira, II, 89 *apud* Dias, 1959)

(113) Bom amigo é o gato, **senão que** arranha (Prov. *apud* Dias, 1959)

Assim, o resultado da mudança linguística nem sempre é o mesmo ou se encaixa no mesmo plano linguístico. Dias (1959), por exemplo, tratando da subordinação que envolve estrutura similar à *x-que*, descreve os seguintes casos de orações substantivas:

(114) **Semelhava que** todos os fundamentos da terra se moviam (Vis. de Tundalo *apud* Dias, 1959).

(115) ...acertou **assi que** aquella hora chegava hu cavalleiro... (Bern.Rib., Men.38 *apud* Dias, 1959)

No exemplo (114), tem-se um verbo (semelhar) seguido de uma conjunção integrante que introduz os argumentos desse verbo. A função dessa oração é similar àquela desempenhada hoje pelo verbo *parecer*, um epistêmico modal. A intenção é codificar uma impressão, uma avaliação sobre um fato observado. Portanto, *semelhar* está empregado em seu sentido e função mais abstratizados. O exemplo (115), por sua vez, traz as palavras *assim* e *que* como itens de orações distintas. Com a mudança da pausa que era feita entre esses itens, uma reanálise pode ser propiciada, desencadeando o surgimento da locução *assim que*. Semelhante a esse caso, teremos as locuções *ainda mal*, *ainda bem*, *felizmente que*, *visto que*, *posto que*, *excepto que*, *salvo que*, *não obstante que*, *não embargante que*, etc. – segundo o autor, introdutoras de sujeito

oracional. A esse respeito, Dias (1959:329) observa que no português é possível que uma oração adverbial se separe de sua subordinante gerando uma leitura ambígua: um advérbio em última posição de uma oração e a palavra *que*, primeiro elemento da oração seguinte, integram-se em uma nova locução.

Portanto, uma oração adverbial e sua subordinante, desde que tenham sujeito comum, propiciam contexto favorável para uma mudança de fronteira sintática.

Nas situações em que o usuário da língua pretendesse sinalizar que estava ali uma *exceção a uma hipótese*, deveria incluir a locução *a menos que*⁷⁰ e, se a intenção fosse sinalizar a *condição de validade de um enunciado* contido na oração subordinante, então as locuções ideais seriam: *contanto que*, *uma vez que (raro)*, *a tanto que*, *em tal que*, *com tal que*, *posto que*.

(116) E o dito Senhor lha perdoou **com tanto que** fosse estar em a nossa cidade de Cepta dous anos (Doc. de 1439, Docum. das Chancel. Reaes, 99 *apud* Dias, 1959)

(117) **Pôsto que** não respondeu à minha última carta, não tornarei a escrever-lhe. (*apud* Barreto, 1944)

(118) Está **posto em razão que** quem fêz muitos pobres lhes fizesse casa onde os recolher” (Pe. Manuel Bernardes, Nova Floresta, I, 144 *apud* Barreto, 1944)

No exemplo (116), a ação de perdoar era condicionada à realização de uma segunda ação. Portanto, a locução *com tanto que* revela a imposição de uma condição necessária a uma outra ação ser realizada. Duas funções novamente se revelam: conectar e hierarquizar orações; condicionar a realização de uma ação à de outra. A intenção do falante novamente é, assim, codificada.

Sobre a locução *posto que*, Mário Barreto alerta que, no período em que escreveu o livro (por volta de 1929), testemunhava um valor inovador: o causal, enquanto seu uso clássico seria concessivo. Para

70 O autor não cita exemplo desse uso no português antigo.

afirmar isso, o autor baseia-se nos usos castelhanos, citando exemplo de Cervantes: “Puesto que no há contestado mi última carta, no volveré á escribirle.” (concessivo - Barreto, 1944, p. 267). Quanto ao fato de uma conjunção também desenvolver a função discursivo-pragmática, não há estranhamento algum; o mesmo não se refere à rota que dessa observação se depreende: concessiva > causal. Seria de fato a causal derivada da concessiva? Ou seria a elisão de informações o mecanismo que tivesse providenciado essa nova função?

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que algumas locuções sinalizam a codificação sintática de uma intenção (dúvida, incerteza, avaliação, validação, imposição etc.), enquanto outras parecem sinalizar exclusivamente a relação sintático-semântica estabelecida entre as duas porções linguísticas (causa⁷¹, consequência, finalidade⁷², concessividade⁷³, etc.).

No que se refere às concessivas, Dias (1959) apresenta duas observações muito importantes para se compreender a dinâmica da variação e da mudança linguística, incluindo-se aí processos de gramaticalização. Ele se refere ao fato de uma locução concessiva ser associada à língua falada (é o caso de *nem que*) e outra (*embora*) ter seu uso locucional (*embora que*) considerado incorreto. Talvez esta última observação esteja relacionada ao fato de que “em boa hora” tenha sido associado

71 São locuções de causa no português antigo: *não que, já que, uma vez que, visto que (visto como), pois que, por isso que* (introduzem a justificativa do enunciado subordinante); *como quer que* (com significação mais vaga), e *foi que, foi o caso que*.

72 São conjunções de finalidade: *para que (pera que no port. arc), porque (arc.), por tal que (arc.), que* (antecedido por expressões como *não falta muito, falta pouco*).

73 São locuções concessivas: *ainda que, inda que* (figura tanto na oração indicadora da realidade quanto na do caso suposto), *que* (=ainda que) e *nem que* (mais na conversação), *em que* (=ainda que) hoje mantém-se na expressão *em que pese a; bem que, se bem que* (introduz o fato ligado à realidade); *conquanto* (introduz o fato da realidade e indica a contraposição com o outro fato suposto); *posto que* (=ainda que); *dado que* (introduz o fato que tem que ser admitido); *embora* (indica a indiferença da ação codificada na oração concessiva); *comtudo, pero* em frases imperativas e permissivas, como “gigantes e muy forte, *pero* (comtudo) nó era cruel (Lenda)”, poderiam gerar um sentido concessivo também.

aos contextos em que se expressava um voto ou um desejo, e a adição de uma partícula *que* (irrealis) tornaria o evento redundante para os padrões normativos. Explicarei de outra forma: *em boa hora* já se gramaticalizara nesses contextos, carregando o sentido volitivo como intenção codificada. A «incorreção do uso» sugerida pelo autor pode, na verdade, ser uma pista de que um *bleaching* já estivesse ocorrendo em determinados contextos, como os que denotavam volição, daí a necessidade de reforço. A primeira observação, em contrapartida, deve ser incluída entre os alertas de que um uso inovador fora citado.

Por algum motivo que me foge à compreensão neste momento, as concessivas são superprodutivas no português. A constatação de superprodutividade é verificada, inclusive, com a renovação de estruturas x-que. Muitos usos concessivos arcaicos são abandonados ou, como preferem os autores consultados, “perdidos” em favor de novas estruturas x-que. Retomemos alguns desses casos: *mas que* (=embora); *caso que*, *dado caso que* (=ainda que), *sobre que* (ainda que), *pero que*, *empero*, *se*, *em como quer que*, *como quer que*, *sem embargo que*, *não embargando que*, *não embargante que* (= ainda que – arcaico). Dado seu alto grau de abstratização, torna-se às vezes até mesmo difícil a identificação desses valores nos textos arcaicos. Certamente, é uma tarefa que exige um exercício de imersão no contexto discursivo-pragmático de então. Esta é a razão por que nem sempre é possível perceber que algumas locuções *ainda que*, *se bem que*, *posto que* (=contudo) pudessem ser empregadas com o intuito de restringir ou retificar, segundo o autor consultado, a asserção precedente: trata-se de uma língua antiga, com uma codificação sintática opaca para os usuários da língua atual. Reconhece-se a função gramatical, mas não se reconhece com a mesma facilidade a função discursivo-pragmática.

Durante a elaboração desta seção, estranhei o fato de que Dias (1959), estudioso perspicaz, não tivesse incluído uma lista de conjunções temporais, cujo valor é base de desenvolvimento de uma porção de outras conjunções. Em tendo um valor mais básico, também se-

riam mais facilmente reconhecidas. Ao analisar a lista das consecutivas, contudo, verifiquei que coincidem, em grande medida, com as que são classificadas classicamente como temporais: *logo que*, *assim que*, *imediatamente que*. Intrigou-me, sobremaneira, esse fato. Estaria Dias (1959) demonstrando que consecutivas seriam mais básicas do que as temporais? Analisemos as diferenças entre esses valores.

A consecutividade pode revelar: uma sequência de ações/eventos, uma consequência ou efeito de uma ação/evento e, ainda, mais abstratamente, denunciar um objetivo ou finalidade de uma ação/evento (vide exemplo 119).

(119) O menino estudou muito; ingressou na faculdade. (estudar e entrar na faculdade são eventos sequenciados no período).

(120) O menino estudou tanto / que ingressou na faculdade. (consequência do esforço expresso no tempo da primeira oração: entrou na faculdade)

(121) O menino estudou / tanto que ingressou na faculdade (causal: entrara na faculdade. A oração 2 é a prova cabal do fato expresso na oração 1)

As temporais (vide exemplo 120), diversamente, tem uma função mais gramatical, pois atuam como delimitadoras ou explicitadoras do tempo em que ação de outra oração ocorre. O que antes era consecutiva (em cuja base está a sequência ação-efeito da ação numa linha temporal icônica ‘antes-depois’) passa a sinalizar o tempo e esforço necessários para a realização de um evento/ação (tempo simultâneo, posterior, anterior) codificado em outra oração. O período é, em suma, uma combinação de duas orações: uma de evento e outra, do tempo do evento. Trata-se claramente de gramaticalização de combinação de orações. O rompimento da fronteira sintática permite a leitura da 2ª oração como prova cabal do fato expresso na 1ª oração (vide exemplo 121).

Nos livros consultados, há relatada a evolução de verbos no participípio presente que foram reanalisados historicamente como preposições ou adjetivos. As consequências disso são mudanças em cascata

atingindo todas as funções anteriormente usuais, as quais podem simplesmente deixar de ser percebidas pelo usuário com o seu estatuto anterior. Significa que, se num primeiro momento, pode haver uma mudança contextualizada no uso específico de determinado item ou estrutura, depois esse mesmo efeito pode atingir uma série de outros itens que nem sequer estavam implicados nesses contextos específicos. De qualquer modo, não há como um sistema tão elaborado como o linguístico mudar-se sem que pistas restem nos usos correntes das línguas. Vejamos os seguintes exemplos do português antigo:

(122) E nom **embargante que** estas declarações sejam ambas pertencentes (V.Bemf., 17 *apud* Dias, 1959)

(123) ... não obstante que não tinha bós pés (Ceita, 125 *apud* Dias, 1959)⁷⁴

(124) ... **salvo que** ahí ... a injuria de godos respondia á injuria proferida por bocas de godos (Herc. Eur.103 *apud* Dias, 1959)

Embora todos os exemplos fossem analisados no passado como orações substantivas, hoje são interpretados com valores circunstanciais. Em (122), *embargante* é adjetivo e não compõe com a palavra *que* uma locução conjuntiva. Em (123) e (124), tem-se claramente uma locução conjuntiva de caráter circunstancial (obstante que, salvo que), embora no passado esses dois itens fossem lidos como unidades autônomas (verbo + conjunção integrante).

Durante a apresentação das seções antecedentes, fui deixando uma série de evidências assinaladas sobre a atuação dos mecanismos de mudança que envolvem as estruturas x-que. Depois, apresentei duas hipóteses plausíveis para sua gramaticalização em conjunção.

Até aqui, para dar conta disso, procedi ao reconhecimento histórico das conjunções com vistas a identificar processos atuantes já no

74 Os exemplos do autor não trazem uma extensão suficiente para que se pudesse observar se essa palavra *que* era uma conjunção integrante empregada em contexto de coordenação de duas subordinadas: verbo + que... e (verbo) + que... (hipotetizando, por exemplo: Ele *dise que* ela tinha um belo rosto **não obstante que** não tinha bons pés).

passado e, na seção seguinte, procederei à análise de várias descrições linguísticas que se fizeram do processo de gramaticalização de conjunções no português, com produção restrita a universidades e institutos de pesquisa paulistas. O intuito é identificar rotas de mudança desenhadas durante a atuação dos mecanismos metonímicos e metafóricos bem como verificar a procedência das duas hipóteses apresentadas.

É oportuno retomar os critérios para seleção dos dados que a partir daqui serão estudados em diversos trabalhos:

- d) analisar somente conjunções que ainda são mantidas em sua trajetória no português atual;
- e) analisar conjunções que tenham em sua base exclusivamente advérbios;
- f) analisar conjunções consideradas inovadoras na contemporaneidade;
- g) excluir conjunções que tenham em sua base verbos em suas variadas formas (embargante que, salvo que, posto que, visto que, exceto que, não obstante que, se é que, dado que, a não ser que, dado caso que, tomara que);
- h) excluir sequências que não mais são consideradas locucionais, como *porque*.

IV. Mecanismos sociocognitivos em atuação

Estudiosos do processo de gramaticalização fizeram diversas incursões em dados sincrônicos e diacrônicos com vistas a identificar os diversos padrões funcionais ligados a itens de variadas classes de palavras. Com base nesses estudos, tentarei identificar as rotas de mudança desenhadas pelos deslizamentos funcionais que provocam o distanciamento entre forma-fonte e função-meta, a exemplo do que fizeram Heine & Kuteva (2002).

A fim de discutir essas locuções nos estudos selecionados, lançarei mão de dados diacrônicos, oriundos das edições diplomáticas e semidiplomáticas, publicadas em forma de dissertação e tese em filologia, selecionadas como *corpus* (vide capítulo II). De modo complementar, consultarei a internet para, quando necessário, comparar frequências, por meio do *site* de busca *Google*. Os seguintes critérios organizarão os resultados da consulta:

- a) considerar somente páginas do Brasil;
- b) considerar informações relativas às últimas 24 horas do dia 28.08.2010;
- c) classificar os dados por relevância (e não por data).

As locuções serão apresentadas em ordem alfabética para facilitar a localização das mesmas em consultas rápidas.

a) **Ainda que**

Thomazi (2004) afirma que a palavra *ainda* passa de advérbio temporal a articulador textual, depois a intensificador e, também, a conjunção concessiva. Veja-se o exemplo conjuncional:

(125) Señor, muyto somos maravillados de nõ seerdes nembrado que somos homes de carne e de quanto affam a trabalho avemos levado; ca, **ainda que** fossemos de ferro, bem deveríamos seer cansados. (séc. XIV, *apud* Longhin-Thomazi, 2004)

(126) mas eu Repliquei, *que* os meyos *daminha* [corroído] | [ilegível]estavaõ arruinados pelo seo alicer=ce, *que* eu gastasse Com *aminha* | familia, *para* sima detrez mil Cruzados, cujos gastos hiaõ amais | Crescendo Com ella, *eque* não podia viver Com hum Lugar, *que* absor= | vendo=me todo *otempo*, edescanso, só me Renderia trezentos, etantos | mil *reis*, **ainda que** *Sua Alteza* me despaxace, aisto não teve o *General que* me | Responder; (Simões & Kewitz, 2006. Cartas paulistas da BNRJ, séc.XIX)

Visitando a análise oferecida pela autora, é possível desenhar o seguinte *continuum* de desenvolvimento: tempo (continuidade e futuro) > inclusão > intensificação > concessividade. Segundo a autora, do ponto de vista do plano elocucionário, pode-se depreender que a expectativa do locutor é manifestada no trecho sintaticamente codificado. Na verdade, mais do que expressão da expectativa, há a quebra da expectativa diante de uma situação hipotética e irreal, daí a presença da partícula *irrealis que* na locução.

Perguntemo-nos sobre a razão de se ter um intensificador como desenvolvimento de uma cena inclusiva. Haveria a necessidade de uma mutação metonímica, em cujo processo haveria a incorporação do valor intensificador e, em seguida, desobrigação de sintagmatização. A pista de que isso pode ter ocorrido está no seguinte dado do século XIII, presente na descrição de Thomazi:

(127) ...fala das primícias e das offerendas de que sse auidã muyto os clerigos, conuẽ de dizer em este dos dezemos, que é uma cousa apartada, de que sse ajuda **aynda mays** toda a igreja, ta bẽ os prellados mayores como os outros clerigos... (séc. XIII)

No século XIV, exemplos como esses não são frequentes. Identifiquei três similares ocorrências exclusivamente num documento, o que torna a generalização imprópria, já que pode haver algum traço de estilo envolvido. Não se configura, nesse caso, uma estrutura x-que:

(128) E passam aida demays em outra maneira quãdo mascabã seus dereytos aos outros prelados meores das igreias desse sseus bispados ley. xvij. En que cousas som os prelados **aynda mays** sobeios (Primeyra Partida, Afonso X, 1300. Fonte: corpusdoportuguês.org)

Outro contexto de emprego bastante interessante, mas pouco recorrente, foi localizado em documentos históricos paulistas do século XVIII. Trata-se de um elemento coesivo que marca o contraste, com equivalência a *apesar de tudo isso*:

(129) epegando tambem noPadre, não *para que* imaginaSse Eu offend[e]ria ao Indio como se| colhe daboa Rezaõ, Senão *para que* não chegaSse o Indio aofendello; **ainda contudo isto**, Seavançou ahul|pao dehu' paSageiro dizendo hera *para* Sedefender. (Cartas da Capitania de S.Paulo. Aldeamento de índios, 1735. Fonte: edição Simões & Kewitz, 2006)

Nos dois últimos exemplos identificados, não há a estrutura x-que correspondente (ainda que), mas o sentido contrastivo já está presente. Portanto, não se poderia atribuir à partícula *que* a responsabilidade pelo contraste operado. Seria, então, uma extensão metafórica a inclusão da partícula na locução *ainda que*?

Olhemos, agora, para dados do século XX, extraídos do Projeto Nurc-SP, por Ferreira (2006), os quais são organizados em dois padrões funcionais, dos quais somente um apresenta a estrutura x-que¹. Trata-se do **Ainda 6**, equivalente à locução *ainda que*, sinalizadora de relação de concessão: “Seu escopo é uma oração e admite as paráfrases

¹ O segundo estabelece a relação de reforço de uma contraposição (**Ainda 8**). Atuando como uma partícula sinalizadora de uma quebra de expectativa, admite paráfrases, como *mesmo assim, apesar disso, a despeito disso*. Exemplo: ... *bom eu gosto muito de Veja... ou da revista Veja... eu sou assinante ... eu sou leitor sistemático... acredito que quando leio pouco leio setenta e cinco por cento portanto três quartos do conteúdo da revista...mesmo de assuntos que aparentemente eu não leio nos jornais...são determinadas partes que afastam-se assim daquele meu ramo de interesse mas **ainda** assim acabo lendo na Veja...* (Português culto, p. 126. Fonte: Ferreira, 2006)

apesar de, mesmo que. Sua relevância é sintática posto que sofre decategorização de advérbio > conjunção”, conforme exemplificado a seguir:

(130) ...o nome de propriedade era o nome do antigo proprietário... então nessas condições havia que se mudar o nome...meu sogro foi imediatamente chamado para residir como primeiro morador **ainda que** nós tivéssemos condições de pagar um caseiro que lá existia mas o sogro estava... estabelecido num sítio... (Português culto, p. 108. Fonte: Ferreira, 2006)

Rastreando no *google* esse tipo de construção, para localizar se haveria algum dado que pudesse conter uma informação interpolando *ainda* e *que*, primeiro verifiquei que a construção *ainda que* tem uma frequência *token* alta sem intermediação de informações: aproximadamente 780.000 resultados (0,11 segundos). Avaliar, contudo, a frequência *type* não foi possível, pois dois padrões funcionais dessa construção enviesariam os resultados finais da análise: trata-se da interpolação pelo advérbio *mais* (resultado: aproximadamente 133 resultados – 0,21 segundos).

(131) Hoje, amo-te ainda mais que ontem. Você está em tudo que vivo) (<http://www.mensagensdeamizadecamor.com>, consultada em 28.08.2010)

(132) O duelo entre as duas seleções que disputaram a final do mundial de 1966 deverá ser o melhor nos campos da África do Sul na primeira rodada eliminatória. **Ainda mais que** as duas equipes mostraram nesta quarta-feira que estão em evolução na competição. (Jornal do Brasil – on line, consultado em 28.08.2010)

No exemplo (131), encontra-se um padrão funcional em que *ainda mais* integra a primeira oração e a palavra *que* inicia a segunda oração. O valor semântico que relaciona as duas orações é o comparativo, e a segunda oração, dada a alta integração sintática, tem o verbo nuclear elidido. Já, no exemplo (132), tem-se um operador argumentativo já totalmente cristalizado com a função de introduzir um argumento

vital e definitivo para a tese defendida. No sistema de busca, contudo, não há como diferenciar esses usos, razão pela qual ignoramos sua frequência. O primeiro tipo de uso sempre vem expresso ao final da oração, enquanto o segundo sempre encabeça a oração.

A *rota* que **ainda que** desenha com essa evolução pode ser assim sintetizada: tempo (continuidade e futuro) > inclusão > intensificação > concessividade. Em Heine & Kuteva (2002), a função concessiva é correlacionada às funções temporal (alemão, baka, búlgaro) e condicional (inglês).

b) Antes que

O item *antes* é associado etimologicamente a duas raízes históricas, ambas latinas. Havia já em latim a preposição *ante* (valor semântico: diante de, na presença de, mais, antes, de preferência a) e o advérbio de tempo, significando ‘anteriormente, antes’. Esses dois itens no latim indicam que naquela língua já havia se gramaticalizado em preposição.

A forma do português que evolui para conjunção é a forma adverbial, que segue nova rota de gramaticalização, conforme os documentos podem atestar para a modalidade escrita:

(133) este Autor, que os antigos Romanos lhe chamavão, < Salatia, ae. Fem. >” * ALCACER, “Alcácer. Vid. Alcaçar; & acharàs Alcacer Quivir, & Alcacer do sal.” * ALCACER, “Alcacer. Em algumas partes do Alemejo, he o nome de varias ervas, como Balanco, Erva Triga, & outras, que nacam nas terras, & servem de pasto ao Gado He tomado do Castelhana < Alcacel, > que (segundo Diogo de Urrea) se deriva do Arabigo, “Casele”, que significa não deixar crescer, nem sazonar; & em Castella Alcacel se toma pella cevada verde, **antes que** acabe de espigar, & se costuma segar para engordar, & purgar as bestas, & os Cavallos. Vid. Ferrãa.” * ALCACHOFRA, Alcachôfra, ou Alcachofre. Planta conhecida < Cinará, ae. Fem. Columel lib. II. cap. 3. & Plin. Hist. Carduus Sativus, i. Masc. > § O fruto da alcachofra podese chamar < Cinarae caput, > por se lhe não darẽ nomes, que para significar este fruto não se achão em bons Autores Latinos, como < Conus, Stribilus, Cocalus, Arcocalus, Articolalus, &c. (*apud* Raphael Bluteau. Corpus Diacrônico, www.corpusdoportugues.com, consultado em 28.08.2010)

(134) RecolhendoSe *para avilla* mediSe já Setinha tirado omenino, *equ*e logo chegava; d[isto] dey *parte* aSua exçelencia eComo naõ cheguaçe, *odito* mefoy pReçizo [mandar] a

Antonio Joseph Eoutra peSoa, atraS [doSugeito] eabacho dabarra deSoroCa[ba], m[eí]o dia deviage alcansaraõ omoSso, etrouxeraõ odito menino, que Seacha emCaza doCapitam Mor Manoel deSam Payo. **antes que** tenha outra, Como eSta, fora de pareSer, pediSe, aoexcellentissimo Senhor Conde lhemandaçe dar para oCriar, queComo não tem May CareSe detertrato, e eSte S[êr]² quem lhedoy. eobom he crialo depequeno Comadourina emque hade ficar. eordenando odito Senhor que oReColha, venha logo buscar que nenhu aduvida hã emSeentregar, e devame vossamerce eSte trabalho, porlhedizer que atal crianSa não hia, para oCuyava, fico paraServir avossamerce aquem Deos guarde araritaguaava 30 de Setembro de1733 annoz (Edição das cartas da capitania de são Paulo. Aldeamento de índios - século xviii e xix, editadas por Simões e Kewitz, 2006.)

(135) Dis Frei Thomas do Santo Antonio Religiozo SeRa fico, e Superior da Aldeya de Nossa Senhora da Escada, que para bem de sua Justiça ejustificaçam deSua verdade perante o Excelentissimo Senhor Conde lhe hê neceSsario hua' Certidam devossamerces em que ConSte a forma emque eStava adita Aldeya **anteS que** elle, e seu companheiro focem aSistir nella, por mandado do seu Provincial, eordem do Excelentissimo Senhor, eõmodo em que de prezente seacha adita Aldeya SeCom menos; (1733 - Edição das cartas da capitania de são Paulo. Aldeamento de índios - século xviii e xix, editadas por Simões e Kewitz, 2006.)

A maioria dos dados diacrônicos apresenta locuções conjuntivas de valor temporal combinadas com o modo subjuntivo, por sinalizar: uma ação/evento que ainda não ocorreu, mas que é previsível que ocorra num momento futuro ou uma ação/evento certo, mas ainda não ocorrido (exemplos 133 a 135). Somente um dado revelou comportamento diferente, combinando-se com indicativo e ação realizada no passado, como se significasse “antes disso o afrontou com palavras” ou “ao invés disso o afrontou com palavras” num texto de tipo narrativo. Não se trata, portanto, de uma conjunção de mesma função que as dos exemplos anteriores.

(136) Naõ sómente foraõ estes dous casados ricos dos bens da graça, como escolhidos para immediatos Avós de Deos, mas tambem dos da fortuna, cujos frutos dividiaõ em tres partes, huma dava aos pobres, outra applicavaõ para o serviço do Templo, e reservavaõ outra para os moderados gastos de sua casa. Havia 20 annos que eraõ casados, e careciã-o do dom de secundidade, rogaraõ a Deos por succestaõ, e fizeraõ voto de dedicar ao serviço do Templo

2 Sugestão do paleógrafo do AHESP.

o filho que tivessem. Hum dia estando Joachim para oferecer sacrificio, o não consentio o Sacerdote, **antes que** o afrontou de palavras, e como se o ser esteril fosse culpa, o mandou sair do Templo. Consuso, e envergonhado se foy a hum lugar retirado, fez oração a Deos, representou - lhe a sua aflicção, e retificou o voto. Apareceo lhe o Anjo S. Gabriel, e lhe disse, que havia de ter huma filha, a que chamaria Maria e ao mesmo tempo appareceo tambem a sua Esposa, que estava a mesma oração e lhe annunciou tambem o mesmo. Muitos (Frei Manoel da Mealhada, 1760, *Corpus Diacrónico*, www.corpusdoportugues.com, consultado em 28.08.2010)

Sincronicamente, com dados de língua falada de João Pessoa, encontrei um exemplo que se aproximava sobremaneira do caso diacrônico duvidoso quanto à interpretação (exemplo 136). É também texto de tipo narrativo em que os itens *antes* e *que* são sequenciados, porém sem integrar a mesma oração:

(137) Agora deixe ele no grau”. Eu: “deixe comigo”. “Rapai, empanei e lá vai”. Quando ela veio olhar, disse: “Pôxa, tá legal! gostei, Josias. Você disse que - se você tivesse dito **antes que** sabia fazer isso, eu tinha já mandado você fazer muitas vezes”. Eu disse: “Não, eu sou aqui ajudante, num sou auxiliar não”. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Encontrar esse dado e analisá-lo fez com que eu o relacionasse com a estrutura do exemplo (136). Uma nova interpretação foi possibilitada então: a palavra *que* seria um complementizador do verbo *consentir* (em seu valor de *dicendi*) e o advérbio *antes* nada mais seria do que um modificador do verbo *consentir*. Se esse raciocínio estiver correto, então não se trataria de locução conjuntiva, mas de unidades pertencentes a orações distintas.

Procedi, depois, a um rastreamento no *google* para conhecer a frequência *token* (aproximadamente 25,500 resultados em 0,11 segundos) e os padrões funcionais que, porventura, estivessem correlacionados a essa construção. Esse resultado parece tornar o item *antes que* muito menos produtivo e frequente do que *ainda que*. Em cada página de resultados, 10 dados são apresentados. De um total de 3 páginas (30 dados) somente um fugia ao padrão

funcional conjuntivo. Tratava-se de um advérbio temporal interpolado entre o verbo e seu complementizador, a palavra *que*, conforme segue:

(138) Por isso que defendo que, antes de falarmos de batismo, seja ele infantil ou não, é preciso, **antes, que** se defina o conceito de igreja e sua relação com o antigo povo de Israel. (Extraído do site: <http://www.eleitosededeus.org/batismo-infantil/batismo-infantil-parte-v-igreja-novo-testamento-igual-igreja-antigo-testamento-heitor-alves.html>, consultado em 28.08.2010)

A rota desenhada por **antes que** nessa evolução pode ser assim sintetizada: tempo (ação anterior a outra ação/evento) > focalização da **priorização de uma ação** (> imperativo? : Antes que deite, feche a porta).

A esse respeito, Heine e Kuteva (2002) não explicitam nenhuma rota de mudança, o que confirma a intuição que tenho após a análise dos dados, pois notei que de tempo anterior a locução passa a sinalizar, na combinação de orações, a priorização de uma das ações sequenciadas temporalmente. Não há, assim, mudança tão nítida em termos de categoria cognitiva.

c) Assim que

O advérbio *assim*, de origem latina, deriva de *ad* (prep.) ‘direção, movimento, aproximação etc.’ + *sic* (adv.) ‘assim, deste modo’. Segundo Houaiss & Villar (2001), é empregado como advérbio desde a fase mais antiga do português, e somente no século XV (temporal) passa a assumir sua função conjuncional. Isso foi ratificado pelos autores consultados durante a organização das locuções diacronicamente. O que não fica tão claro é que etimologicamente *assim* indica uma imediatez locativo-temporal que lhe permite funcionar como anáfora. Se combinado a subjuntivo, sinaliza-se a presença de uma volição (cf. Moraes Silva, 1789).

Estudando a gramaticalização desse item, Longhin-Thomazi (2006) desenha a seguinte rota do advérbio *assim*: advérbio catafórico > marcador discursivo. Retomemos alguns dados históricos (século a século) para referendar essa rota e identificar possíveis mecanismos motivadores dessa mudança.

(138) Depois que viu aquela morte meteu mão aa sua espada e eu meti aa minha e matei-o. E eu estando catando-o sobreveo i meu irmão, o conde de Geer, e trouxe-me mal e matei-o. Todo este mal que te eu digo, eu hei feito em ûú soo dia. Ora me conselha, padre santo, ca já tam grande pendenza nom me darás que a eu nom tenha.” Todo esto dizia nas leteras que o cavaleiro tiinha quando morreo. Depois que el-rei leeu as leteras, **assim que** as ouvia Galaaz e os outros homêes que com el eram, disse: Ora podemos saber por que este cavaleiro morreo tam cruelmente. (Demanda do Santo Graal, XV, www.corpusdoportugues.com, consultado em 28.08.2010)

(139) E primeiramente de suprir, como costumava, a falta da língua, não usando tão claramente do dom que se cuida tinha, para que não desanimasse aos companheiros, parecendo-lhes que só podia ir pregar ao Japão quem o tivesse, mas estudando-a e decorando-a com grande aplicação e cuidado, para facilitar com seu exemplo este tão grande trabalho a todos os que depois viessem, como quem não trazia mais os olhos em ajudar aos japões, que em nos edificar a nós. **Assim que**, servindo-se da interpretação de Paulo de Santa Fé, tresladou o melhor que pôde na linguagem de Japão aquela sua doutrina de que tantas vezes falamos, estendendo-se algum tanto mais no que tocava à criação do mundo, imortalidade das almas, necessidade da encarnação do acerbo para remédio do pecado, vida, paixão, morte, ressurreição e gloriosa ascensão de Cristo, por o pedir assim a vantagem que os japões fazem a todo o gentio do Oriente na habilidade e curiosidade. (Historia da vida do Padre S. Francisco Xavier, 1600, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(140) E aos vencedores do torneio dava duas peças, espada e escudo; e ao melhor justador de ambas as justas, uma das suas espadas, que eram de tanto preço, que o não tinham. **Assim que** por esta causa vinham muitos cavaleiros a corte. E entre todos veio Cantim de Lorbem e Panflores, que eram idos a um caso, que tinham por fazer. E quando souberam as cousas passadas ficaram mui tristes por não serem presentes a elas. (Crónica do imperador Clarimundo, João de Barros, 1520, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(141) Assim que o meu pleito todo é em Roma com os ministros romanos, não entrando para mal nem para bem nesta causa os ministros de Portugal; com que fica totalmente cessando o reparo que S. A. tinha de que a autoridade do seu embaixador se interpusesse a favor deste negócio, e é tanto assim que o mesmo inquisidor Alexandre da Silva, por cujas mãos correu toda a causa, me exortou e aconselhou que assim o fizesse, alegando muitos exemplos de que os inquisidores não tiveram sentimento algum, pois não ofende seu crédito e autoridade que o Papa desfaça, ouvindo a parte, o que o mesmo ou outro Papa fez, não a ouvindo. (Pe. Antonio Vieira, Cartas, 1626-1692, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(142) Almirante “Derivase do Arabigo, C# Almirale, P# que val tanto como Príncipe, ou General do mar ou segundo outra etymologia, Almirante se deriva do Arabico C# Amir, P# que quer dizer senhor, & do Grego C# Alios, P# q val o mesmo q Marinho, ou cousa do mar Mas parece inutil esta curiosidade, porq L# Amiralius, Admiralius, & Admiralis P# dos quaes se deriva Almirante, não eraõ titulos de dignidade maritima, mas davaõse a Governadores, & Senhores de terras, particularmête em Turquia, & varias partes da Asia, tãto assim que Huntindoniense, que floreceo no tempo del-Rey Estevaõ nos annos do Senhor 1148. chama ao Principe de Baylonia L# Amiralius; (apud Bluteau, séc. XVIII, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(143) A cortesã estranhou a visita, mas não menos a estimou por isso, abençoando instintivamente do fundo da alma a morte da outra, que lhe restituía o amante. Foi assim que Teobaldo voltou aos braços dela, entregando-se como por castigo, como para cumprir uma penitência, em honra à memória de Ernestina. (Aluísio Azevedo, A coruja, XIX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(144) Não faltariam braços que o levassem para um gabinete, já morto, totalmente morto. “ Tal qual a morte de César “, ia dizendo consigo. E logo emendou: “ Não, melhor que ela; sem ameaça, nem armas, nem sangue, uma simples queda e o fim. Não sentiria nada “ Cordovil deu consigo a rir ou a sorrir, alguma cousa que afastava o terror e deixava a sensação da liberdade. Em verdade, antes a morte assim que após longos dias ou longos meses e anos, como o adversário que perdera algumas horas antes. (Machado de Assis, Marcha fúnebre, séc. XIX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(145) Quando leio um script, tento ficar me imaginando como a personagem. Interpretar é fingir ser alguém e, se não me vejo como essa outra pessoa, recuso o convite. É mais ou menos assim que escolho meus papéis. Mas isso não quer dizer que recebo cem propostas por dia. (Entrevista, séc. XX, Ana Pacin, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(146) Somos amigos há 20 anos. Conhecemo-nos quando ele foi ao Brasil promover Touro Indomável do Martin Scorsese. Assim que cheguei, liguei para ele em Nova York. E há duas semanas ele veio a Malibu e convidou-nos para passar o dia com ele e seu filho Rafael,

na praia. (Entrevista, Neville de Almeida, XX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(147) Parto do pressuposto de que, em determinado momento, elas têm um objetivo, e, se aquele objetivo não vingar, então, elas partem para outro. Portanto, honestamente, acho que Ciro Gomes está apostando nesta possibilidade. Tanto é assim que está se mexendo. Principalmente de uns 15 a 20 dias, tem entrado cada vez mais em um projeto presidencial. (Entrevista, Byron Sarinho, XX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(148) E foi com espanto que o pobre homem ouviu o peixe dizer: - Inácio Peroba, se prometeres trazer-me o que encontrares quando chegares à casa, lança as redes na água. Peroba prometeu, lembrando-se que, assim que chegava, de volta da pesca, a primeira coisa que lhe aparecia era a cadelinha Mimosa. Atirou as redes, e recolheu tanto peixe, tanto, que encheu a embarcação. (Alberto Figueiredo Pimentel. Histórias da Avozinha. XIX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(149) Ainda no outro dia, aquela grande desgraça dos oito pescadores que naufragaram.. Muita pena teve Cecília, quando as folhas contaram de um que deixou uma criancinha órfã! Pobre Cecília.. Tem um coração.. Coitada.. É um anjo.. Assim que me lembro daquela tristeza em que anda.. E aí estava a ideia fixa com ele! Parece que ela própria fora a que dispusera esta fileira de ideias associadas, para conduzir a si o pensamento. (Julio Dinis, Uma família inglesa, XIX, www.corpusdoportuguês.com, consultado em 28.08.2010)

(150) Dizeme naó ser posivel; tendo experiencia delle ser taó dezatento *que* nesta Aldeia diante do vezitador da *Companhia*, eoSubprior da Aldeia de *São Joseph* atirou a hu' homem, *que* por lhenaó apegar fogo aespingarda, o naó matou; E agora a[p]ar[s]eo com ella *para* Seconhecer averdade detudo. [espaço] **Assim que** logo Sepos asalvo hindo queixarse a *Vossa* Excellencia antes *que* Eu ofizeSse. (Edição das cartas da capitania de São Paulo, 1736. Aldeamento de índios - século xviii e xix, Simões e kewitz, 2006)

(151) O que participo a *Vossa Senhoria* para|[ilegível]|sua intelligencia, **assim como que** este objecto fica|dependente de Resoluçãõ da Assembleá Geral Legis=|lativa.|Deus Guarde a *Vossa Senhoria* Palacio do Rio de Janeiro=|ro em 18 de Março de 1829.!.|Joze Clemente Pereira|*Senhor* José Arouche de Toledo| Rendon. (Cencic – Faculdade de Direito -séc. 19)

Nos exemplos anteriores ao século XVII, os itens sublinhados remetem a uma interpretação “desse modo que” com função de simultaneidade ou imediatez temporal (vide exemplos 138, 139, 140, 146, 148, 150). Muitos dos exemplos listados, a partir do século XVII, remetem a uma estrutura com verbo de ligação num emprego típico de focalização (**foi assim que**, **é assim que**), e sinalizam que uma prova irrefutável

será apresentada. (vide exemplos 141, 142, 143, 145, 147). Se o tempo do verbo de ligação estiver no presente do indicativo, admite-se o emprego de *tanto* na expressão: é tanto que, com função argumentativa. Em alguns dados, leitura similar é possível mesmo sem a presença do verbo de ligação (vide exemplo 149). Fogem a esse padrão os exemplos (144) e (151), os quais permitem a leitura de base comparativa.

Em alguns exemplos, consegue-se perceber que elementos estão elípticos e podem ser recuperados. No exemplo (144), “antes a morte (seja) **assim** (do) **que** após longos dias ou longos meses e anos”, combinam-se modo e comparação. Em (145), “é mais ou menos desse modo que escolho”, combinam-se modo e estrutura relativa. Em (150), junto à expressão sob análise, que significa *desse modo é que*, há um advérbio de tempo ‘logo’, que poderia ser um reforço da imediatez implicada e à época não tão nítida como no passado. Em (151), *do mesmo modo que é* paráfrase requerida. Todos esses usos vão conviver nas fases posteriores ao século XVII.

Nas transcrições de língua falada do século XX, usos mais abstratos são reconhecidos. Trata-se dos casos estudados por Longhin-Thomazi como os mais abstratizados: são os marcadores discursivos (ex. 153). Convivem com ele dados que trazem pistas de suas funções anteriores. O exemplo (152) apresenta a imediatez de realização da ação numa estruturação que ainda recorda a construção relativa, que no exemplo (154) é bastante nítida, embora favoreça uma leitura ambígua que casa estruturas do exemplo (152) e (153).

(152) B: 2-4653.

F.: Como vae?

B: Bem, e você? Escuta, já estão prontas as copias?

F: Ainda não, ficaram prontas, mais **assim que** fique, eu me comunico com você. Qual é seu telefone?

B: 4-6151 ramal 493.

F: **Assim que** fiquem prontas, eu aviso. (DEOPS, escutas telefônicas – Oliveira, 2010)

(153) Tem, o credito. Só mudao + o presidente. Mudao os presidenteo. Se PC + que PC + eu vi na televisão, sabe, que esse tal de PC é uma boa pessoa assim, eu escutei por alto **assim que** ele tem muito dinheoro, aí eu acho que ele + só escutei por alto, assim, o que ele tava passanoo. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

(154) Aí disse: “Não, depois você me apresenta ele, num tenho interesse com isso, não”. Aí foi ela me chamôø, né? na mesma hora **assim que** ela acabôø de dizêø aí me chamôø eu já ia já entranøo na biblioteca. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Procedendo a um rastreamento no *google*, os resultados foram os seguintes: aproximadamente 895.000 resultados (em 0,12 segundos). Analisei os dados contidos nas 5 primeiras páginas de resultados e ratifiquei que todas as funções identificadas nos dados diacrônicos apresentam-se antes mesmo que a página 5 se conclua (dentre os 50 dados mais recorrentes): locução conjuntiva temporal (ex.155), marcador discursivo (ex. 156) e resumitivo em texto narrativo (ex. 157) e sinalizador de argumento irrefutável (ex. 158).

(155) [ROUTE CUSTOM](#)

18 horas atrás - **Assim que** finalizar a compra, você poderá escolher qual a forma que mais lhe agrada. Demais instruções serão passadas após a escolha da forma de pagamento. ... loja.routecustom.com.br/ecommerce_site/index.php?pg...idpag...

(156) [I'm a pornstar, but I love you - 9 - danyelakaulitz](#)

16 horas atrás - Os beijos já não eram **assim** tão inocentes como de início e a medida que o ... Apenas tivera um namorado, que namorou durante 3 longos anos, mas assim que ... danyelakaulitz.blogs.sapo.pt/17466.html

(157) [Ídolos dão conselhos para Grêmio superar mau momento - EXPRESSOMT ...](#)

11 horas atrás - Eu almoçava com minha esposa na casa do Tadeu Ricci, do Éder e **assim** por diante. ... Foi **assim que** joguei 13 anos no Grêmio e fui campeão em 12. ... www.expressomt.com.br/noticia.asp?cod=88474&codDep=4

(158) [Pedro Neto](#)

15 horas atrás - **Tanto é assim que** ele sacou Fábio Oliveira e colocou em campo Fábio Neves. Creio que poderíamos ter saído daqui com uma vitória. Infelizmente ela não veio, ... blog.tribunadonorte.com.br/pedroneto/ - [Em cache](#)

“Realmente nossa equipe foi melhor no segundo tempo, após a entrada de Fábio Neves. Nossos jogadores sentiram muito o campo de jogo que é muito duro. Lula fez uma leitura perfeita do jogo no intervalo. **Tanto é assim** que ele sacou Fábio Oliveira e colocou em campo Fábio Neves. Creio que poderíamos ter saído daqui com uma vitória. Infelizmente ela não veio, mas acredito que em Natal na terça-feira com o apoio do nosso torcedor poderemos vencer o ASA”, finalizou Carlos Moura.

A rota desenhada por **assim que** nessa evolução pode ser da seguinte forma sintetizada: espaço-tempo (modo similar) > sinalizador de tempo imediato (em momentos similares) > resumitivo de um fato relatado (síntese de algo similar dito antes) > marcador de argumento irrefutável (ideias similares) > marcador discursivo³.

A esse respeito, Heine e Kuteva (2002) apresentam uma rota de desenvolvimento a partir de modo: manner > simile > complementizer .

d) Até que

O item *até* é listado normativamente dentre as preposições, caracterizando-se pelo traço [+dinamicidade] e vincula-se à ideia de “chegada ao limite”. Também pode ser associado à categoria de advérbio, semanticamente ligado à ideia de inclusão (Bechara, 2005). Dessas observações, podemos aplicar uma organização unidirecional

3 Como o marcador não se codifica por meio de estrutura x-que, não o analisei neste estudo.

nos domínios gramatical e semântico: advérbio (inclusão) > preposição (delimitação).

Na perspectiva do uso, Neves (2000) demonstra que o item aparece como introdutor de complemento locativo de verbo e também como o elemento que estabelece relações semânticas de lugar, de tempo e de limite, tanto no sintagma verbal, quanto no sintagma nominal ou no adjetivo. Note-se que é uma descrição que privilegia várias esferas subjacentes ao uso: a esfera cognitiva (espaço > tempo), a esfera semântica (limite) e a esfera sintática (SN, SV, SAdj). Nem sempre, contudo, conseguimos precisar uma rota que integre essas esferas. Faremos um exercício com vistas a esse objetivo, então.

Deve-se ter em mente que a palavra *até* tem empreendido um rota de mudança bastante interessante a ponto de considerarmos que pelos menos duas rotas (tal como fez Haspelmath) podem explicar seu comportamento, mas essas rotas parecem não estar resolvidas no português. Todo item em mudança mantém uma coerência nos movimentos empreendidos, mas essa coerência nem sempre tem correlação com a grafia. Há fatos, contudo, cuja mudança gráfica também pode depor a favor de um processo de gramaticalização, pois em estágios bastante avançados a erosão fônica provoca uma representação gráfica diferente ou porque elidiu-se uma pausa entre uma preposição e um nome (gerando uma nova sequência) ou porque alterou-se a linha prosódica (provocando elisão de fonemas e até a inclusão de uma pausa com alteração de fronteira sintática).

A mudança gráfica da palavra *até* e também sua mudança funcional desde o latim pode ser depreendida da seguinte sequência: *ad tenes* > *atēes* > *atees* > *atēs* > *até* (Houaiss & Villar, 2001) ou *hac-tenus* > *hactenus* > *attens* > *até* > *té* (Pereira, 1935:559), em que se têm, numa primeira hipótese, *ad* que imprime o valor de proximidade e *tūnūs*, com um caráter locativo, o que provoca o deslizamento funcional para um delimitador temporal e, depois, para outras funções preponderan-

temente discursivo-pragmáticas; ou, numa segunda hipótese de desenvolvimento, *hac*, um advérbio de lugar aproximativo, ligado a *tūnūs*, de caráter locativo.

Não é difícil notar a ideia de *proximidade* ligada à ideia de *lugar* como tão próximas que pudessem ser reanalisadas em um só movimento como *limite*. Então, *limite* seria mais abstrato do que proximidade, que por sua vez é mais abstrato do que lugar. Como as mudanças são graduais, não foi difícil para Lima-Hernandes & Defendi (2009) encontrarem exemplares de cada uma dessas fases de desenvolvimento⁴.

Dado que meu foco de atenção é a estrutura x-que, recolherei alguns dados desse tipo de construção, que está correlacionado às funções mais abstratas elencadas pelas autoras: a conjunção e o marcador de função discursiva⁵:

(159) Os no= | os amigos, principalmente o Reverendo Doutor Francisco Vieira Goulart, Naturalis= | ta nesta Capitania, oqual vindo Com o Ex.mo Bispo, he hoje muito da amizade | do Ex.mo General eoactual Escrivam daReal Junta da Fazenda, Joaõ Vicente | daFonseca, vendo os meos servissos, assiduamente me increpavaõ, de | naõ querer eu Representallos aSua Alteza, eRequerer aConfirma= | çãõ deste Commando, **athe, que** o alcançaraõ, sendo percizo, *que* decorrecem | oito mezes, *para* meRezolver; [Q](conjunção subordinativa, *apud* Lima-Hernandes & Defendi, 1999)

(160) Se os nossos Legisladores naõ forem fazendo parcialmente as reformas uteis, parcialmente derribando as arbitrariedades particulares, com gigantescas de reformas geraes, bõa vai ella e nem nos dõa a cabeça **até que** cheguem essas prometidas reformas

4 As autoras identificaram as seguintes funções para os padrões funcionais de *até*: advérbio de espaço físico e de tempo, delimitador subordinativo (delimita o tempo pelo tempo de conclusão de um evento), conjunção subordinativa, preposição delimitativa e marcador de intenções discursivas.

5 Muitas são as ocorrências atuais em que funções especiais com relevância discursiva apresentam-se: até que (modalizador de avaliação/opinião/quebra de expectativa: *até que era interessante, até que foi legal*), até que enfim (marcador de alívio diante da realização de algo esperado: *até que enfim, o Corinthians ganhou um jogo*), até que ponto (quantificador: *até que ponto o ciúme pode acabar com um relacionamento?*), até que ponto (marcador de indignação: *até que ponto chegamos! Adolescentes mortas por seus namorados!*).

geraes: quem não quer dar promette muito. A Camara dos Deputados ja deixou o illusorio systema de reformas geraes, de planos geraes etc; mas a camera dos senadores ainda não. || O Redactor. [X] (conjunção subordinativa, *apud* Lima-Hernandes & Defendi, 1999)

(161) AYC (93) E assim, com alternativas de melhoras e| peioras, accentuando-se-lhe uma impressionante fixidez de olhar para | um só ponto, passou ella muitos dias, **até que** o meu medico de Campi-| nas aconselhou-me á trazel-a para esta Capital, afim de consultar um | especialista. [Y] (conjunção subordinativa, *apud* Lima-Hernandes & Defendi, 1999)

(162) desde o principio dasua brilhante | *Carreira*, sempre emproporção Com os seos ellementos, **the que** para mim Che= | gace afeliz momento, desaber dasua Chegada áCorte; foi este aquelle, | emque recebi huma Carta, do meo amigo Teliciano Bernardo Velho Ol= | demberg, datada em 27 de Fevereiro proximo precedente(Simões & Kewitz, 2006. Cartas paulistas da BNRJ, séc.XIX)

(163) E o Mesmo Senhor Ha|por bem que *VossaSenhoria* admitta o Supplicante a frequentar|as Aulas do 1º e 2º Anno, fazendo exame de|Francez, **até que** o Corpo Legislativo resolva o que|julgar conveniente sobre este e outro caso semelhan|te, relativo à dispensa da frequencia do 1º Anno,|a cujo Acto oSupplicante pertende ser admittido, e|à matricula do 2º; devendo *VossaSenhoria* entretanto regular|as horas das Aulas de hum e outro Anno de forma,|que seja compativel a sua frequencia. (CENCIC – Faculdade de Direito -SÉC. XIX)

Todos os exemplos compartilham a característica de que a oração introduzida por **até que** (a subordinada) liga-se a outra oração, da qual delimita temporalmente o tempo da ação/evento. Essa clareza de classificação não é tão certa no exemplo (159), cujo alerta é a presença da vírgula. Talvez o item *até* não esteja exatamente ligando as duas orações, mas certamente está delimitando o tempo de realização. Um outro diferencial é que, nessas estruturas relativas, o indicativo é empregado (hipótese do relativo), enquanto nas outras a partícula que parece ter função diversa exige o subjuntivo (hipótese do subjuntivo). Na leitura do pronome relativo, há uma retomada de conteúdo semântico temporal-delimitativo, agora num novo ambiente sintático, o da segunda oração. Portanto, nessa segunda leitura, estaria implicada a revisão das fronteiras sintáticas, tal como vimos argumentando desde o início.

Dois exemplares de língua falada transcrita refletem essa disparidade de comportamento: o primeiro exige subjuntivo porque a ação codificada detém o traço *irrealis*, mas, no segundo, há indicativo privilegiando uma leitura de intenção (provavelmente de denunciar o limite do esforço atingido e da sensação de alívio sequente):

(164) Eles merecem respeito, **até que** ele não invada a nossa privacidade porque tem uns que, como você sabe, tem algumas pessoas que não sabe se contêo, vê um cara e tudo, e acha que porque é homossexual tem que pegáo chegáo lá e pegáo, tentáo dáo uma gracinha. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

(165) Oh, aventura? É, uma vez que eu fui jogar futebol com a turma lá em Jacumã, né? Ai nós - a bola foi pro mar e eu tive que ir correndo atrás, e a bola cada vez que ia mais longe, eu nadando, eu vi a hora eu morrer afogado, **até que** eu consegui trazer ela de volta, mais foi uma aventura muito perigosa. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Numa rápida busca no *google*, o item atingiu um total de aproximadamente 128.000 resultados (em 0,11 segundos), nos padrões funcionais já explanados, quais sejam, conjuntivos e discursivos:

(166) [Afeganistão Pode levar anos até que marines possam sair do terreno ...](#)

14 horas atrás - Ainda pode demorar anos **até que** seja seguro os marines norte americanos saírem do Afeganistão. Quem o diz é o comandante James Conway. [aeiou.expresso.pt/afeganistao-pode-levar-anos-ate-que-marines-possam-sair-do-terreno=f600565](#) - Em cache

(167) [INTERNANDO - Sacanear é preciso... e como é: Até que dá pra ...](#)

17 horas atrás - **Até que** dá pra enganar!!!! Um cara na hora da seca, vai catar esta mortadela e começar a esfregar aonde não deve! Postado por FABITXU às 19:25 ... [internando.blogspot.com/2010/08/ate-que-da-pra-enganar.html](#)

(168) [Daniel Piza](#)

3 horas atrás - O ideal **até** seria **que** os jovens candidatos a craques ficassem ao menos três anos no profissional de seu país, mas isso não tem como ser determinado por ... [blogs.estadao.com.br/daniel-piza/](#) - Em cache - Similares

O exemplo (168) precisa ser olhado com atenção, pois revela uma interpolação de verbo no subjuntivo, o que poderia denunciar uma fase pretérita de uso, talvez ainda anterior à junção que constituiu a locução x-que. Esta é apenas uma suposição até o momento.

A rota de mudança da estrutura x-que **até que** pode ser assim desenhada: limite temporal > intenção de limitar um esforço/sensação.

Heine & Kuteva (2002:304) mostram que, na língua *dogon*, a partícula *bà* passa de locativa com aposição temporal para um marcador de comparação equativo, equivalente em português a: ele é rico *até*. Na língua *lezguian*, o item *q'wan* é o equivalente a *até* e migra da categoria locativa/temporal para um marcador de comparação quantitativa, conforme demonstrado por Haspelmath (1993).

e) Bem que / se bem que

A etimologia do item 'bem' é, segundo Houaiss & Villar (2001), vinculada ao advérbio latino *bene*, que significava 'bem, vantajosamente, excelentemente, convenientemente, felizmente, prosperamente etc.'. Os deslizamentos semânticos por que passou e as locuções que constituiu durante a história do português são inumeráveis. Como estrutura x-que, apresenta-se associada aos valores: apesar de, não obstante, bem que (Se **bem que** chovesse, realizamos o passeio, *apud* Houaiss & Villar, 2001).

Os autores estudados vinculam essas locuções a um valor concessivo, acrescentando E.Dias (1959) que só podem ser empregados com relação a uma realidade conhecida.

Recolhi alguns empregos em textos das edições filológicas, conforme segue, e notei que havia estruturas com materiais interpolados que concorriam com aquelas em que esse material era elidido. Trata-se dos exemplos (169) e (170), em que um verbo *dicendi* aparece separando **bem** e **que**, numa fase em que já havia a expressão *se bem que* sinalizando contraste entre ideias encadeadas, conforme evidencia o

exemplo (171). Quanto ao valor semântico, não me parece que haja, nos dois primeiros exemplos, a ideia de concessividade nem de causalidade em sua base. Parece manifestar um desejo e, a depender da força elocutiva, uma ordem.

(169) Ha por **bem que** *VossaSenhoria* admita o Supplicante|a frequentar as Aulas do 1º e 2º Anno, fa|zendo exame de Francez; até que o Corpo Le|gislativo resolva o que julgar conveniente|sobre este, e outros casos semelhantes relativos|á dispensa da frequencia do 1º Anno, a cu=|jo Acto, o Supplicante pretende ser admit=|tido, e á matricula do 2º; devendo *VossaSenhoria*|entretanto regular as horas das Aulas de|um, e outro Anno de|órma, que seja compativel|a sua frequencia. (CENCIC – Faculdade de Direito -SÉC. XIX)

(170) Ha por **bem ordenar que**[[ilegível] as Aulas dos ditos Estudos preparatorios fiquem[[ilegível] todas dora emdiante debaixo da Inspeçãõ do Director[[ilegível] do Curso Juridico, para o que *VossaSenhoria* deverá estabelecer|as respectivas Cadeiras no Edificio (CENCIC – Faculdade de Direito -SÉC. XIX)

(171) Com |adecadença daquele genero, tendo antes della Comprado dez mil, etan= |tas arrobas, **sebem que** por Certas providenças, *que* dei, fui hum dos mais bem |livrados. (Edições de Simões & Kewitz, 2006. Cartas paulistas da BNRJ, séc.XIX)

A despeito das formas aproximarem os dois tipos de usos (e talvez a diacronia também o faça), a ligação entre eles não pode ser feita neste momento. Há nesses documentos do século XIX gêneros discursivos distintos, já que as finalidades e intenções também o eram. Nos dois primeiros exemplos, estão editados documentos formais produzidos por membros da direção da Faculdade de Direito, da Universidade de São Paulo, e, no último, está editado um trecho de um relato pessoal enviado a um superior, numa instância mais afastada, contudo, da tradição acadêmica.⁶

(172) Cada uma dessas propostas, estou seguro, receberá aqui toda atenção de apoio, pois **bem sabem que** lhes apresento todas elas com a chancela das urnas, após uma vitória

6 Falta uma pesquisa mais profunda que envolva a gramaticalização desse item, numa abordagem pancrônica.

eleitoral expressiva, resultado da opção popular por nosso programa de governo e de renovação (séc. XX, *apud* Candido, 2009)

(173) E verdade é que podesse fallar, eu confio **bem que** nesta materia que me culpaes, me fiquasseis devendo dinheiro. (CJ 101, l.03-5) (*apud* Barreto, 2002)

Os exemplos anteriores revelam usos de **bem que** pertencendo a segmentos sintáticos distintos, em ambos há uma intensificação de um fato sabido pelo falante, tal como E.Dias (1959) afirmara em sua descrição do português antigo. Já, nas transcrições de língua falada, que seguem, não houve ocorrências de **bem que**, apenas de **se bem que**, sinalizando que um fato ocorrido no passado – e do conhecimento do falante – deve ser considerado pelo interlocutor como uma exceção à generalização apresentada previamente.

(174) São a geração sensacional, só teim jogadores bom. **Se bem que** a outra que foi prata de Renan, William e Montanaro, também era boa, mais essa é mais unida, né? Por isso que conseguiri os títuloø. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

(175) O cinema também, como toda forma de arte, eu acho válido, **se bem que** o nosso cinema está morto, né? O cinema brasileiro. Só temos filmes bons praticamente filmes americanos e alguns filmes xaponeseoø, mais, no geral, eu [a] eu acho legal como forma de arte. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Tudo leva a crer que *bem que* e *se bem que* assumiram, em algum momento de sua trajetória, rotas diversas. Como a internet (*google*) inclui usos de diferentes nichos sociais, em que textos variados circulam, seja em sua forma escrita ou transcrita de modalidade falada, então certamente nesse ambiente conseguirei identificar as diferenças de usos de ambas as expressões e, com isso, checar a hipótese de rotas distintas:

se bem que: Aproximadamente 1.480 resultados (0,14 segundos)

bem que: Aproximadamente 58.500 resultados (0,14 segundos)

Como não encontrei meios de proceder à busca de “bem que”, excluindo de seus resultados a expressão “se bem que”, então se deve ignorar essa grandeza numérica em relação de comparação entre as expressões. Assim, concentrar-me-ei nos padrões funcionais correlacionados.

O exemplo (174) é o protótipo de tudo o que se disse até agora a respeito da locução: traz um fato certo e conhecido do falante e equivale a uma exceção à afirmação feita. Já, os exemplos (175) a (178) trazem usos inovadores da expressão, por sinalizarem uma avaliação, um juízo que o falante faz acerca de um elemento incluído na própria fala. É uma locução que, de tão cristalizada, não admite inserção de elementos entre seus termos. Observe-se o exemplo (181), que é fruto de um rastreamento de locução com materiais intervenientes. O resultado apresentou uma outra estrutura de valor bastante diverso e, certamente, não correlacionada a esse emprego discursivo-pragmático com a intenção de expressar uma opinião, um julgamento.

(176) [asylumfwvg's photo from 8/28/10 - Fotolog](#)

12 postagens - 9 autores - Última postagem: 9 horas atrás - Mas então, quando for inverno por aqui eu te aviso o/ **se bem que** agora é inverno, mas ta uma noite quente hoje. Tá 18 graus, onde já se viu uma coisa dessas ... www.fotolog.com.br/asylumfwvg/77559311

(177) [ROLETRANDO | Um giro no mundo da internet.](#)

6 horas atrás - No Brasil não tem programa parecido, **se bem que** eu acho que as humoristas brasileiras não têm muita graça não. Poucas escapam! Em seus programas, “The Ellen ... roletrando.com/ - [Em cache](#)

(178) [\[Nyah! Fanfiction \] Semelhante A Vida Vol. 1 escrita por dj barbara](#)

13 horas atrás - ... não sabe só eu bem eu tenho essa missão para contar a ela que na verdade ela é filha de cromos não de quem criou **se bem que** ela é bem cabeça dura quanto ... fanfiction.nyah.com.br/historia/91559/Semelhante_A_Vida_Vol.../1

(179) [Respeito é bom e todos gostam - Românticos Conspiradores](#)

17 horas atrás - Agora é tempo de falar, **se bem que** é bem mais fácil calar. Julho de 2010. As pretensões de se candidatar já findaram. Inscreveram-se fichas limpas, ...
romanticos-conspiradores.ning.com/forum/.../respeito-e-bom-e-todos-gostam

(180) [POSTS - 3VV - Terceira Via Verdão: marketing, política, história ...](#)

1 hora atrás - Até o Valdívia chegou e foi banco de Leão (**se bem que** aí acho que tinha um pouco da cabeça dura do técnico). Mas o ponto é: cada vez que o time perde ...
www.3vv.com.br/3vv/InformativoLista.aspx?po... - [Em cache](#) - [Similares](#)

(181) [Fábio Sormani](#)

20 horas atrás - **Se** não está **bem, que** tente os tiros mais curtos; ou passe a bola. Como estava **se** sentindo **bem**, foi liberado para disputar o amistoso contra França na ...
colunistas.ig.com.br/fabiosormani/ - [Em cache](#) - [Similares](#)

Nos dados relativos à expressão “bem que”, encontram-se usos com a função discursiva de volição, tal como ocorre em alguns contextos de fala cotidiana de cumprimentos (exs. 182 e 183) e também se encontram dados em que *bem* e *que* integram orações distintas de um mesmo período (ex. 184). Há combinações inovadoras com *bem que*, como demonstram os exemplos (185) e (186), muito frequentes em língua informal e espontânea nascida na comunicação intermediada por computador.

(182) [O orkut **bem que** poderia aumentar o limite de comunidades e videos ...](#)

14 horas atrás - O orkut **bem que** poderia aumentar o limite de comunidades e videos.
www.google.com.br/support/forum/p/orkut/thread?tid...hl=pt-BR

(183) [O TERROR DO NORDESTE: O Datafolha **bem que** tentou ajudar Serra](#)

1 hora atrás - O Datafolha **bem que** tentou ajudar Serra. A batalha dos números. Cynara Menezes O Datafolha estimulou a demonização dos institutos concorrentes, ...
www.terrorodonordeste.blogspot.com/.../o-datafolha-bem-que-tentou-ajudar-serra.html

(I84) [S. Roberto saltou do banco - Força de Blogueio - Comunidade Record](#)

9 horas atrás - E se percebes alguma coisa de futebol, sabes **bem que** o jogo poderia nao ficar ... Espero bem que os dirigentes do Benfica saibam fazer contas de sumar e não ...
comunidade.xl.pt/RECORD/blogs/.../08/.../s-roberto-saltou-do-banco.aspx

(I85) [E pra quem nunca viu uma foto minha \(tudo bem que essa é vel... on ...](#)

36 minutos atrás - E pra quem nunca viu uma foto minha (tudo **bem que** essa é velha)... Não tenho mais piercing. Login to leave a comment. 6 Comments. loading ...
twitpic.com/2jfkoc

(I86) [AAAWWN! AMO quando vocês fazem rádio!!, tudo bem que só eu to ...](#)

33 minutos atrás - AMO quando vocês fazem rádio!!, tudo **bem que** só eu to ouvindo... e na verdade nem sei se era o DLBR que fazia rádio, kk, EAE PESSOAL :D,
demilovatobr.listen2myradio.com/

(I87) [Correio do Povo | Esportes | D'Alessandro diz que qualidade do...](#)

2 horas atrás - Ainda **bem que** o Inter tem um bom grupo e qualquer um pode jogar. Qualquer um pode render bem. Dessa forma, estarei tranquilo e me concentrarei na seleção da ...
www.correiodopovo.com.br/Esportes/?Noticia=189236

As rotas de mudança de *bem que* e *se bem que* têm assumido trajetórias distintas a partir do *modo*:

se bem que: modo > símile > operador discursivo de exceção

bem que: modo > intensificador > esforço na realização

Heine & Kuteva (2002) não apresentam uma rota definida para esse tipo de uso.

6. Como que

Lima-Hernandes (2005) estudou a gramaticalização do item *como* numa abordagem pancrônica e desenhou a seguinte rota de mudança para ele: advérbio > conjunção > preposição. Ainda nesse trabalho, há

a informação de que, em alguns contextos, *como que* funciona como *como se* (hipotética-condicional), e por isso teria valores semânticos superpostos: conformativa hipotética + condicional⁷.

Os autores estudados no português histórico afirmam que *como que* associa-se ao valor de concessividade, mas *como quer que* e *em como quer que*, aparentemente próximas, seriam não somente concessivas, mas também causais. Adicione-se a isso a impressão de Dias (1959) sobre o efeito de vagueza percebido em seu uso.

Alguns dados das edições filológicas podem auxiliar na análise dessa questão:

(188) fazendo disso|hum Auto, ehum Inventario detodas equaes *quer* movéis *que* ali Se acha|rem. Supponho, Segundo dizem, *que* o Inventario Será breve, porque|o Padre Guardiaõ tudo mudou edepozitou naOrdem *Terceira: Como|quer que Séja* Convem o Inventario ou Seja *para* Constar o*que* ficou, |ou *para* provar *que* nada deixaraó. (CENCIC – Faculdade de Direito -SÉC. XIX)

(189) **Como quer que** tenha o Recurso do Senhor Conde Longe ea[mat]eria ser hû= tanto escandeloza merecorro aVossamerce como vizinho demais perto elhes peSso pello amor de Deos ponha algû Cobro nos dezaforos *que*fazem nessa Aldea os filhos do Tinente Coronel Sebastiam de Siqueira *que* he Lastima somente oConcideralos; (Edição feita por Simões e kewitz, 2006, das cartas da capitania de são Paulo. Aldeamento de índios - século XVIII e XIX)

7 Há a combinação de uma noção de igualdade que figura no plano das possibilidades, portanto no tempo não-agora, não-real, subjuntivo verbal. A ordem não-marcada desse tipo oracional é matriz + hipotática, numa correlação modo-temporal que apresenta as seguintes configurações: *presente do indicativo, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, imperativo afirmativo* (na matriz); e *pretérito imperfeito do subjuntivo* (tempo-modo mais recorrente) ou mais raramente *pretérito mais que perfeito do indicativo* (na hipotática). Ao que tudo indica, com a inversão oracional que resulta na anteposição da oração hipotática, a inferência pode se alterar para um valor aproximado de concessão. (cf. Lima-Hernandes, 2005)

(190) o camarada ficou assim desconfiado olhando muito pra mim, e eu olhando muito pra ele não sei porque a gente se ligava **como que** tivesse um um contato nem eu sabia da da origem [nem ele sabia] ele sabia da minha origem que eu era paraíba, e ele paraíba daqui também. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Tanto língua escrita antiga quanto língua falada moderna inserem o item *como que* em mesmo ambiente linguístico: sucedido por subjuntivo (talvez para evidenciar a vagueza da informação). Independe da integralidade da expressão (*como quer que* ou *como que*), o efeito de sentido é o mesmo: forma hipotético-condicional a serviço da vagueza e da incerteza.

Recorro aos dados da internet para verificar se há essa diferença entre os usos identificados na língua atualmente:

em como quer que: nenhum resultado disponível

como quer que: aproximadamente 47 resultados (em 0,12 segundos)

como que: aproximadamente 17.800 resultados (em 0,11 segundos)

Como quer que é mais frequentemente empregado como um questionamento (ex. 191) ou uma dúvida manifestada, e o único exemplo que se aproxima do clássico marcador de volitividade é aquele expresso no exemplo (192). Isso quer dizer que está praticamente em desuso hoje.

Esses números sugerem que *como que*, locução inovadora, é muito mais frequente do que os demais usos; entretanto, ao analisar os padrões funcionais dos resultados, noto que ele equivale a apenas 30% desses resultados (vide exs. 194 e 195), os 70% restantes são perguntas sem o mesmo efeito discursivo (ex. 193). Diferentemente do conector *como quer que*, a locução *como que* é bastante usual na comunicação

cotidiana. Exige, portanto, uma investigação mais profunda sobre seus efeitos discursivos.

(I91) [Como irritar pessoas de cada signo « 100 fresKura](#)

18 horas atrás - Diga **como quer que** façam as coisas e fique controlando. Não demonstre paixão e aja como se você não gostasse dele(a). Levante a voz cada vez que se quiser ...
100freskura.wordpress.com/2010/08/.../como-irritar-pessoas-de-cada-signo/

(I92) [Espiritualidade](#)

45 minutos atrás - **Como quer que** seja , meu Deus, faça-se a tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios experimentar-me e eu me submeto ...
eespiritualidade.blogspot.com/

(I93) [Como que chama aquela musica que começa assim...? - Yahoo! Respostas](#)

1 hora atrás - 29 ago. 2010 ... Confira as dicas, conselhos e respostas dos usuários do Yahoo! Respostas para "**Como que** chama aquela musica que começa assim...?"
br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100829110537AAgXfKG

(I94) [CORREIO | O QUE A BAHIA QUER SABER: Glória Kalil conta como o ...](#)

8 horas atrás - Tem uma foto do hristian Dior com uma fita métrica **como que** dizendo: "Nessa estação, a saia fica a 40 centímetros do chão". Ficasse bem em você ou não. ...
www.correio24horas.com.br/.../gloria-kalil-counta-como-o-estilo-de-cada-um-vale-mais-que-as-tendencias/

(I95) [JB Online :: JBlog Quadrinhos - quadrinhos](#)

20 horas atrás - O leilão foi uma coisa simbólica, mais **como que** pra enterrar o passado. Mas sim, eu praticamente redesenhei tudo o que saiu na edição atual. Por quê? ...
www.jblog.com.br/quadrinhos.php - Em cache - Similares

A rota desenhada por esses itens também tem assumido trajetórias distintas:

como quer que: modo > volição

como que: modo > vagueza/incerteza > aproximativo/marcador de imprecisão

Heine e Kuteva (2002) não discutiram a evolução desse item.

g) Logo que

Longhin-Thomazi (2004:227) identifica um dado que funcionaria como o elo perdido da mudança de advérbio temporal para conjunção temporal. O gatilho dessa mudança, como bem demonstra a autora, foi a mudança de fronteira sintática e consequente reanálise:

(196) E el lho prometeu lealmente, e o demo o guiou **logo, que** o pôs em casa de seu padre.
(*apud* Longhin-Thomazi, 2004)

(196a) ... e o demo o guiou **logo, quando** o pôs em casa de seu padre.

(197) S. Magde. hé servido, que V.Sa. **logo, que** receber esta, me venha fallar para hum negocio do Real Serviço do mesmo Senhor; (Carta, 1758, microfilme IEB-USP)

(197a) S. Magde. hé servido, que V.Sa. **logo, quando** receber esta...

Nas reconstruções fica clara a segmentação e a possibilidade de se estar lidando com uma construção de pronome relativo, reanalisada posteriormente como uma locução conjuntiva. A maioria dos exemplos diacrônicos, contudo, revela a ausência de pontuação mediando a locução, como em (198) e (199). Ainda assim, persistem casos de vírgula rompendo a expressão, como em (200):

(198) E participando| *Vossa Senhoria*, para sua intelligencia, que responderei ao seu|conteudo **logo que** chegar a Planta do edificio e cêrca,|e que nada se deve innovar a respeito da Sachristia |até segunda ordem. Deos guarde a*VossaSenhoria* |Palacio do Rio de Janeiro em 29 de desembro de 1828. (CENCIC. Documentos da Fac.Direito, USP, séc. XIX)

(199) O dito *General* patrocinou o Comm.co, eteve a*lembrança* / julgo *que por* me dar | *que fazer* / de mandar=*me fazer por* huma vez, e **logo que** Chegou, | hum discurço sobre o Comm[er]c[i]o ; (Edição de Simões & Kewitz, 2006. Cartas paulistas da BNRJ, séc.XIX)

(200) Com os grilhoens de ferro sepreen= | dem os Criminozos, e Com os dos empregeos, *que* parecem adiamanta= | dos, me Considero eu não só prezo. mas alguma Couza mais por que | **logo, que** o dito *General* veyo vizitar esta Praça, mandou áCamara, *que* Com |

asolemnidade das Leis, nomeace trez Homens, (Edição de Simões & Kewitz, 2006. Cartas paulistas da BNRJ, séc.XIX)

Fazendo um rastreamento no *google*, notei que a frequência desse uso é de aproximadamente 13.100 resultados (em 0,10 segundos). Os padrões funcionais não apresentavam, contudo, variação de função. Eram todos temporais.

Refletindo sobre as possibilidades de rompimento de fronteira sintática, cogitei a possibilidade de que uma causal pudesse ter sido reanalisada em temporal:

(201) ‘ [Vem depressa se entregar, - Fotolog](#)

7 horas atrás - Hoje tenho lições e mais lições pra fazer, tenho que fazer **logo, porque** quero ver o jogo do meu PALMEIRAS contra mais um Atlético. www.fotolog.com.br/lim_wicked/29704247

(201a) tenho que fazer logo, que quero ver o jogo do meu Palmeiras...

Ao que parece, é um caminho pertinente, mas não o pude comprovar. Sobre essa rota, há o silêncio em Heine & Kuteva (2002).

h) Pois que

Cândido (2009), preocupada com a rota de mudança empreendida pelo item *pois*, procedeu à identificação de padrões funcionais em que ele era inserido. Recolheu, então, dados de *corpus* composto por textos do século XVI ao XX, controlados segundo sua alta ou baixa formalidade, e conseguiu evidenciar que o item atuava nos três domínios conceituais propostos por Sweetser (1990): do conteúdo (mundo real/sociofísico), epistêmico (raciocínio lógico) e conversacional (atos de fala).

Revisitarei os dados que contêm a palavra *pois* seguida ou próxima à palavra *que* para checar a validade das intuições sobre a hipótese da correlação estatuto informacional/incorporação metonímica:

(202) Cada uma dessas propostas, estou seguro, receberá aqui toda atenção de apoio, **pois bem sabem que** lhes apresento todas elas com a chancela das urnas, após uma vitória eleitoral expressiva, resultado da opção popular por nosso programa de governo e de renovação (séc. XX)

(202a) Cada uma dessas propostas, estou seguro, receberá aqui toda atenção de apoio, **pois que** lhes apresento todas elas com a chancela das urnas...

(202b) Cada uma dessas propostas, estou seguro, receberá aqui toda atenção de apoio, **porque** lhes apresento todas elas com a chancela das urnas...

(203) Nem pareço mais aquele estudante inibido que a senhora ia buscar no Colégio Arnaldo, em Belzonte. **Pois saiba** que já tirei quatro zeros e um oito! Mas este oito não foi em testes culturais, não, foi no teste de Cooper. (séc. XX)

(203a) Nem pareço mais aquele estudante inibido (...) **pois que** já tirei quatro zeros...

(203b) Nem pareço mais aquele estudante inibido (...) **porque** já tirei quatro zeros...

(204) Com muita alegria e muita emoção estou vendo mais uma vez meu dileto amigo, Senador Gilberto Miranda, presente aqui entre os três capitães da defesa, sobretudo, dos interesses do nosso Estado, o valoroso Estado do Amazonas. Não tenho nenhuma ilusão a respeito da absoluta capacidade de V.Exa., **pois sei que** é um dos cidadãos mais habilitados para a tarefa para a qual foi eleito e guindado a esta posição. V.Exa., inclusive, está tendo prejuízo em vir para cá, porquanto é um empresário de amplas atividades no Amazonas. (séc.XX)

(204a) Não tenho nenhuma ilusão a respeito da absoluta capacidade de V.Exa., **pois que** é um dos cidadãos mais habilitados para a tarefa para a qual foi eleito e guindado a esta posição.

(204b) Não tenho nenhuma ilusão a respeito da absoluta capacidade de V.Exa., **porque** é um dos cidadãos mais habilitados para a tarefa para a qual foi eleito e guindado a esta posição.

Os dados (202) a (204) permitem reconhecer uma locução ainda em formação, já que admite a inserção de material entre as palavras *pois* e *que*. Na leitura apresentada em (202a), (203a) e (204a), está a elisão

da informação interposta entre os elementos propiciando a interpretação de causalidade; na leitura apresentada em (202b), (203b) e (204b), a reescrita com conector de função claramente causal, aproveitado sem que o contexto seja alterado revela que há uma relação de sinonímia e talvez histórica entre eles. Observemos os seguintes exemplos:

(205) tivemos por meio da imprensa de comunicar nossos pensamentos em diversos escritos, como sejam: “Dissertação sobre o que se deve entender por pátria do cidadão”; “Cartas de Pítia ao seu amigo Damão”; Typhis Pernambucana; “O caçador atirando à Arara Pernambucana”, e outros escritos inseridos em alguns periódicos. A proporção que nossos trabalhos se estendiam a beneficiar nossos compatriotas, nós caminhávamos ao perigo e à ruína, **pois que** nossas verdades chocavam os interesses de d. Pedro de Alcântara, príncipe português, que o Brasil imprudente e loucamente havia aclamado seu imperador. (séc. XVIII)

(205a) A proporção que nossos trabalhos se estendiam a beneficiar nossos compatriotas, nós caminhávamos ao perigo e à ruína, **pois que / porque/ já que** nossas verdades chocavam os interesses de d. Pedro de Alcântara...

(206) Como que se completassem os fatais dias marcados pela perfídia para a entrega da cara pátria, fomos advertidos em segredo que nos ocultássemos, **pois que** éramos procurados com empenho (séc. XVIII)

(206a) fomos advertidos em segredo que nos ocultássemos, **pois que/ já que/ porque** éramos procurados com empenho.

(207) e como quem nos fez esta advertência, debaixo da face de amizade, foi o filho do mesmo traidor Barros, nós entendemos que, longe de ser aquela revelação um efeito de amizade, era um meio de nos separarem do quartel-general, a fim de não observarmos e estorvamos os perversos planos do traidor; nós porém lançamos mão do aviso, e tratamos de nos evadir aos perigos; **pois que** já observávamos toda a oficialidade dividida em grupos, falando em voz baixa, indicando uma secreta manobra. (séc. XVIII)

(207a) nós porém lançamos mão do aviso, e tratamos de nos evadir aos perigos; **pois que/ porque** já observávamos toda a oficialidade dividida em grupos...

(208) Caro Lino. Fui a essa hora e lá estava o homem. A conferência durou 2 h. e meia com mais um gastozinho de tempo, de espera de bonde, disto daquilo, cheguei à cidade às 9 e tanto sem tempo mais de ir ver minha adorada Pureza. De dia estiveste no colégio e mesmo que assim não fôsse dar-se-ia o mesmo **pois que** gastei quase todo o dia a andar atrás do Introuvable. E está aí explicado como pode um noivo passar todo um dia na cidade onde

mora sua noíva sem poder trocar uma palavra. A minha viagem de ontem valeu ouro. (séc. XX)

(208a) De dia estiveste no colégio e mesmo que assim não fôsse dar-se-ia o mesmo **pois que/porque/já que** gastei quase todo o dia a andar atrás do Introuvable.

(209) Tinha o Padre avisados os [índios] ou poi-millior dizer peitados que tanto que alguém estivesse pêra morrer o viessem chamar; mas descuydados por sua pouca devação ou ditos das velhas morrião alguns e socedeo morrer huma molher a qual avia poucos dias que avia parido. Fizerão huma fala à criança, dizendo-lhe: **pois que** tua may morreo, não tens quem te crie nem dê de mamar, vay-te com ella. Cousa pêra sentir a perda das almas, porque asi sem mais piedade a criança viva e a may morta ambas em huma cova sepultarão sem serem baptizadas. (séc. XVI)

(209a) Fizerão huma fala à criança, dizendo-lhe: **depois que/agora que/ porque/ já que** tua may morreo, não tens quem te crie nem dê de mamar, vay-te com ella.

Nos exemplos (205) a (208), encontramos usos da locução *pois que* já com o sentido de causalidade e sem a interpolação de nenhum elemento na locução. Admitem a paráfrase com os demais conectores causais e poderiam historicamente ser efeitos de um processo metonímico a partir de casos como os dos exemplos (202) a (204), como demonstram as leituras apresentadas nas alíneas (a). Embora o exemplo (209) pudesse perfeitamente integrar os dados tipicamente causais, há um fato que lhe tira essa possibilidade. Trata-se da ambiguidade de leitura, pois ao mesmo tempo em que se tem a possibilidade de uma leitura causal, convive com esta a possibilidade de leitura temporal. Talvez essa leitura seja propiciada pelo tipo de sequência textual narrativa.

(210) No dia 18 de dezembro, instalou-se logo a execranda comissão, e fomos citados para ir responder a ela ao meio-dia, em 24 horas, o que se não podendo efetuar no outro dia, que era domingo, deixou-se para segunda-feira em diante. Os primeiros, **pois, que** foram atados a esse sanguinário tribunal, fui eu, o Rangel e o Agostinho. (séc. XVIII)

(210a) Os primeiros, **pois/portanto**, os quais foram atados a esse...

(211) E assim continuarei se Deus for servido, porque, provavelmente, não terei mais ocasião de escrever maluqueiras como as que te mandei. Já vês, **pois, que** não poderias encontrar

em minha prosa nenhum afrodisíaco que te arrancasse do cérebro ou de qualquer outro órgão, os artigos que destinas à Atualidade do João Lima. (séc. XX)

(211a) Já vê, **portanto**, que não poderias encontrar em minha prosa...

Os exemplos (210) e (211) são casos de ambiguidade estrutural, no sentido de que codificam relações semelhantes, ambas são conclusivas, mas sua estrutura semelhante é apenas uma coincidência formal. No exemplo (210), a palavra *que* é um pronome relativo e, no (211) é uma conjunção. Seria uma estrutura formalmente semelhante suficiente para uma reanálise? Acredito que sim, mas os melhores exemplos já do efeito dessa reanálise são os apresentados de (202) a (204).

A título de curiosidade, observe-se o exemplo (213), que pode ser facilmente lido como causal. No entanto, podemos questionar, sem grande convicção essa leitura, pois há já na sequência informativa precedente uma estrutura de causa, em sua forma reduzida de infinitivo: “**por** vir já o rio muito cheio com a água do monte”.

(213) No dia dos Santos Inocentes, que foi domingo, entramos nas segundas cachoeiras, chamadas de Taboca, as quais estão reputadas por muito mais dificultosas e medonhas que as primeiras; mas nós, por vir já o rio muito cheio com a água do monte, **pois que** tivemos grande trabalho e dificuldade em as vencer, não foi tanto como o passado. (séc. XVII)

(213a) mas nós, **por** vir já o rio muito cheio com a água do monte, **pois que / apesar de que** tivemos grande trabalho e dificuldade em as vencer, não foi tanto como o passado.

Essa descoberta permite rever a oração introduzida por **pois que** como uma leitura concessiva e, ao mesmo tempo, identificar mais um nó dessa grande cadeia de mudança cognitiva, que poderia ser assim desenhada hipoteticamente: tempo > tempo/causa > causa > causa/concessividade. O gatilho dessas mudanças, por outra parte, poderia ser diverso, porque atenderiam a motivações também diversas. Os casos que nos interessam mais de perto são aqueles cujas motivações são informatividade/economia com efeito na codificação sintática.

Na consulta ao *google*, encontrei aproximadamente 1.030 resultados (em 0,12 segundos). Os padrões funcionais eram, contudo, diversos, impedindo-me de levar adiante as reflexões sobre a relação frequência/produktividade. Dados como o exemplificado em (214) foram englobados no total da busca, enviesando os resultados. De um total de 10 dados, 4 tinham essa configuração (cálculo baseado em uma página de resultados).

(214) [Garotinho é o exemplo de q religião e política não dá certo ...](#)

4 horas atrás - 29 ago. 2010 ... (Mateus 23:3) - Todas as coisas, **pois, que** vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, ... br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100829095014AAEXyov

As rotas de mudança desse item podem ser assim desenhadas: tempo > causa > conclusão.

Heine & Kuteva (2002) não associam a rota de mudança que culmina com a função causal a tempo. Também não há uma rota a partir desses itens para se alcançarem efeitos conclusivos.

i) Só que

Na descrição da evolução da sequência *só que* para conjunção, Longhin-Thomazi (2004) defende que há a sua integração ao conjunto das conjunções coordenativas por ligar uma oração autônoma a uma circunstância nova. Esses valores são lidos em termos de seu valor pragmático como o cancelamento de uma pressuposição comum aos interactantes, como a autora ilustra com o exemplo:

(215) [É do mesmo jeito]. Não (...) é com requeijão, é. É o estrogonofe – do mesmo jeito que faz o estrogonofe... **só que**⁸ em vez de você colocar o creme de leite, você coloca o requeijão. (Censo- RJ – E29)

Em termos de intenção comunicativa, o falante seleciona um focalizador para destacar o que deve ser novidade na receita apresentada, como sinal de alerta ao interlocutor. Antes desse trecho, todas as informações são conhecidas, compartilhadas e esperadas. O falante seleciona um prato similar, cujo procedimento de preparo permita economizar o tempo de repetir todo o procedimento do novo prato (desconhecido pelo interlocutor). Quando nota que, a partir de um determinado ponto da receita, o interlocutor não conhecerá o passo seguinte, então, seleciona um focalizador acompanhado de um marcador de coesão oracional. Ao que parece, teríamos o seguinte percurso de desenvolvimento de gramaticalização de intenções: unidade (exclusivo, solitário) > focalizador > sinalizador de presença de informação nova, contrastando com a informação velha.

Nos documentos históricos, encontrei alguns exemplos presentes em dois documentos.

(216) ... que a ley manda pero nõnas entendam nênas sabhá ao tẽpo que erá. fazêdo contra ellas asy como aquel que fosse sandeu de tal sandiçe que nõ soubesse o que faz E pero entenderẽ que algũa cousa faz per que outro homẽ deuisse seer preso ou morto. poren catando ã como aqueste que dissemos nõ ho faz có siso nõ lhy poem tamãna culpa come a outro que esta ã sseu entendimẽto. E esso meesmo dizemos do moço que fosse meor de xiiiija anos & a moça que fosse meor de xija anos E pero prouassẽ em feyto de luxurya (^cõ elles.) **sol que** o nõ soubessẽ fazer. E este taaes escusados sseryã das pẽas das leys por nõ aueerẽ entendimẽto. Mays se pela vëntuyra meores fossem de.x.anos & meyo. & fezessem algũu erro outro assim como furto ou omezio ou ffalssidade ou outro mao feyto qual quer seeryã escusados outrossy das pẽãs que as leys mandã per migua da ydade & do sentido E outrossy dizemos que os caualeyros que am a defender a terra & a conquerela dos ãmigos

8 No *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* (Houaiss & Villar, 2001:2588), a expressão só que figura como locução introdutora de construção adversativa, contrastiva, restritiva.

per armas deudẽ seer escusados por nõ entenderẽ as leys (Primeyra Partida, Afonso X, 1300.
Fonte: www.corpusdoportuguês.org)⁹

Esse dado permite referendar a classificação proposta por Nunes (1930), Quadros (1966) e Mattos e Silva (1989) como temporal, mas já há nas proximidades dessa informação uma adversativa que sinaliza a presença de um fato inesperado ou hipoteticamente inesperado. Ainda que o valor seja um pouco diverso, o ambiente sintático e o contexto de emprego são bastante similares. O mesmo sucederá com os dados de língua falada de João Pessoa, em que encontrei dois padrões funcionais de **só que**.

a) *só que* discursivo-pragmático: nesse padrão, pode anteceder a expressão um conector típico de coordenação adversativa. Sua função, num texto narrativo, é sinalizar a frustração ou quebra da expectativa do falante. Diante de tudo o que se sabe e do que se poderia esperar, o resultado rompe com essa expectativa. A expressão *só que* não efetiva o contraste textual, mas o contraste num plano do repertório, do conhecimento de mundo.

(217) É a história, é a história de uma moça pobre que trabalhava numa fábrica, perto de uma academia da aeronáutica e que o rapayz começou namorar com ela, mais ela sabia que ele num queria ela, porque ela era pobre, e trabalhava numa fábrica, e todas moças das fabricaø era explorada por esses aluno da academia. Mays só que no final quando ele terminou o curso piloto, oficial [ái ele foi], é o final do filme é assim. Muito bonito o filme, a história é linda. **Ái ele entra na fábrica.** Assim ela tá trabalhando, **ái ele chega assim na frente de todo mundo bota ela nos braços e sai.** Ái termina o filme. Muito bom. “A força do destino”. Muito bom esse filme. Aconselho a você ver esse filme. (VALPB – língua falada)

9 Desse documento, foram identificadas 5 ocorrências de mesmo padrão funcional. No documento “Partida 3”, de mesmo autoria e época, apresentam mais 2 ocorrências em padrão funcional idêntico. Os demais dados eram construções homonímicas, compostas com a palavra “sol” tanto como sinônimo de astro-rei como no de *terra* (solo).

Em textos dissertativos, o falante apresenta uma avaliação ou opinião que denota a quebra da expectativa. Pode-se apresentar, complementarmente, uma evidência factual (em itálico).

(218) Bom, a minha opinião sobre o governadô da Paraíba, é que nós temos um bom governadô, **só que** se ele fosse uma pessoa mais dedicada ao governo do Estado da Paraíba, *nós teremos coisas melhores, porque infelizmente nos temos um governadô que: você veja que passamos agora pelo um quadro que o nosso representante do Estado ele fez que não tava de agrado, eu creio, para a toda humanidade ...* (VALPB – língua falada)

(219) Bom, hoje em dia nós temos um grande números de jovens se formos olháó para o munõo todo. Mays infelizmente existem muitos jovens que são levados é pela juventude, pensanõo ele que a droga, a prostituição ðo melhõo, o som, essas coisa muito que hoje atraio os jovens, pensam eles que é uma coisa muito boa, mays só que não é, *porque existem pessoas que viveo iludido por isso e quanõo eles chegam a realidade dessa situação, eles sabem que verdadeiramente isso é só um passatempo...* (VALPB – língua falada)

(220) Volta, vem o vazio dentro dele e por isso que hoje em dia existeõ muitos joveõs desesperadoõ, joveõs que se levaõ até pelo munõo da droga, porque acha que isso é o a realidade ðo a vida para o ser humano, mas só que não é, *porque pra mim como jovem, eu acho que a melhõo é: a melhõo coisa que o jovem deve fazêo hoje era aceitãõ Jesuys.* (VALPB – língua falada)

(221) Então, eu preferi acabáó e ficáó uma vida assim; mays só que eu tenho certeza que eu meõmo tenho que me ajudáó, poõque se eu fõo ficáó sempre vivenõo dessa forma, jamais eu vôo sêo feliz. (VALPB – língua falada)

(222) O Tabacama foi a época que eu falei do: + é: assim era uma: um: grupo indígena, entendeu? **Só que a minha mulhéo gostava do meu irmão + né?** *E: ela chamava ele pra i:o pra o mato caçãõ tal, e ele num queria i:o, ia eu. + E ela com raiva, ela cortava a minha perna.* (VALPB – língua falada)

b) só que conjunção: nesse padrão, uma locução liga duas orações sinalizando o contraste percebido pelo falante entre as porções informativas. Tal como nas coordenativas, exige um paralelismo semântico (mesmo campo semântico sob contraste), o paralelismo sintático pode ser depreendido da construção (achei que lá é bonito, lá é muito grande). Não há um contraste de um ponto de vista do critério comparativo. O que há é a manutenção de um contraste operado no

plano da expectativa. Esse comportamento exemplifica o que Hopper chamou de persistência.

(223) Fui conheceø, né? o Rio de Janeiro. Achei bonito lá, <lá> **só que** é muito grande. Lá, o crime de lá é diferente do daqui; lá é muito agitado + pra vista do daqui. Agora acho que emprego lá, maior fácil de que aqui. (VALPB – língua falada)

Para ampliar o quadro de observação, chequei os dados no *site* de busca *google*. E a construção *só que* obteve aproximadamente 82.200 resultados (em 0,19 segundos). Observando os padrões funcionais, verifiquei que *mas só que* obtém aproximadamente 251 resultados (em 0,18 segundos), seguidos por orações com advérbios negativos (... mas só que um coração **jamais** se engana...; ... mas só que **não** aparece a imagem...) , com clivagem (... mas só que o problema é que..), com focalizadores (... mas só que no meu computador o segundo vídeo da aula de ética **só** funciona até os 34 minutos...) e ainda com afirmativas que denotam algum tipo de polaridade negativa (...mas só que eu acabei **deixando** de amar ele...).¹⁰

A *rota* que desenho para essa evolução pode ser assim sintetizada: tempo > quebra de expectativa > contraste. Heine & Kuteva (2002) não especificam uma rota para esse tipo de uso.

10. Tanto que

A palavra *tanto* é etimologicamente derivada de *tantus* do latim, em que significava ‘tão grande’, usado também no sentido de ‘tão numeroso’. Segundo Coutinho (1962:306), poucos foram os pronomes indefinidos que passaram do latim clássico ao português. Do latim vul-

¹⁰ O resultado de busca da expressão “só que” não se demonstrou confiável para uma análise global, pois integra padrões de uso que não constituem conjunção nem marcador discursivo-pragmático de mesmo caráter. Exemplos que me levaram a desconsiderar esse resultado são: Antes só que mal acompanhada; Era só que me faltava; dentre outros.

gar, proveio, dentre outros, os pronomes adjetivos *tantu* e *tanta*, quantitativos que suplantaram *tot*. Ratifica essa ideia Maurer Jr. (1959:116), que, buscando usos paritários nas línguas românicas, especialmente no romeno, identificou dois indefinidos nas línguas românicas: *tantus*, *a*, *um* e, com valor numérico, *tanti*.

Barretto (2002:168), já revisitada anteriormente, demonstrou que, ingressando no português, esse item empreende uma rota de mudança bastante interessante¹¹. Na segunda metade do século XVI, esse item ligado à palavra *que* desenvolve valor temporal (exs. 224 e 225) e, no século XVII, além do temporal (ex. 226), desenvolve o valor condicional (ex. 227)¹²:

(224) Vendo Tristam da Cunha a determinação delles, *tanto que* amanhacco elle per hũa parte e Afonso Dalboquer-q per outra juntamente foram demandar a terra... (DA, 2º vol., cap.III, l. 159-61)

(225) *Èntanto que* o mandar treladar, o mandarei logo ao Regedor, e nõ podera muito tardar (CJ, CIII, l. 23-5)

(226) Ainda a V.Sa tem mais *que* admirar: Antõnio de Brito, irmão do provedor da Alfândega, matou ao alcaide-mor, na rua de trás da Sé, às dez horas do dia; *è tanto que* o soube o governador, deixando na galeria o arcebispo, com quem estava, se foi furiosamente à Secretaria ... (SVB, CXCII, l. 76-83)

(227) Também aqui soube que tinha mandado S.M. ao mesmo navio o padre bispo do Japão e o capitão do Pará; o bispo, para que me trouxesse, e o capitão com ordem que, *tanto que* eu lá não estivesse, partisse logo o navio. (CVM, LV, l. 183-6).

¹¹ A título de curiosidade sobre a produtividade de *tanto*, Barretto (2002:169-70) afirma que muitos foram os pares correlativos que desse item surgiram. Por exemplo, *quanto...tanto*, empregada no século XIII desencadeia interpretação proporcional, podendo variar a partir do século XIV. Essas correlações sofrem, contudo, variação de forma, não de valor semântico, ou seja, continuam indicando proporcionalidade.

¹² Segundo Said Ali (1964:217), essa locução, a partir do século XVII, é substituída por *logo que*.

Observe-se que, segundo os pressupostos da teoria da gramaticalização, torna-se suspeito que um item de base temporal como *tanto que* deslize para condição e, depois, em sua trajetória de abstratização, passe a codificar quantificação, um valor mais concreto em relação àquele. O que teria levado Barreto a interpretar o exemplo (227) com valor condicional? Analisando mais detidamente, verifico que duas leituras se abrem para o trecho: uma baseada na elisão da partícula, por excelência condicional (que poderia estar, como ocorria, elíptica); outra baseada na inversão de segmentos, que torna a interpretação dificultada. Favorece a leitura condicional a flexão verbal do verbo *estivesse*. Ocorre que essa flexão é totalmente compatível com um valor temporal mais impreciso, como é o caso daquele interpretável a partir da locução *assim que*. A partícula condicional, sendo elidida da sequência, redundaria na interpretação equivocada. Portanto, em (227), *tanto que* pode ser temporal (ratificando a rota de mudança prevista) ou assumir uma função condicional e romper com a unidirecionalidade de mudança. Certamente trata-se de tempo com traço *irrealis*.

Neste início do século XXI, esse item acumula 11 acepções no Português e cada uma delas pode remeter a um tipo específico de estrutura sintática, (cf. acepções apresentadas por Houaiss & Villar, 2001:2668)¹³. Como cada uma dessas funções assumiu um rota própria de desenvolvimentos, o conjunto dos padrões funcionais aparenta difuso e grandioso. Dado que a questão de interesse é a gramaticalização das estruturas x-que, deter-me-ei na seleção dos casos que possam dar conta desse fato.

¹³ advérbio (tanto repetiu a leitura que conseguiu decorá-la), quantificador de intensidade (bateu tanto que quase matou), pronome indefinido (não debes ler tantos livros), pronome indefinido (rua das flores, número tantos), adjetivo (tanto ódio veio a gerar incontida violência), indeterminador (pagava tantos por cento dos roubos), quantificador (ganhamos tanto pelas vendas), especificador de volume, extensão, tamanho (uma cubagem com quatro, tantos de outra), especificador de quantidade igual a outro certo número de vezes (um quadro que vale três tantos de outro) e indefinidor num grupo (entre os tantos citados, ninguém se lembrou dele)

A estrutura x-que, aparentemente uma simples conjunção circunstancial, configurada na construção “tanto (é) que”, assume uma função exemplificativa altamente argumentativa. Licencia seu uso o fato de o falante primeiro ter se posicionado sobre um assunto. A depender da insatisfação ou discordância de seu interlocutor, o falante lançará mão dessa estratégia de convicência. Seleciona, então, uma informação compartilhada e real que ilustre o caso discutido. Com essa estratégia, acaba por tornar irrefutável um argumento ou tese:

(225)você corta toda São Paulo:: acaba com o trânsito tal não pode tem que fazer... metrô elevado né? metrô elevado sai mais caro... conforme o caminho que ele faz ele... passaria em cima de PRÉdio... **tanto que** houve aquela blá blá, blá aí de:: desapropria ali o colégio:: ... ah:: não (Caetano) (42 – D2 343 – linha 415)

(226) ...e tem elementos às vezes formados em boas...universidades aí com capacidade coitado sofrendo aí ...entende? Mas o campo deles eu acho que está muito mais saturado do que o nosso... **tanto é que** :: ... eu conheço ... em :: advogados que eles estão trabalhando como... auxiliares na própria empresa entende? (olhe) que são recém-formados não há dúvida... não tem escritório não tem nada eles... (43 – D2 62 – linha 1200)

(227) L1 - ...coisa de mil novecentos e:: ... e dezoito é que começaram a fazer casimiras nacionais aqui; L2 - **tanto que** titio trabalhava para aquele é francês:::exportação de:: casimira inglesa (47 - D2 – 396 – linha 1605)

(228) ...assim porque gosto muito e venho de família italiana são óperas e cantores de ópera também procuram o estrangeiro... **tanto que** os os... o as pessoas de meu conhecimento e são bastante... que gostam de assistir.. ópera aqui no Brasil (53 – DID 251 - linha 450)

(229) ... hoje se eu tivesse que voltar e:: eu iria dez vezes à Europa e:: e não iria... aos Estados Unidos fui uma vez e acho que chega... **tanto que** quando eu fui eu poderia ter voltado pelos Estados Unidos até a diferença de passagem era mínima eu convidei minha mulher mais para ela conhecer e ela não quis também (e eu) ...até achei a idéia muito boa... eu preferi ficar mais tempo na Europa... (54 – DID 137 – linha 440)

(230) L1- ...desde que começou a haver máquina... sempre há desconfiança? L2-DEsconfiança? L1 é **tanto que** se propõe sempre aquilo... o homem... e a máquina né? (42a-D2-343 – linha 810)

(231) então tem aceitação é remunerado..agora o cinema também se encontra na mesma dificuldade.. e essas mesmas fases eles ...**tanto** citei agora pouco no no no teatro essas mesmas fases se verificam no cinema... (43b – D2 62 – linha 1450)

(232) L1- eh:: uma moça que vivia na janela o dia inteiro::nho...e que dava bola para todo mun::do então (eram) escandalosas L2- vassoura (se) chamava... L1- vassoura(ê)... L2- e **tanto** é (que aque::l/aquele) canto vassoura vassourinha né? ... chamava de vassoura quando era muito namoreadeira (44c-D2 396-linha 250)

(233) L1- aquela rapaziadinha já quis começar a usar...calça comprida.../ e um chapeuzinho diferente lá:: já queria (já não) ...já queria ser...Moço.... L2- é::sim....**tanto** (que meu) filho mais ve::lho.. e eu / compramos um terninho de:::... de calça comprida (46a – D2 396-linha 1530)

(234) ...foi aí também que começou a decadência de Hollywood... **tanto que** depois... o próprio Estados Unidos reformulou o o o seu método... e:: aí nós começamos a ver... ahn::: filmes como aqueles daqueles dois rapazes passeando pelos Estados Unidos numa motocicleta.... (49c – D2 333 – linha 725)

Um outro padrão funcional correlaciona-se com esse emprego. É o de valor consecutivo, ilustrado em (235) e (236). A correlação é tão forte, na linha de desenvolvimentos, que sua similaridade estrutural impede que se lance mão de ferramentas de busca para reconhecer suas frequências individualmente.

(235) Corria-se, a velocidade crescia progressivamente ! || Em breve o balanço foi **tanto** que o equilíbrio faltava ! || Não era mais um carro em caminho de ferro, era um | navio sobre as ondas de um mar batido por um tempo- | ral desfeito: quasi todos procurarão segurança no fun- | do dos carros ajoelhando-se ou assentando-se, porque | a posição de pé já importava um risco imminente: o | corpo banbaleava violentamente, as bordas do carro to- | cavão talvez a altura dos joelhos, possivel era perder | alguém de todo o equilíbrio e ser arrojado fora (27 - carta 475)

(236) ESCOLA DO ARUJÁ || Passando pela freguezia do Arujá, tive oc- | casião de ver ali funcionando a escola pu- | blica regida pelo *senhor* Caetano Nunes de Si- | queira, ha pouco para ali removido. Tem o | distincto professor matriculados sessenta e | **tantos** alumnos em lugar tão insignificante, | **que** muito têm aproveitado, e de entre os | quaes alguns ja estão bem adiantados, com- | quanto para a mesma escola entrassem sem | conhecimento algum das materias que ali | se ensinão. || (33 - carta 510)

Na língua falada, esses exemplos, por serem básicos, podem aparecer também com alta frequência, motivada pela aparente ambiguidade estrutural. Há casos em que a inversão pode ocorrer sem afetar o resultado argumentativo (ex. 238). O exemplo (239) afasta-se um pouco dessa função, pois, nele, a expressão sob análise sinaliza que uma opinião será apresentada.

(237) Se um dia disser assim: “Você agora vai pra vai pra ali, olhe, ajudar aquele cozinheiro ali. Se tudo que ele mandar você fazer, você tem que deixar no grau”. Certo, agora eu vou. E mostro como é que se faz, né? **Tanto é que** uma um dia assim chego uma [mu-] uma cozinheira e disse: “Josias, frita aqui empana esse esse frango aqui e e frita ele pra mim. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

(238) É, me despertou mais um: uma: uma atenção. Não sei porque, mais achei muito bom. É tanto que eu assisti várias vezes, entende? Gostei. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

(239) O país do carnaval, mais o dinheiro é fácil. O dinheiro (hes.) é do é de comando de de de: de gang mesmo de de:: quadrilhas. É fácil dinheiro muito fácil. É tanto que eles fazem bonito porque realmente:: chega fácil. (Língua falada - VALPB – HORA, D).

Numa consulta *google*, consegui os seguintes resultados. *Tanto que*: aproximadamente 30.500 resultados (0,15 segundos); *tanto é que*: aproximadamente 237 resultados (0,23 segundos).

Os resultados não refletem um único padrão funcional, o que exige reservas em generalizações que se possam fazer. *Tanto que* apresentou três padrões funcionais (Por isso eu te quero tanto que não sei como explicar; Não importa o tanto que escrevo (...) será sempre difícil para mim...; Gosto de piercings o mesmo tanto que de tatuagens.) e *tanto é que* apresentou dois padrões (O comandante geral da PM, coronel Farias, vem conduzindo a corporação com dignidade e firmeza, tanto é que não defendeu em momento algum a atitude...; Não tanto, é que tenho dificuldade de me concentrar...).

A rota de mudança depreendida dessa estrutura x-que é a seguinte: tempo > intensificação > marcador argumentativo (de irrefutabi-

lidade) > marcador de opinião. Heine e Kuteva (2002) a esse respeito não são específicos, mas listam rotas ligadas a esse uso da seguinte maneira: conditional > concessivo; go > consecutivo; mirativo > evidencial, inferencial; relativo > complementizador. Essas rotas, contudo, apresentam alguma relação com o fato estudado, mas não referendam o deslizamento operado com tanto que no português.

Conclusões

Quando iniciei as investigações sobre estruturas x-que, há aproximadamente quatorze anos, fazia todo sentido pensar que, ao final do projeto, eu encontraria uma regra geral, um comportamento mais abrangente que explicasse o movimento de mudança dessas estruturas na língua portuguesa. Ao longo do período de investigação, desenvolvi estudos isolados sobre locuções conjuntivas variadas e concluí o projeto com um relatório recheado de informações interessantes, mas desconectadas dessa unidade pretendida.

Faltava distanciar-me mais dos dados, no sentido de tomá-los em sua globalidade. Recentemente, com as leituras feitas sobre cognição, pude reconhecer um caminho explanável: o da cena comunicativa e das intenções que ali se constituíam por meio de ferramentas sintáticas. Passei a olhar para a sintaxe de fato como *output*; percebi que, se quisesse descobrir algo mais sobre o processamento prévio, teria que invadir os espaços de atenção conjunta e deles observar os efeitos linguísticos. Passei a olhar para os processos de *gramaticalização* como um processo cognitivo-social, nessa ordem.

Como nossos estudos e leituras (nosso *background* pragmático) não podem ser neutralizados nos passos seguintes, naturalmente fui reconhecendo similaridades entre posturas teóricas e até mesmo transpondo um conceito linguístico a outras dimensões mais amplas. Associando o que dizia Dik (1997) sobre os tipos de memória ao que dizia Bybee sobre frequências, reconheci uma ligação estreita entre cognição e gramática. O papel do contexto (cf. Givón, 2005) passou a relacionar-se mais diretamente à frequência de uso e à constituição de uma memória de longo-termo. Pude estabelecer a relação entre memória de longo termo e processos filogênicos e entre a memória de curto termo (episódica) e processos ontogênicos. A evolução das estruturas

x-que pareciam ser um perfeito exemplo dessas relações. Foi o que demonstrei durante a elaboração do capítulo I deste livro.

Nele, assumi que língua é interação, é sociedade e é, antes de tudo, uma forma de cognição. Por isso, busquei alinhar diálogos entre a teoria da gramaticalização e a teoria da cognição, mesmo porque, em alguns pontos da análise funcionalista, é impossível separá-los. Na seção 1, em que postulei que gramaticalizar é um processo cognitivo-social, discuti o papel da memória de longo termo e da memória de curto termo (episódica) na organização das informações codificadas sintaticamente. Na seção 2, em que ratifiquei o princípio da unidirecionalidade, postulei que mecanismos cognitivos atuariam de forma conjunta e às vezes de forma sobreposta para que o sistema ganhasse (re)vigor. E reclamei espaço de destaque à metonímia, deflagradora da metáfora nas estruturas x-que.

No capítulo II, cujo objetivo era explicitar a forma de desenvolvimento analítico dos dados da pesquisa, expus as motivações que tive para recolher dados em edições filológicas, em transcrições de língua falada e no *site* de busca *google*, este certamente um meio polêmico na Academia em 2010, quando concluí os estudos sobre o tema. Antes, contudo, de me render à praticidade dessa ferramenta, busquei compreender quais meios de controle e de acesso eu teria à disposição durante a busca de dados. Descobri, durante essa busca, que esse meio permitia o contato com nichos sociais totalmente fora de minha esfera de relações e também provavelmente excluídos de bases de dados diacrônicas. Dentre as opções de filtros disponíveis, optei pelos seguintes critérios: i. geográfico (considerarei somente páginas brasileiras); ii. temporal (considerarei informações inseridas somente nas últimas vinte e quatro horas do dia 28.08.2010); iii. relevância (considerarei a organização por índice frequencial de acesso por internautas). Com esses filtros, cheguei aos seguintes resultados:

Locução	resultados aproximados	tempo da busca (em segundos)
ainda que	780.000	0,11
ainda mais que	133	0,21
antes que	25.500	0,11
assim que	895.000	0,12
até que	128.000	0,11
bem que	58.500	0,14
se bem que	1.480	0,14
em como quer que	0	0
como quer que	47	0,12
como que	17.800	0,11
logo que	13.100	0,10
pois que	1.030	0,12
só que	82.200	0,19
mas só que	251	0,18
tanto que	30.500	0,15
tanto é que	237	0,23

Tabela 12: Resultados gerais de frequências

Excluídos da discussão tecida durante a análise (Capítulo III), esses resultados tornam-se opacos e desmotivados. Não há dúvida de que, nessa tabela, apresentam-se indicativos de frequência *token* e, comparando-os, posso projetar uma hierarquização de itens mais produtivos no português brasileiro. O estudo da produtividade exigirá, contudo, uma análise pormenorizada de cada tipo de ocorrência, pois, como alertei anteriormente, devem-se excluir desse conjunto estruturas ambíguas, ou seja, aquelas que têm mesma aparência, mas não funcionam como locuções conjuntivas.

Apesar dos equívocos que possam sugerir em termos de produtividade, a frequência *token* pode ser representada em forma de gráfico para favorecer uma visualização mais plausível da distribuição comparativa desses dados. Certamente podem servir de ponto de partida para reflexões mais profundas sobre a questão da atuação de frequências:

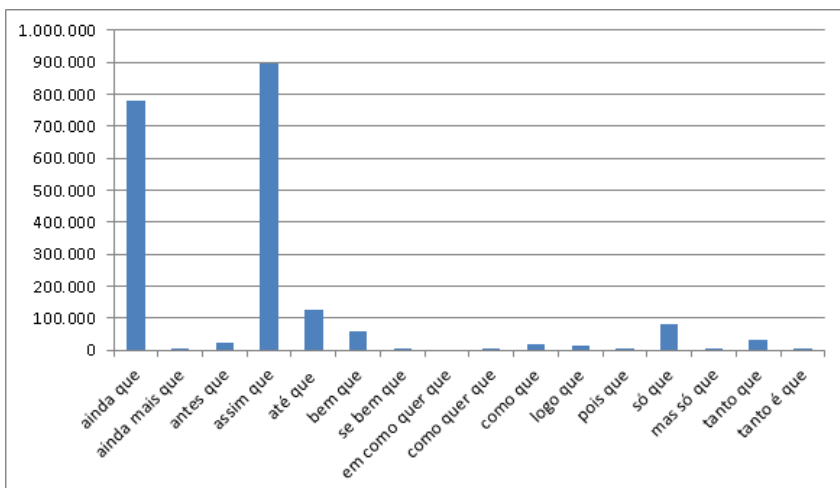


Gráfico 1: distribuição de usos

Quanto às rotas de gramaticalização e atuação de categorias cognitivas, posso, no momento, organizar as locuções segundo duas categorias básicas: tempo e modo.

a) locuções baseadas na categoria **tempo**

ainda que: tempo > inclusão > intensificação > quebra de expectativa.

antes que: tempo > priorização da ação > imperatividade(?)

assim que: tempo (símile) > resumitivo de fato relatado > irrefutabilidade

até que: tempo (limite) > intenção de limitar esforço/sensação

logo que: tempo > tempo de outra oração

pois que: tempo > tempo/causa > causa > causa/concessividade

tempo ----- > causa > conclusão

só que: tempo > quebra de expectativa > contraste

tanto que: tempo > tempo/intensificação/irrefutabilidade > opinião

Notemos o comportamento parcialmente similar na função de “irrefutabilidade” de *assim que* e *tanto que*. Não é objetivo, neste mo-

mento, fazer um estudo de aproximação, no entanto, compete-me deixar aqui explícita a transformação por que passou a locução “tanto é assim que” > tanto que. Dessa forma, deixo sinalizada a razão de eu reconhecer essas locuções como semelhantes em função ligada ao argumento irrefutável.

b) locuções baseadas na categoria **modo**

bem que: modo > intensificação > esforço de realização
 se bem que: modo > símile > operador discursivo de exceção
 como quer que: modo > volição
 como que: modo > vagueza/incerteza>aproximativo /imprecisão

Todos os itens estudados deixam o âmbito das relações puramente efetivadas no plano da sintaxe e migram para um plano mais pragmático-discursivo. Algumas passam pela função textual, no sentido de, em alguma fase de evolução, atuar na organização do texto. Cumprida essa etapa, continuam se abstratizando e atingem o plano das intenções quase sempre sutis na marcação sintática.

Em muitas das estruturas x-que que se gramaticalizaram em locuções conjuntivas, houve a atuação primária da metonímia (incorporação de conteúdos no encadeamento sintático) e depois, tendo em vista a desnecessidade de codificação de um segmento, a atuação metafórica (aproximação de uma estrutura x-que da composição formal de uma locução conjuntiva). O resultado é um só: reanálise do conteúdo formal de acordo com tendências mais gerais da língua (em produtividade e em frequência).

O que orienta a reanálise é justamente um processo de harmonia do sistema linguístico. As estruturas x-que são harmonizadas no conjunto das locuções conjuntivas, que têm a mesma configuração formal, com propriedades que se mantêm em nova combinação se-

mântica, produzindo um efeito inovador na situação comunicativa. É dessa forma que uma estrutura x-que é absorvida pela nova categoria e passa a seguir a trajetória de evolução dessa nova classe, insuspeitamente, sem chamar a atenção para sua forma, tal como um camaleão.

Ainda muitas questões precisam ser feitas e respondidas, mas já são decorrentes dos resultados alcançados neste estudo, os quais espero constituam-se contribuições para um passo maior que se precise dar. Até onde pude chegar, resta fortalecida a convicção de que duas são as motivações para o processo de deslizamento funcional em três instâncias: conversacional, linguística e cognitiva.

a) instância conversacional:
motivação interna (expressividade);
motivação externa (repertório do interlocutor).

b) instância linguística:
motivação interna (categorização);
motivação externa (contexto típico).

c) instância cognitiva:
motivação interna (inferência, explicaturas);
motivação externa (ambiguidade, reanálise).

Cada uma dessas instâncias integra um só espaço: o espaço de atenção conjunta construído no momento da situação comunicativa. A ele deve-se recorrer para entender o processo e seus efeitos, porque é nele que se surpreende a mente agindo na língua.

Bibliografia e documentação

EDIÇÕES CONSULTADAS

Documentos manuscritos da Faculdade de Direito da USP: 1827-1829. Edição elaborada por Mônica Pinto Cencic. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2009.

Diario da Navegação do Rio Tieté, Rio grande Paraná, e Rio e Gatemy em que se dá rellação de todas as couzas mais notaveis destes Rios, seu curso, sua distancia de todos os mais Rios que se encontraõ, Ilhas perigos, edetudo o acontecido neste Diario pelo tempo de dous annos, e dous mezes Que principia em 10 de Março de 1769. Escrito pelo Sargento Mór Theotonio Joze Juzarte.

Testamento de D.Afonso II [1214]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. Textos Medievais Portugueses. Coimbra: Coimbra Ed., 1967 (pp.397-404). 9a edição.

Notícia de Torto [1212]. Edição de Correa de Oliveira e Saavedra Machado. Textos Medievais Portugueses. Coimbra: Coimbra Ed., 1967. (pp. 404-412).

Cantigas d'Escarnho e de Mal dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Edição crítica elaborada pelo prof. Manoel Rodrigues Lapa. Vigo: Editorial Galaxia, 1965.

Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria. Edição de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959, vol. I (pp. 21-38).

Afonso X - Foro Real. Publicada por José de Azevedo Ferreira. Vol. I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 (pp.125-143)

Corpus Diacrônico Do Português. Vol. I - século XIII, organizado por Fernando Tarallo. Campinas, Unicamp, 1991.

Documentos cartoriais do acervo do Arquivo Histórico Dr. Félix Guisard Filho, de Taubaté. São inventários e testamentos de Domingos Gomes da Costa, de 1671, de Maria Moreira, de 1675 e de Bartolomeu Cunha Gago,

de 1685. Há também um documento de “Carregação de João Cavaleiro feita ao Capitão Amador Bueno da Veiga, de 1700 - cartas oficiais ao governo do estado do Brasil e das capitânias, In: Megale & Toledo Neto. Por minha letra e sinal.

Diários bispo do século XIX e cartas pessoais do século XX. Editados por José Roberto Mathias, Maria Célia Lima-Hernandes e Patrícia Carvalhinhos sob o título: *Corpus diacrônico para o Projeto História do Português da Cidade de São Paulo*. São Paulo: USP, 1996. (Material inédito)

Entrevistas: língua falada transcrita por integrantes do Projeto Variação Linguística na Estado da Paraíba. Coordenação: Dermeval da Hora. João Pessoa: Ideia.

Escutas telefônicas derivadas de investigações secretas do DEOPS-SP. Edição semidiplomática elaborada por Anna Karolína Miranda Oliveira. São Paulo:USP Inédito, 2008.

Cartas dos séculos XVIII e XIX – Aldeamento de índios, Cartas paulistas da BNRJ, Correspondência passiva de Washington Luís. Editada por José da Silva Simões e Verena Kewitz. São Paulo: Humanitas, 2006.

Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores .Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Publicação organizada por Afranio Barbosa; Célia Lopes (orgs.) . São Paulo: Humanitas/2004

A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999. Editada por Heitor Megale.

Documentos da época do ouro. Publicação organizada sob o título *Por minha letra e sinal*, por Heitor Megale & Sílvio de Almeida Toledo Neto. SP: Ateliê, 2006.

A Demanda do Santo Graal. (Edição de Joseph Maria Piel, concluída por Irene Freire Nunes, com introdução de Ivo Castro). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 (pp. 69-78)

A Demanda do Santo Graal. Volume I. Editada e publicada por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

Teses, dissertações e produções acadêmicas revisitadas

ÁVILA, Maria Carolina. *Propriedades semânticas e alternâncias sintáticas do verbo :um exercício exploratório de delimitação do significado*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006.

BARROSO, Paulo Henrique de Oliveira. *Vias de abstratização do verbo BUSCAR no Português brasileiro culto: interface entre gramaticalização e gêneros do discurso*. Dissertação de Mestrado. Programa de Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

BATISTA, Adriana Santos. *Rotas de Gramaticalização no português: estruturas tirar-que no português culto de São Paulo*. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica entregue à Fapesp (processo 07/01331-0). São Paulo, 2008.

BERNARDO, Kelly Viviane. *Estruturas serializadas no português do Brasil: a gramaticalização de VIR e VIRAR e sua identificação como verbo serial*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, 2008.

CÂMARA, Aliana Lopes. *Multifuncionalidade e gramaticalização de Já no português falado culto*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2006.

CANDIDO, Fernanda Maria. *Os diferentes padrões das construções com POIS: de advérbio juntor a marcador discursivo*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Unesp, 2009.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2004.

CASSEB-GALVÃO, Vânia. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 1999.

COSTA, Juliana Rochetto; IKEDA, Raura Monique; GUIDOTTI, Rodrigo Martins Caçador. *O funcionamento da partícula que como ferramenta de abstração do verbo, exemplificado pela expressão vai que*. Monografia produzida

durante o curso Sintaxe do Português, na graduação em Letras, da FFLCH-USP, 2007 (inédito).

DEFENDI, Cristina Lopomo. *A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização?* Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, 2008.

DIAS, Nilza Barrozo. *As Cláusulas de finalidade*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.

FERREIRA, Beatriz del Grossi. *Gramaticalização dos itens ainda e sempre no português culto de São Paulo*. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica. USP/FAPESP, 2006.

GALVÃO, Vânia Casseb. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 1999.

GANZELLA, Livia Mara; BOLFARINE, Mariana; ALVES, Rafael Ramalho. A conjunção (ou locução conjuncional) 'PERO' na Demanda do Santo Graal. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no Português do Brasil*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Interface Sociolingüística/ Gramaticalização – estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

NOGUEIRA, Priscilla de Almeida. Rotas de Gramaticalização no Português do Brasil: a estrutura *meio que*. Projeto de Pesquisa CNPq, 2007. São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/ USP (texto inédito).

OLIVEIRA, Taísa Peres de. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. Tese de doutorado. Araraquara: Unesp, 2008.

OLIVEIRA, Claudemir Silva. Rem: presença de arcaísmo no português medieval. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

PAL, Dayane Cristina. 2005. *“Aí fui inu, fui inu, aí eu peguei arrumei uma casa no capoava lá.” Construções seriais em português brasileiro: estudo com dados da comunidade negra de Pedro Cubas, Vale do Ribeira/ SP.* Dissertação de Mestrado em Lingüística. São Paulo: Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Roberto Aparecido. *Para qual trajetória seguirá a conjunção subordinativa causal **já que**.* Monografia produzida durante o curso Sintaxe do Português, na graduação em Letras, da FFLCH-USP, 2007 (inédito).

RODRIGUES, Angélica Terezinha. *Aí eu peguei e fiz esta tese – as construção foi e fez no português carioca.* Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp, 2006.

SARTIN, Elisângela Baptista de Godoy. 2008. *Gramaticalização de combinação de orações: estrutura para+infinitivo no português.* Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/Universidade de São Paulo.

SANTOS, Elisa Cristine dos; NASCIMENTO, Juliana Jesus do; SILVA, Litsa M. Santos da. *A palavra que e os verbos mentais.* Monografia produzida durante o curso Sintaxe do Português, na graduação em Letras, da FFLCH-USP, 2007 (inédito).

SILVA, Alexandre Costa Félix da & CONSTANTINO, Ariane. *A partícula que – análise dos usos da palavra que.* Monografia produzida durante o curso Sintaxe do Português, na graduação em Letras, da FFLCH-USP, 2007 (inédito).

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista.* 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

SPAZIANI, Lúdia. 2008. *A gramaticalização do item fora no português do Brasil: a unidirecionalidade do processo.* Dissertação (Mestrado em Filologia e

Língua Portuguesa) – São Paulo: Programa de Filologia e Língua Portuguesa/ Universidade de São Paulo.

TAIT, Breno; PEREIRA, Daniel Sanches; NOTARI, Isaldo; PEN, Jacqueline. Ende – o vocábulo no texto *A Demanda do Santo Graal*. Artigo inédito produzido durante curso de Filologia Portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

VICENTE, Renata Barbosa. *Mudança gramatical da palavra afinal e sua gramaticalização num contraste entre variedades linguísticas – Português do Brasil e de Portugal*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

Sites – Extração De Textos E Exemplos¹

[Banco de dados Professor José Lourenço de Oliveira:](http://www.letras.ufmg.br/lourenco/banco/index.html)

<http://www.letras.ufmg.br/lourenco/banco/index.html>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Mário. *Últimos estudos*. Rio de Janeiro: Epasa, 1944.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de doutoramento. Salvador: UFBA, 1999, volume II, tomo I.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia & MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (orgs.). *O português quinhentista – estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002 (pp.161-193

¹ Alguns sites foram consultados durante o ano de 2009 e 2010. Em 2020, revisitamo-los para revisão do texto e conferência de fontes. Alguns dos sites não mais estavam disponíveis. São eles: http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=de_esoterico.terra.com.br/vidainterior/interna/o..OI866675-EI5932.oo.html www.dharmanet.com.br/amitabha/quemeamida.html

BATISTA, Adriana. Rotas de gramaticalização no português do Brasil: estruturas “tirar-que” no português culto de São Paulo. In: *VI Simpósio Internacional do Projeto de História do Português Paulista* (PHPP – Projeto Caipira), São Paulo-SP. Caderno de Resumos, 2007, p. 17.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERTOLOTTI, Virginia. La cuestión de *vuestro/a(s)*: vitalidad medieval y clásica en el español del Uruguay. In: BERTOLOTTI, Virginia; CAVIGLIA, Serrana; COSTA, Sylvia; GRASSI, Mariela; MALCUORI, Marisa; NÚÑEZ, María Dolores Muñoz. *Estudios de Lingüística Hispánica*. Espanha: Universidade de Cadiz, 2007 (pp. 17-42).

BISANG, Walter. Grammaticalization and Language Contact, Constructions and positions. In: RAMAT, Anna Giacalone & HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998 (pp.13-58)

BRAGA, Maria Luíza. E aí se passaram dezenove anos. In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Faperj/Contracapa, 2003 (pp.159-192)

BRINTON, Laurel J. & TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967 (3ª edição).

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell (pp. 602-623). www.unm.edu/~jbybee, 2003.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. –Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

CABRERA, Juan C. Moreno. An relationship between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, Anna Giacalone & HOPPER, Paul J. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998, pp. 211-228.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: Tânia Lobo; Ilza Ribeiro; Zenaide Carneiro. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Novos dados, novas análises. 1a. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, v. 6 (1), 2006, p. 223-296.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de *et alii*. *Projeto história do português paulista. Projeto temático Fapesp*, 2006.

CEZARIO, Maria Maura. Graus de integração de cláusulas com verbos volitivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário (orgs.) *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004 (pp. 50-81)

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CLARK, Herbert H. O uso da linguagem.. In: GARCEZ, Pedro M.(org.). *Cadernos de tradução* (9), Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2000. (pp. 55-80) Tradução de Nelsonde Oliveira Azevedo e Pedro M.Garcez.

COUSIN, Jean. *Évolution et structure de la langue latine*. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1944.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística Funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 29-55.

DEL NERO, Henrique Schützer. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitionis, 1997.

- DIK, Simon C. *The theory of Functional Grammar*. Part 2: Complex and Derived Constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. (edited by Kees Hengeveld)
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar: the structure of the Clause*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DU BOIS, John W. Competing Motivations. In: Haiman, John. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1984, pp. 343-365.
- EVERS-VERMEUL, Jacqueline. Unidirectionality in the grammaticalization of temporal connectives? In: *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- FILLMORE, Charles. Subjects, Speakers, and Roles. In: Davidson, Donald; Harman, Gilbert (eds.). *Semantics of Natural Languages*. Dordrech: D. Heidel Publishing Co., 1972, pp. 1-24.
- FRAJZYNGIER, Zygmunt. *Grammaticalization of the complex sentence: a case study in Chadic*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- GILI Y GAYA, Samuel. *Curso superior de Sintaxis española*. Barcelona: Publicaciones y Ediciones Spes, 1955.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (organização). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GRANDGENT, Charles Hall. *Introduccion al latin vulgar*. Tradução de Francisco de B. Moll. Publicaciones de la revista de filologia espanõla, 1952.
- HAIMAN, John. "Ritualization and the Development of Language. In Wm. Pagliuca (ed.). *Perspectives on Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994, pp. 3-28.

- HARRIS, Alice C. & CAMPBELL, Lyle. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HASPELMATH, Martin. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991a.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar – evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991b, pp. 149-187.
- HEINE, Bernd & REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African Languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2002.
- HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HOFMANN, Johann Baptist. *El latim familiar*. traduzido e anotado por Juan Corominas. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958 [1925].
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991, pp.17-35.
- HOPPER, Paul J. The paradigm of the End of the Universe. In: RAMAT, Anna Giacalone & Hopper, Paul. (eds.) *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998, pp.147-158.

- HOPPER, Paul J. Some recent trends in grammaticalization. In: *Annual Rev. Anthropology* (25), 1996, pp. 217-36.
- HOPPER, Paul. J.; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56 (2): 251-299, 1980.
- HUBER, JOSEPH. *Gramática do Português Antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- IRMÃOS MARISTAS. *Gramática Latina Ragon*. São Paulo: Editora do Brasil, 1961.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University Press, 1972.
- LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística Románica*. Madrid: Gredos, 1970[1963].
- LEHMANN, Christian. Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile* 20:303-318, 1985.
- LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Gramaticalização de estruturas x-que no português do Brasil*. Texto apresentado no XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevideu , 2008.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Esquecimento histórico e mudança lingüística: um risco de vida no português brasileiro*. Trabalho apresentado no 56º Seminários do Grupo de Estudos Lingüístico de São Paulo. São José do Rio Preto: UNESP, 2008.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Modalidades orientadas para o falante: propriedades divergentes. In: 50º Seminários do GEL, 2002. *Cadernos de Resumos do 50º Seminários do GEL*. São Paulo : GEL. p. 183-184.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia . Two principles, one path: relationship between unidirectionality and iconicity in linguistic processing. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *História do português paulista*. 1ed. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, v. 1, pp. 479-494.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. & CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Polaridade no encaixamento. In: KEMMLER, Rolf; SCHLIEBEN, B.; SCHONBERGER, A. (Horgs.) *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung*. 1 ed. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2006, v. 1, pp. 257-266.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *A gramaticalização e o processo de metonímia: incorporação da negação no Português*. Trabalho apresentado no XI SILEL, na Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Ordem das orações não-finitas do português arcaico. *Caderno de Resumos da 52ª Reunião da SBPC*. Brasília: Unb, 2000.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Orações adverbiais temporais conectivas no português popular de São Paulo. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Axel (eds) *Estudos de sociolinguística portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a, pp.125-135.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial. *Veredas* (v.8). Juiz de Fora: UFJF, 2004, pp.215-232.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Gramaticalização, (inter) subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1772-1779, 2006. [1775 / 1779]

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1971.

MACMAHON, April M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARGERIE, Hélène. From downgrading to (over) intensifying. In: KECSKES, Istvan & HORN, Laurence R. *Explorations in Pragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, pp. 287-311.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo *et alii*. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTELOTTA, Mário. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário (orgs.) *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, pp. 82-136.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & RODRIGUES, Lucilene. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, pp. 221-236.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Maia: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1989.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmia, 1959.
- MEILLET, Antoine. L' évolution des formes grammaticales. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912].
- MENDONZA, Francisco José Ruiz de; BAICCHI, Annalisa. Illocutionary constructions: cognitive motivation and linguistic realization. In: KECSKES, Istvan & HORN, Laurence R. *Explorations in Pragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, pp. 95-128.
- MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, Charles (Ed.) *Historical Linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, 1993, pp. 215-236.
- MITHEN, Steven J. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002[1996].

2 demais autores: Mariangela Rios de Oliveira, Maria Maura Cezário, Angélica Furtado da Cunha, Sebastião Votré, Marcos Antonio Costa, Victoria Wilson, Eduardo Kenedy, Márcio Martins Leitão e Roza Palomanes.

- MOESCHLER, Jacques. The role of explicature in communication. In: KECSKES, Istvan & HORN, Laurence R. *Explorations in Pragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, pp.73-94.
- NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface Sociolinguística/ Gramaticalização. *Gragoatá*. Niterói (9), 2000, pp. 125-134.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Palavras lexicais e palavras gramaticais. In: *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. SP: Ed. da Unesp, 2002.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica do português*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1930.
- OLIVEIRA FILHO, A. Marques de. *Do complexo sintático para o complexo morfológico e dêste para aquele*. Evoluções morfológicas progressivas e evoluções morfológicas regressivas nas línguas em geral, e no indo-europeu, em particular. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.
- PAIVA, Maria Conceição de & PEREIRA, Marli Hermenegilda. Estudo sintático das orações introduzidas pelas construções (prep) + det + N temporal + (prep) + que. *Veredas* (v.8). Juiz de Fora: UFJF, 2004, pp. 245-258.
- PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Gulbenkian, 1966[1920]. Tradução de Maria Luisa Schemann.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9ª edição. São Paulo: Nacional, 1935. (contém Prólogo datado de 1915).
- PETER, José Ladislau. *Gramática latina*. Remodelada, revista e aumentada por Marques da Cruz. São Paulo: Melhoramentos, 1943.
- QUADROS, Jânio. *Gramática histórica*. In: Curso Prático de Língua Portuguesa. São Paulo: Ed. Formar, 1966.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950 [1890].
- SAID ALI, Manoel. *Gramática Secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

- SAID ALI, Manoel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Edições Melhoramentos, 1966.
- SPAZIANI, Lúcia. *Deslizamentos gramaticais da estrutura fora+que*. Trabalho apresentado no VI Simpósio Internacional do Projeto Caipira. São Paulo: USP, 2007.
- SWEETSER, Eve E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988, pp.389-405.
- SWEETSER, Eve E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.
- TAYLOR, John R. Polissemly and meaning chains. *Linguistic categorization: prototypes in Linguistics Theory*. Oxford: Claredon Press, 1992 [1989], pp.99-121.
- TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 2003[2000].
- TOMASELLO, Michael; BATES, Elizabeth. (eds). *Language Development – the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2002.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From propositional to textual and expressive meanings; Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, Winfred P; MALKIEL, Yakov (Eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1982, pp. 245-271.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In: AXMAKER, Shelley; JESSIER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.) *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988, pp.406-416).
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) The grammaticization of the german modal particles. In: *Approaches to grammaticalization*. Volume II, 1991, pp.331-380.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & KÖNIG, Ekkehard. Semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1991, pp.189-218.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & Bernd HEINE (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

VOSSLER, Karl. *Filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944[1923]. [Tradução de Amado Alonso e Raimundo Lida.]

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp.27-44.

VOTRE, Sebastião Josué; MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura da Conceição. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZIEGELER, Debra. Redefining unidirectionality: is there life after modality? In: WISCHER, Ilse; DIEWALD, Gabriele (Eds.). *New Reflections on grammaticalizations*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

Sobre a autora

Maria Célia Lima-Hernandes é Professora Titular e Pesquisadora da Universidade de São Paulo. É também Pesquisadora com Grant do CNPq sobre a sociocultura da China, investigando o Português como Língua de Herança e como Língua Adicional. É Doutora em Linguística Teórica pelo Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, com qualificações em Linguística Antropológica e Sociolinguística, Mestre pela USP junto ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa, Especialista em Gramática (Lato Sensu - S.Judas Tadeu), graduada pela FEC-ABC (Letras-Inglês) e São Judas Tadeu (Letras-Francês). Anos mais tarde, titulou-se no Máster em Neurociências (Universidad Europea Miguel de Cervantes - IAEU - Espanha). Foi professora visitante na Universidad de la Republica (Uruguai), na Universidade de Estudos Estrangeiros de Sichuan (China) e na Université de Lille (França). Ao longo de sua trajetória foi orientada por influentes pesquisadores, dentre os quais estão Angela Rodrigues (USP), Maria Luiza Braga (UFRJ), Daniel Braun (IAEU), Alan Baxter (UMac) e Maria José Grosso (UMac). Essa trajetória a conduziu a pensar a relação entre linguagem e cognição em grupos de pesquisas e em equipes interdisciplinares, destacando-se diálogos consistentes com o Instituto de Psicologia da USP, Instituto de Física da USP, Universidad de Los Lagos, Laramara para Cegos e Instituto Braille de Jundiaí, dentre outros. Orienta trabalhos de pré-iniciação científica, iniciação científica, mestrado, doutorado e posdoutorado. no Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição, que lidera desde 2006.

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes
Universidade de São Paulo
University of Sao Paulo